This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

3 3433 08159984 1

DEC 3 1913

JAMES W HAWES
SEPT 21 10

BIBLIOTHECA MORÉ

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇOS DE APRECIAÇÕES LITTERARIAS

PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA
1865.

J. W. Howes;
from Portuguese dept
Philadelphia Exhibition
Received March, 187

ESBOÇOS DE APRECIAÇÕES LITTERARIAS

ESBOÇOS DE APRECIAÇÕES

LITTERARIAS.

POR

Camillo Castello Branco

PORTO:
EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA.
1865.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
524107
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1 1

PORTO: 1865.—Typographia Commercial,
rua de Bellomonte n.º 19.

DUAS PALAVRAS

Colligimos e publicamos alguns esboços de apreciações, que indevidamente nomeariamos *criticas*.

A saudade foi buscar a primeira a mui remotos tempos. Quinze annos entre o homem de hoje e o homem que afferia o quilate do melhor romance, que os prelos deram n'aquelle anno! O author do SCEPTICO ha onze annos que largou o fardo da vida não sei em que obscura vala do cemiterio dos Prazeres! Pobre D. João d'Azevedo! nobre infeliz, que pasmoso talento a politica e a miseria te mataram!

D'esta minha critica ao seu romance dizia elle a Evaristo Basto: «É uma cabeça desproporcionada com o resto do corpo.» Fôra moderado no epigramma o meu amigo. Eu andei agora a procurar a cabeça da critica, e achei que é isso justamente o que ella não tem. E, assim mesmo, trasladei-a para este livrinho. Induziu-me a saudade do tempo em que eu fabricava d'estes monstros.

Relendo o que escrevi, ha sete annos, com re-

ferencia ao snr. Joaquim Pinto Ribeiro Junior, meu muito querido poeta e por igual amigo, achei ahi muito que mondar na folhagem da elocução. Apenas retoquei alguma palavra; que o sentir e ajuisar dos seus poemas é inalteravel.

Ao publico certo é que não importam as differenças e mudanças que o tempo vai lenta ou velozmente operando no espirito do escriptor, que elle favorece; assim é; todavia, permitta-me o leitor que eu conserve n'este livro um como itinerario, em que ficam demarcados os estadios que fui ganhando até isto que sou, e em que a idade e a extrema e extraordinaria fadiga poz ponto final.

Dei-me pouco a este genero de escriptos, temeroso das difficuldades. Poderia, porventura, vencer algumas das venciveis a todo escriptor applicado; mas a minha sáfara era outra, e o tempo escasso para me sahir acceitavelmente d'ambas.

A critica, em Portugal, é quasi impraticavel por duas causas: a primeira é que somos poucos a escrever, e nos apertamos cordialmente a mão todos os dias; a segunda é que, por este theor de vida, nenhum escriptor se faria um nome que o compensasse dos dissabores e da pouquidade dos lucros.

Bem m'o diz a razão que será este o menos estimado dos meus livros: pouco ha ahi quem queira saber o que diz d'outro, um escriptor quando o não detrahe e injuría.

Lisboa, 21 de Março de 1863.

Camillo Castello Branco.

ESBOÇOS DE APRECIAÇÕES LITTERARIAS

O ROMANCE

POR

D. JOÃO D'AZEVEDO

I

Inventaram-se, ha seculos, prodigios de valentia e archivaram-se em mirificas paginas de romance, com grande nomeada para seus auctores e aproveitamento do publico. É que a força era o espirito vital d'essas gerações materialmente heroicas.

O romance de então, se alguma vez se detem analysando affectos, ou, de passagem, investiga phenomenos sómente espirituaes, isso procede da necessidade de alumiar o quadro tetrico da pancadaria com umas idealidades vagas de poeticos amores.

Urgia robustecer com os mesmos estimulos que pelo ordinario amollentam. Dava a natureza os elementos, e o romancista recompunha-os, e enfeitava-os com asiaticos embellecos. Era a mulher anjo nos salões, e anjo nas batalhas: no salão via-se o homem

grosseiramente humilde; na batalha, grosseiramente carniceiro: humilde e carniceiro por influxos d'intimo amor, se alguem lhe chanceasse o timbre do seu joel, tinha incontinente o craneo partido até aos queixos inclusivè.

Além da mulher, como incentivo de cutilada, os alentos acoraçoavam-se d'uma utopia, que nem coisa era: chamava-se *patriotismo*. Ahi estão as duas grandes molas — duas grandes chimeras, abolidas, com vilipendio, da muito escorreita eschola reformada.

Hoje que o espirito de discussão é rei no throno da intelligencia, quem tiver a valentia logica de provar a preponderancia da mulher e patriotismo como incentivos de bravura, dá-nos ansa a suppôr que é preciso aforar nas celestiaes jerarchias o coração da mulher, corrigir-lhe as fórmas materiaes, rebaptisal-a com as mais peregrinas nomenclaturas das *Floras*, toucal-a de estrellas, vestil-a de iris, regeneral-a, emfim, com os delirios da imaginativa para que o homem saia fóra de si mesmo e de sua bruta natureza.

Isto é optimo em poesia, é; porém, no seculo atrozmente positivo como elle vai, o homem rasga a venda que o lyrismo lhe atou, ri das chimeras, e resurge são e escorreito d'uma catalepsia d'amor, que, quando muito, o atrophiou tres semanas.

Será mister reaviventar a mythologia para insuflar espiritos novos ao coração intanguido d'esta prosaica humanidade?

Não. Basta a estimular a fleuma de qualquer o amor proprio ferido, á mingua d'outro sentimento vulneravel.

Dou de barato que a si mesmo se ande mentindo o homem, e da fallacia tire impulsos de brio; dou que a mulher exalte o coração como o absyntho inflamma as faculdades intellectivas; concedo mais que a mais prosaica das senhoras minhas conhecidas, seja uma Floripes, uma heroina de Vasco de Lobeira ou de Francisco de Moraes; tudo cêdo, menos o direito de provar que o homem é um pateta.

Antes de ler o *Sceptico* do snr. D. João d'Azevedo já assim pensava. Estou em analyse d'um romance, e aproveito a occasião de me ir analysando. Critica, que principia por nós, é a melhor de todas.

Disse eu que a força e a robustez era o espirito vital das velhas gerações brutalmente heroicas. Mudaram os tempos e os costumes. O cura, e a ama, e o barbeiro do fidalgo da Mancha queimaram com os setenta volumes de cavallarias o melhor do prestigio das damas.

Que tempos lá vão!

O leitor, se tivesse nascido ha não sei quantos seculos, ou a humanidade não progredisse até esta pôdre calmaria chamada civilisação, imagine que se enamorava da sua visinha castellan, e eu tinha a desventura de passar na estrada ou ponte em que sua senhoria dava publico pregão e testemunho do seu amor. Ahi me sahia o meu amigo com estas e quejandas apostrophes extrahidas da profundeza do papo: «Á fé de paladim, e pela mais donosa das damas, te requeiro que não passes ávante, dom cavalleiro, que se tua mofina o quer, nas más horas vens; que assim te juro que azinha te abrirei pela gorja, á guisa de pêrro.»

A mulher d'então valia isto.

Depois de Cervantes, a mulher, como papel moeda em ministerio fallido, baixou do valor nominal que tivera. Deu ella causa a ser descripta como o snr. D. João d'Azevedo a descreve, e muitos outros vultos litterarios de igual e superior nomeada. Foi ella a primeira a rir-se dos encarecimentos com que os poetas a lisongeam, ou, peor ainda, dedignou-se de receber os incensos da poesia, dizendo que não queria atordoar-se com o fumo, e deixar ir no fumo seu coração, reservado para destinos mais solidos, sonantes, e tangiveis.

Os scepticos, esta praga de sugeitos que por ahi enxameia chamados *scepticos*, foram as mulheres que os fizeram, quando não são os romancistas que fazem semelhantes demonios.

Não assim este do snr. D. João d'Azevedo, que não é nada semelhante ao Ssaphi da Salamandra, que toda a gente hoje lê, e que farte ha ahi rapazes de boa condição que querem imitar.

Vejamos que inoffensiva creatura é este sceptico da imaginativa opulenta do celebrado escriptor bracharense.

II

Em fevereiro de 1845, atravessava, cruzava, e escoava-se por travessas, ruas, e becos de Lisboa, um homem enfastiado da cidade monotona, calejado

para todas as impressões ordinarias, sceptico, para dizer a coisa de uma assentada.

Recordando-se, por desfastio, da triste figura que alguns seus amigos, crentes e amantes, na noite anterior fizeram n'um baile, passava o snr. Jorge na Ribeira velha, e viu uma linda rapariga, vendendo fructa n'uma barraca. Tão linda era que o sceptico deslumbrado, como qualquer crente, entrou n'essa barraca, comprou tangerinas, com o duplicado fim de insinuar-se n'alma da mocinha, salvando-se da curiosidade de uma velha que era avó da snr.ª Maria.

Do primeiro dialogo estabelecido entre Maria e Jorge, deduz-se que a fructeira é orfã, nascida em Lisboa ha vinte e dois annos, e prima d'um calafate. Não gosta que lhe chamem linda, e d'este desgosto dá as solidas razões de que seu primo lhe não tenha dito as cousas bonitas que o sceptico lhe diz. Aqui ha mui santa innocencia, ou muito affectuosa pieguice. Declara, por esta occasião, a fructeira que ama seu primo com amor de prima, e a este respeito mais não disse.

O sceptico beijou-lhe a mão, fez uma cortezia á velha, e sahiu, promettendo voltar no dia immediato.

A realidade da promessa baldou-se a favor de um baile, em casa d'um agiota, para onde o sceptico foi convidado. Conta-nos ahi a opulencia dos salões, escarnecendo de tudo o que é fausto, e moralisando, com gosto e erudição sarcastica, a riqueza mal adquirida do agiota. Reparou n'uma, duas ou tres bellas mulheres, todas o impressionaram mais ou menos; uma, porém, enlevou-o até ao ideal de todas as cren-

ças pela interessante melancolia que lhe ressumbrava das fallas, do silencio, das attitudes, e do cânto. Indaga porque soffre aquella rosa desbotada no alvorecer da existencia; dizem-lhe que está ethyca; e o sceptico sorriu, não de malvado, mas porque sorri de tudo constantemente, e tem para isso os motivos que, ao diante, faremos por comprehender, e explicar, se comprehendermos. «É que nem todos (diz o sceptico) sabem o que é ter soffrido e calado; nem todos sabem o que é ter estanques as lagrimas, e substituir-lhes a ironía da dôr!» Isso é assim: nem todos sabem isto.

Benevolencia ninguem póde negal-a ao snr. Jorge, que, fitando segunda vez os olhos na ethyca, não pôde desprendel-os d'ali até ao fim do baile: dera-lhe porção da vida á mulher soffredora, dera-lhe tudo para que ella soffresse menos! Ouviu-a cantar, e persuadiu-se que para morrer feliz precisava morrer abraçado áquella mulher!

Findo o baile, o sceptico recolheu-se, arrependido de não ter ido vêr Maria. Visitando-a, no dia seguinte, achou-a arrufada; desgostoso com isso, valeu-se dos modestos recursos, que muita gente aproveita, dando á dama, que se esquiva, o livre arbitrio de se desfazer da importuna presença de quem a ama, se assim lhe apraz. E, digamol-o de passagem, ha casos em que o expediente vinga, com tanto que o homem tenha uma lagrima espontanea, ou de parafuso, que venha dependurada na palpebra, exclamar uma especie de doloroso *ecce homo*, que equivale a *ecce stultus*. O snr. Jorge foi feliz: a fructeira des-

fez-se dos monossylabos, e foi respondendo assim á maneira de quem quer ceder d'um capricho com certas mostras de mimoso resentimento. Por fim deixou-se beijar, e valeu tanto esse beijo, que o sceptico sahiu d'ali *tão fascinado por ella como se nunca tivesse feito uma reflexão sobre o que é a inconstancia da mulher e do amor !!!* Os pontos d'admiração são nossos.

Cinco semanas viveram estas creaturas tão contentes de si e da sua obra, que, a ser como o sceptico conta, não ha cinco semanas como estas! Ouçam-n'o: «Um dia lhe dizia eu que a amava — no outro me assegurava ella o mesmo com os olhos, ao terceiro já os nossos halitos se confundiam, ao quarto o seu rosto pousava languidamente sobre o meu seio; ao quinto.....» isso é que a historia não resa; mas cinco semanas são trinta e cinco dias; cinco já nós sabemos como se passaram: resta-nos trinta para as conjecturas, que, com aquella rapidez, podem ser levadas ao infinito. O caso não é tão positivo como as duas linhas rectas que marcham a par até ao infinito sem se tocarem, nem tão abstracto como os insondaveis amores de Platão.

Tinha-se passado a lua de mel e o quarto crescente — das cinco semanas — quando o sceptico, indo á barraca, não encontrou Maria, e ficou embaçado ao vêr-se apenas recebido pela engelhada da tia, que, por esquecimento do auctor, ou rectificação genealogica d'algum typographo, nos disseram, ha pouco que era avó. Tia ou avó, de que o leitor se não dá, Jorge pergunta-lhe por Maria: a velha não

responde com precisão, conta episodios que fazem rir, a historia de varias pessoas suas conhecidas; e a final, para consolação do sceptico e do leitor, remata declarando que sua sobrinha está tratando do primo doente, morador n'uma rua, que tem á esquina um bacalhoeiro, com um papagaio do Brasil á janella.

Engenhosamente o sceptico encontra a casa, sóbe, e acha um mariola vestido entre os lençoes, e de perfeita saude. Era o Pedro calafate, junto ao qual estava a prima Maria, summamente triste, e bem precisada das consolações que o sceptico passou a dar-lhe. Lembrando-se da necessidade d'um medico, Jorge perorou contra os charlatães. A pequena soluçou, e deu a perceber que não havia dinheiro; o sceptico, vendo-a chorar, confessa que lhe estalava o coração, e meditou ampla e judiciosamente sobre a desigualdade das fortunas.

O corollario da sua argumentação foi que Maria precisava dinheiro para costear as despezas da medicina applicada a seu primo. O sceptico precisou de hypothecar o seu relogio, um cordão de ouro, e uma salva de prata, tudo no valor de 76$000 réis em notas.

Esta quantia foi, no dia immediato, enviada á barraca de Maria, com uma carta anonyma, d'este contheudo:

«A providencia nem sempre desampara a vir-«tude, e muito vale ser dotada de tanta belleza para «encontrar alguem que vele pelo nosso infortunio.»

Estas linhas encerram duas ideias que se estão acotovelando, e não parecem oriundas do mesmo co-

ração. A virtude, cá na pratica, é sempre desamparada, porque a Providencia civilisou-se, está com o seculo; porém, que valha a belleza para o encontro d'um bemfeitor, é uma desgraçada verdade, tão eivada da indole vil da natureza humana, que não devêra ser escripta depois de uma tão catholica maxima sobre a vigilancia da Providencia. Ai das desgraçadas, que não forem *dotadas de tanta belleza!...*

Na tarde d'esse mesmo dia, a rapariga estava cheia de vida e prodiga de meigos sorrisos. Podera não! Pareceu, porém, ao sceptico que *n'aquelle coração d'anjo se combatiam visivelmente os sentimentos de pejo e gratidão.*

A palestra, sêcca ao principio, disparou depois em muitos galanteios e brinquedos; o sceptico declara que por um segundo, como um primeiro riso que lhe ella deu, não só daria as barbas como D. João de Castro, mas até a cabeça como Egas Moniz!—É requinte de profanação, e mau gosto, que se desculpa n'um *apaixonado* como o *sceptico.*

Era uma vez, e Jorge, alta noite, andava pelo bairro da Mouraria, debaixo de chuva, muito a seu beneplacito, porque as paixões medram n'esses disparates. Abrigou-se da chuva na portada d'uma casa de tres ou quatro andares, e ouviu, por entre o alarido de vozes que altercavam, uma de mulher nova, que lhe deu na curiosidade de saber quem era. Curioso de mais, e bastante corajoso, subiu ao terceiro andar, ajustou o ouvido á fechadura da porta, e percebeu sêr a questão entre embarcadiços, e tratar-se de uma rapariga chamada Maria, e de um bote denomi-

nado o *Cinco Chagas*, e uma falúa precisada de crena. Jorge retirou-se desgostoso de ter ouvido, no cahos d'aquella orgia de marinheiros, pronunciar um nome que lhe era caro: tanto assim que o *sangue congelava-se-lhe nas veias, como se inexperadamente tivesse sido assaltado por um leão no deserto.* Por tão pouco, raras vezes isto acontece a homens que tem sangue; concedo o phenomeno, a muito custo, no homem de nervos doentios como deve de ser um sceptico.

Ás 4 horas do dia seguinte (circumstancia que o auctor não historiou em vão) foi o sceptico á barraca, e achou a velha a chorar; e a sobrinha, sempre linda e interessante, a qual com o seu lançar d'olhos ternissimos, tristes e confusos exprimiu, por esta vez, o muito amor que d'antes revelara com brandas accusações: Sempre tarde! meu Jorge! Eu amo-te tanto! Meu Deus!

A velha chorava porque não tinha oito moedas menos um quartinho para pagar o semestre da barraca. Jorge, apesar de não reunir os seus fundos no valor de 7$200 réis, prometteu arranjar este dinheiro. A velha riu-se de contente, enfiou pitadas, e discorreu sobre as necessidades dos pobres, o meio de as remediar, com seus vislumbres de socialista, e felizmente calou-se. Entretanto a rapariga, córando, empallidecendo, e calando-se com umas visagens de dôr, dava com isso relevante prova de muito aborrecida das impertinencias da velha. Por fim, Maria desandou n'um berreiro de soluços, que parecia querer afogar as vozes da tia, manancial inexgotavel de

neologismos e barbarismos, ao passo que a sobrinha era quasi sempre classica e grammatical nos seus dizeres!

«Vêde da natureza o desconcerto!»

O snr. Jorge foi para sua casa alarmar os recursos da imaginação, para alcançar um dinheiro que não tinha. Escreveu a um algibebe, amigo de seu pae, e a um marquez seu amigo. O primeiro desculpou-se com muita civilidade, acabando por lhe offerecer o seu prestimo; o segundo, com cortezania; e assim por diante todos os *amigos e attentos veneradores* do sceptico.

Jorge tinha bens de fortuna que lhe rendiam 500$000 réis annualmente. Na esterilidade d'outros recursos, devia acudir-lhe a hypotheca dos bens a usurario. Effectivamente, entrou na antecamara de um, e viu o quadro palpitante da miseria social, debuxado nas faces lividas de fome das pensionistas, egressos e reformados. Avulta n'esse grupo de infelizes uma mulher, entre trinta e trinta e dois annos, vestida de preto, olhos negros e rasgados, cabellos negros tambem, alma naturalmente negra, porque o seu sorriso era melancolico, e a face pallida, e macilenta. Comsigo tinha ella dois meninos, seus filhos. O sceptico condoeu-se d'esta mulher, e reflectia ainda na infructifera questão da desigualdade das fortunas, quando a porta do gabinete se abriu para expôr o usurario, feio, corcovado, de voz esganiçada, e riso amarello. É Jorge admittido á presença do usurario, e hypotheca os rendimentos vencidos no praso de seis annos á quantia de 112$500 réis.

O agiota faz o jogo possivel de difficuldades, propala brutalmente as miserias de quem o procura para contractos ruinosos, e por ultimo ajusta o emprestimo a 15 por cento ao mez.

A viuva dos olhos negros entrou depois, e, na presença de Jorge, pediu lhe désse alguma cousa sobre um padrão de *juro real* para matar a fome a seus filhos. O usurario, impassivel ás lagrimas da infeliz, como a rocha ás angustias do naufrago, declara que o padrão não vale cinco réis. Jorge engasta na sua corôa de martyrio a mais preciosa perola. Esta é a mais honrosa pagina da sua historia: offerece o seu titulo, os seus teres, em penhor d'um soccorro prompto para a desgraçada viuva. O cynico onzeneiro promette 49$000 réis pelo padrão do valor de tres contos! A desvalida, que anceava talvez um bocado de pão negro, comprado no taboleiro de uma taverna, aceita o que lhe derem n'uma effusão d'aquelle jubilo que vem depois do chorar afflictivo da fome. Jorge assegura ao barbaro espesinhador da infelicidade a garantia do seu dinheiro. A viuva quer conhecer o homem que a protege; mas o sceptico reserva o seu nome e morada. É como o anjo invisivel, que alentou de esperança o espirito da martyr, e traçou um resplendor de luz na sua ascensão ao seio do Eterno!

III

Jorge entrou na barraca com cem mil réis, e, como não encontrasse a sobrinha, entregou-os á tia. Even-

tualmente deu outra vez comsigo no bairro da Mouraria, e n'aquelle mesmo sitio, onde, dias antes, lhe picara a curiosidade saber que gritos eram aquelles lá n'um quarto andar. Seguia-o um rapaz, que lhe chamou a attenção; e, como reconhecesse um dos filhos da viuva, que encontrára em casa do usurario, quiz ainda chamal-o, quando o pequeno desappareceu. O sceptico, pouco depois, teve tres encontros: uma sege, uma carreta de lixo, e o seu amigo misanthropo. Ao tempo que este lhe perguntava se ainda morava na rua de.... n.º 7, segundo andar, e Jorge respondia affirmativamente, a viuva passava por elles, e repetia rua de... n.º 7, segundo andar. Houve um dialogo entre os dois: o misanthropo perguntado sobre os amores de uma certa mulher, vasa uma torrente de medonhas imprecações, e acaba por exclamar: — *Sangue e fel... hei-de escarrar-lh'os na cara!* Dito isto, despediu-se allucinado; e Jorge, proseguindo na sua viagem sentimental, achou-se outra vez com a casa dos gritos, e com os gritos da mulher. Decidido a assumir os attributos de patrulha, o sceptico quebra o cancellão das escadas, galga-as até ao terceiro andar, e prepara-se para bater á porta. Eis que uma debil mão lhe trava do braço, e voz dulcissima de mulher lhe diz — «por quem é, vá-se embora... oh! vá-se embora, e não queira..... saber o que ahi vai.» Jorge despresa o annuncio do anjo da sua guarda — vai contra a porta para arrombal-a, quando a mesma angelica creatura se intromette, empurra-o para o vão de uma janella, e, á luz do lampeão, dá-se-lhe a conhecer como a encantadora viuva

dos olhos negros. Deve de ter sido muito fascinador o aspecto d'aquella mulher, assim em circumstancias tão especiaes! Vejam que o proprio sceptico declara que se *sentira impressionado como a alma de Torquato ao acenarem-lhe com a corôa laureada do Capitolio!*

Arrastado pelo rogar incessante da viuva ao patamar da escada que conduzia ás aguas-furtadas, Jorge viu chegar a patrulha, bater á porta, e interpellar os moradores ácêrca d'uns gemidos que d'ali surdiam. O interpellado, com a mais bem fingida ingenuidade, perguntou lá para o interior da casa: «lá dentro gemeu alguem?—Nada, não—responderam simultaneamente umas poucas de vozes. O cabo custava-lhe a engulir a pilula, e por tanto esmiuçou o inquerito. «Aqui não ha senão duas mulheres (dizia o dono da casa) — uma velha que já não póde gritar... e a outra rapariga que aqui veio passar a tarde com ella: eu lh'as chamo, e o senhor vai ouvil-as: — Maria! Maria! a patrulha quer-te fallar; dize á tia que venha.»

Ouve-se um tiro no primeiro andar; a patrulha corre áquelle ponto, o dono da casa aproveita a occasião para fechar a porta, e a viuva empurra o sceptico atraz dos soldados, aconselhando-o que não queira saber mais do que ali se passa. Jorge hesitou, até que a viuva, com palavras cabalisticas, lhe fallou nos amores de uma fructeira, prezos áquelles acontecimentos por laços muito mysteriosos. Até aqui o sceptico não teve sequer a coragem de suspeitar uma infidelidade!— alma delirante d'amor, e innocentis-

sima de fé, esperança e caridade, não haverá ahi viuva, casada, ou solteira, que o despoje das suas *crenças de sceptico*, parecidas ás vezes com as inepcias d'um crente.

Recolhia Jorge Zuzarte (foi a paginas 165 do romance que lhe achamos o appellido) do theatro de S. Carlos, quando uma carta lhe foi entregue. É uma amante ignorada, que, das portas da eternidade, aconselha o sceptico a que não soccorra a indigencia; que saccuda os prantos, se lhe banharem a face; que escarneça, se lhe disserem que o amam. Não são zelos — declara ella — se uma vez os tive, eram muito fortes para poderem aturar n'um coração moribundo.

O sceptico achou na carta enigmas indecifraveis; não atinou como ponto de partida, nem mirou ao alvo onde ella ia, e por consequencia esqueceu-se da carta, e do aviso. Passado um mez, ás tres horas menos um quarto da madrugada, foi visitado o sceptico pela tia Ambrosia, que é justamente a velha fructeira.

Recommenda-lhe enigmaticamente que vá vêr Maria; e Jorge, assombrado pelo mysterio da madrugada, ou estremunhado pelo somno, parte, e encontra Maria em casa de seu primo, encostada a uma banca de pinho, e macerada d'aquella pallidez expressiva de noite tormentosa. Maria abraçou-o com vehemencia, e pediu soccorro, compaixão, piedade para ella, cujo primo tinha matado um homem. Appareceu Pedro, o supposto assassino, colorindo a sua apparição de todos os recatos e cautélas estudadas para capacitarem o sceptico do horror da sua situação. Narrada a historia do conflicto, acabaram por pedir a Jorge que

abrigasse o primo em sua casa; este deu razões muito sinceras para o não acolher, mas sujeitou-se a segural-o a bordo do brigue francez *Arménie*. Convencionaram, e conduziram o criminoso a salvamento. De volta do brigue, Jorge instado vivamente pela velha, foi vêr Maria, que, no transporte da mais exaltada gratidão, lhe beijou as faces, em dilirio de quanto amor lhe ardia lá dentro. A felicidade, que a fructeira fez sentir ao sceptico, foi incomparavelmente divina!

As lagrimas da velha manaram copiosamente á vista do quadro enternecedor de dois amantes que se abraçavam na mais pathetica effusão de amor e reconhecimento. Depois o dialogo, entrecortado de gemidos, descahiu no positivo das choradeiras ordinarias da vida, nas necessidades afflictivas de uma familia pobre, com um dos seus perseguido pela justiça. Pediram ao sceptico soccorro para a passagem de seu primo para o Brasil; o sceptico prometteu 72$000 réis, e viu, com a rapidez do encanto, enchutas todas aquellas lagrimas, e substituidas pelas caricias da rapariga, e da velha.

Jorge Zuzarte, a estas horas, já não podia evitar talvez a sua completa ruina. Era um sceptico, com todas as crenças!

Não competem aqui as considerações que temos de ajustar a algumas paginas do romance muito judiciosas, e outras muito incoherentes e até inverosimeis do snr. D. João d'Azevedo: para mais presto abicarmos o porto desejado da critica, abreviaremos este conciso extracto do romance, cortando pelos epi-

sodios, que o auctor classificou naturalmeute na parte philosophica do seu romance. Deixemos o encontro do sceptico com o misanthropo. Data d'ahi a fatal resolução que o segundo faz tomar ao primeiro, sobre as conveniencias do jogo. O sceptico joga, e perde; contrahe dividas na afflicção da perda, e não póde satisfazel-as; os credores perseguem-n'o, insultam-n'o, e obrigam-n'o a desfazer-se dos ultimos despojos da sua fortuna para salvar o seu caracter. Mas a situação do infeliz era a do homem que já não póde tirar recursos de si, nem da sociedade uma esperança.

Nos seus ultimos dias de miseria, ainda a escacez dos seus haveres, trespassada a um usurario, suavisa as lagrimas d'aquella viuva, que, no requinte da sua dôr, é accusada de ladra pelo avarento, que lhe comprára o padrão de juro real. O sceptico rasga o véo de vergonha que cobria a pallidez da unica pessoa tão desgraçada como elle, e fecha a boca infamadora do usurario, atirando-lhe aos cofres d'oiro com a migalha de pão que uma familia miseravel, na agonia da fome, levantára da mesa do opulento.

Acompanhando a viuva a sua casa, Jorge, n'aquelle remanso de vida resignada a padecimentos mudos, contemplou o que é o existir de uma familia pobre, com recordações d'épocas passadas em todas as regalias da existencia. Os filhos da viuva aparavam palitos para phosphoros, e tiravam d'ahi a sua subsistencia. Ella, com o coração apertado pela mão cruel de um amor impossivel que a violentára no meio das suas amarguras, ella, que já não podia fascinar, que envelhecera nas faces, e que sentia des-

fallecer-se no espirito á mingua de uma esperança no homem que involuntariamente a martyrisára, a viuva, nos braços do sceptico, antes de passar aos da sepultura, deixou correr livre o fél que lhe extravasava do coração. Declarou-se viuva, com seus queridos filhos, desamparados do minimo recurso; desamparados mesmo do coração d'ella que todo fôra absorvido por sua fatal paixão. Por fim, aquelle ardor esvae-se no desalento do espirito; o sangue já lhe não gira tempestuosamente; os olhos, primeiro chammejantes de vida e enthusiasmo, embaciam-se de lagrimas, cerram-se, e deixam fugir uma lagrima fria, e vagarosa como a derradeira de um moribundo. Perdeu os sentidos.

... «A principio (diz o sceptico) empallideci, e «fiquei trémulo: depois como que senti um prazer «infinito de me vêr abraçado com aquelle cadaver «vivo. Colei a minha boca na sua boca; beijei-lh'a; «sorvi-lh'a; reguei-lhe as faces de lagrimas, e entre«tanto que com a mão direita a apertava de rijo pela «cintura, com a outra tentava estudar as pulsações «de seu coração, para vêr como o amor e a morte «se debatiam dentro d'aquelle peito. Houve um mo«mento em que a viuva não deu o menor signal de «existencia; a final abriu languidamente os olhos e «vendo-se encostada ao meu hombro exclamou — Ó «Jorge!... porque me não deixaste tu morrer só...! «Porque não morreria eu antes de te ter conhecido!?... «Tu não sabes o que é o amar e morrer....!»

O sceptico, sem embargo da consolação infinita que sentia, estava ali constrangido; sahiu, e foi em

direitura á barraca de Maria: encontrou-a muito arrefecida de carinhos, quasi de gêlo, porque emfim o sceptico não cumprira ainda a promessa das quinze moedas. Elle mesmo apesar das suas rijas, vivissimas, e inabalaveis crenças — esteve quasi a desconfiar do amor d'aquella mulher!... mas, em summa de um combate mil ideias pró e contra, lá se lhe figurava que a desconfiança era o amor. Maria não só o tractou com enfado, indifferença, e despreso, mas chegou a empurral-o depois de lhe pedir que a deixasse. O sceptico, depois de ter querido beijar-lhe os pés, abraçou-a pela cinta, e bradou: «Maria! Maria! — pois tu, com effeito, estás mal commigo?» Tudo isto era um arrufo na opinião do pobre Jorge Zuzarte!...

A tia conciliou estas desavenças, attribuindo a ciumes o máo rosto da sobrinha, e o sceptico sentiu-se melhor, e no vigor das suas crenças. A fructeira por sua parte socegou tambem, fingindo-se sensibilisada logo que Jorge lhe declarou que era só de compaixão o interesse que a viuva lhe inspirava: abraçou-o, chorou, protestou amal-o sempre, e cada vez mais. Jorge, querendo pagar tudo isto com uma relevante e distincta prova de gratidão, fez um abaixo assignado do seguinte theor:

«Não amo a ninguem senão a ti, só a ti. A viu-
«va não é para mim senão um objecto de compaixão:
«compadeci-me d'ella, e por isso a acompanhei a casa;
«por isso lhe dei uma esmola como a um mendigo.
«Se alguem te quizer persuadir o contrario, mostra-
«lhe tu mesma este escripto. A minha vida e o meu

«futuro dependem de ti: só tu é que me podes dar «a felicidade ou a condemnação eterna! — *Jorge.*»

Maria agradeceu, abraçando o seu Jorge, beijando-lhe os olhos, recebendo o dinheiro, ou substabelecendo na snr.ª Ambrosia o poder de o receber; e o sceptico foi para casa fazer a digestão das coisas occorridas, que são extravagantes.

Começa Jorge Zuzarte a ser infeliz, no rigor da expressão. Tem vendido os vestidos para comer; já não tem um casaco com que guardar a decencia. Forçado a pedir emprego, para se defender da fome e da nudez, ninguem o emprega, porque não tem sequer um trabalho eleitoral com que documentar a sua petição: unico recurso do proletario em Portugal, este gorou-se, e então, situações d'estas, assim cerradas por todas as avenidas, só um milagre as suavisa. O olho da providencia, d'ordinario, não divisa bem o fundo do abysmo em que se revolve o miseravel. Parece que o oiro a fascina, tem a sua costella da humanidade, gosta de centralisar as suas graças, para se rever na sua obra.

A questão é que o sceptico equivalia a um homem sem vintem, sem consideração, sem relações, e sem futuro. Alimentava-o o amor de uma mulher; mas esta mulher vendia fructa n'uma barraca, era prima do Cinco Chagas, e sobrinha da tia Ambrosia! Pelo amor de Deus!... Sindiquemos o que póde sahir d'este mixto, e sacrifiquemos a conveniencias typographicas a maior latitude d'este escripto.

O sceptico teve occasião de, com mui pouco juiso, definir o caracter de sua amante. Quando elle

suppunha embarcado o tal Pedro *assassino*, encontrou na barraca de Maria um chapéo com o seu nome, e de mais a mais, com a addição da alcunha *Cinco Chagas*. Velha e sobrinha tiveram a finura de o convencer que tal chapéo era de um tal João, irmão d'uma, e sobrinho d'outra. Convenceu-se, e continuou a amar extremosamente!

No dia seguinte, Jorge é chamado por Maria, e encontra-a debulhada em lagrimas. Esta mulher insta, chora, supplica para que o sceptico a tire do inferno de sua familia que a afflige, que a mata. Quer fugir, fugir com elle, para uma solidão; mas recommenda-lhe, que não deixe em Lisboa alguma coisa que valha dinheiro, por isso que nunca mais ella deixará que o seu amante ahi volva. Segundo ella, a fuga deve ser á meia noite, com um auxilio d'um bote, que os hade transportar á outra banda, e d'ali irão estabelecer-se no Alemtejo, onde ella suppõe que a espera o patrimonio do seu amante.

Conta-nos o sceptico a noite angustiada que passou, depois d'esta convenção, que elle se não atreveu a contestar. No dia immediato vai visitar a viuva, que, havia dois mezes, não vira. Era mais infeliz ainda o viver d'aquella familia! Apenas uma mortiça lamparina alumiava a alcova e a saleta; lá dentro agonisava a mãe d'aquellas duas creanças pallidas de frio e fome. Jorge entrou, e sentiu que uns braços, trementes com a sezão da agonia, lhe apertavam o pescoço, curvado sobre um seio humido do suor da morte! «Amei-te! como nunca amei os meus filhos!... como agora mesmo não amaria a Deus, ainda que soubes-

se que d'ahi me provinha a condemnação eterna... Mas eu não posso fallar... enfraqueço... a morte já começa a congelar-me por dentro... oh!... se tu ao menos me perdoasses...» E depois de lhe entregar uma carteira, na qual se liam estas palavras:

Vai!... aguarda!... é de lá
Que a mão da morte abrirá...

proseguiu «vai ali á cozinha e procura... ha lá uma porta por detraz da chaminé... depois segue-se uma escada falsa... desce-a... em baixo has-de encontrar outra porta... abre-a... elles não sabem que ella está ali...» — Calou-se, porque uma somnolencia, precursora da morte, lhe embargou a voz. O sceptico desembrulhou o cartucho dos charutos com tenção de fumar; lembrou-lhe a incompetencia do local, e metteu-os no bolso; mas o papel d'embrulho ficára-lhe nas mãos, e este papel, que lhe fôra dado por Maria, continha estas palavras:

«Maria! O João recommenda-te que não faltes. «Á meia noite lá te esperamos com o bote no cáes «das columnas: em chegando a meio do Tejo alija-«se a carga ao mar, e depois adivinha lá quem te «deu!... homem morto não falla. Entendes? a coisa «não póde passar d'esta noite. Teu primo que muito «te ama — *Pedro Vella-cheia.*»

O sceptico, apenas leu, vai á cozinha, abre a porta, desce a escada, entra, acha-se no terceiro andar em face de um grupo de dez ou doze marinheiros, occupados em jogo, e outros misteres exclusivos de salteadores. Maria estava no centro d'elles, rainha da orgia, sentada no cólo do primo, em desalinho de

meretriz; e no meio de tudo isto uma velha resando a ladainha, cujo *ora pro nobis* era entoado por um côro de devassas. Maria, apenas vê o sceptico, sobe acima d'um banco, e grita: *matem-n'o! matem-n'o!* Os marujos accommettem-n'o, cercam-n'o; Jorge derruba um de uma paulada, os outros recuam, hesitam, e deixam-n'o fugir incolume para o aposento da viuva!

Isto tudo é obra de oito a nove minutos. No quarto da viuva estava o sagrado viatico, e pouco depois um cadaver!

Tres dias depois, no quarto do sceptico foi encontrada uma carteira, que continha, além de cartas, um folheto dobrado que tinha por titulo — *Diario*. O misanthropo, amigo de Jorge, foi o inventariante d'estas coisas, e de mais um caderno de papel que lhe é subscriptado. D'esse caderno, diz o romance, que foi extrahida esta historia. Da carteira constavam as situações da vida da viuva, o seu amor ao sceptico, e as scenas de Maria com seu primo, observadas por ella nas baccanaes do terceiro andar. O romance fecha com as maximas do sceptico, que se suppõe suicidado.

Vamos vêr se é esta a historia d'um sceptico.

Não ha scepticos. É o que se diz nas melhores rodas, onde, a toda a hora, se discutem mulheres, paixões, crenças e scepticismos. *Não ha scepticos* — digo eu tambem, acabando de ler o romance do snr. D. João d'Azevedo.

Mas por entre nós giram uns homens d'aspecto sombrio, macilentos e de fronte enrugada aos vinte cinco annos, taciturnos, e como recolhidos a uma dôr

perpetua e sem desabafo, alquebrados de brios e de espirito, sem lagrimas, sem risos, e sem aspirações. É necessario aprender d'estes poucos homens alguma coisa mysteriosa para o commum. Serão elles scepticos, ou misanthropos? Não crêem, e não duvidam. Não duvidam, porque não tem vigor de espirito onde bater uma impressão: a duvida é o equilibrio entre duas ideias; ha homens porém, que não podem já prender a imaginação a um calculo da sociedade. Quem poderá furtar o segredo da vida que lá vai no coração d'esses homens? Não o dizem, porque ha uma só maneira de dizel-o — *estou cansado!* Comprehender este dito tão vulgar não podem os que não tiverem deixado cahir a cabeça desconfortada de raio de esperança.

Tenho encontrado alguma d'estas creaturas. Não lhe acho a vida de sobresaltos que agitam o homem na ultima estação das suas crenças. Ha n'ellas um adormecimento de todas as paixões: uma funebre mortalha de alma que paralysou. Não vi que esse homem fugisse a sociedade. Nos salões, recorreu a uma distracção, sentiu talvez na face uma lagrima fria de saudade; quiz embriagar-se de illusões, fez-se artificial para contribuir ao regosijo publico, mas lá vinha o cansaço e o enjôo gelar-lhe toda essa animação de um instante.

Eu quizera que tal homem abrisse o romance do snr. D. João d'Azevedo, e confrontasse a dôr surda da sua alma còm a historia escripta de um sceptico. Sanccionaria elle, em nome dos seus padecimentos, a verdade d'esse romance *copiado do homem e da na-*

tureza? Não. Perguntem mesmo áquelles de vida tempestuosa, e ameaçada, mal desponta, de triste caducidade, perguntem-lhes se n'esse romance palpita uma verdade das que só é dado ao que soffre tiral-as do abysmo da dôr. Não. A essencia das magoas incomprehensiveis não as imagina o escriptor feliz com todas as commodidades no seu gabinete. A afflicção é thesouro que ninguem ambiciona, mas tambem nenhum profano desencanta. A contrariedade que estorva prazeres ao bemaventurado da vida, o caprichoso resentimento de affeições mallogradas não habilitam o homem a profundar até ás entranhas do martyrio as existencias flagelladas sem recursos d'esperança.

O snr. D. João d'Azevedo creou um grupo, fantasiou um apaixonado, e uma devassa; a elle deu-lhe o viço todo de um mancebo, ideou-lhe um coração molle, afeminado, dado com todas as mulheres, e vulneravel por todas as faces; a ella depurou-a de toda a virtude até acrisolal-a no requinte de devassidão e maldade. Tornou atypica uma mulher, que não devera sêl-o: é escusado crear phantasmas fóra da orbita universal para validar a descrença de um homem. Creio que nenhum sceptico se queixa de ter exhaurido o aspirar grandioso de sua alma em lucta incessante contra a immoralidade da mulher.

O auctor obriga o sceptico a declarar-se tal no prologo e na introducção da sua historia. É vivamente dolorosa a saudade que chora n'aquelle como longo gemido de coração que vai, no abysmo do passado, mendigar incentivos para uma lagrima. Senti

humedecerem-se-me os olhos, quando li, e cazei minha alma a estas expressões — «Tive mulheres, e amei-as... illusões, perdi-as — eram o meu unico patrimonio; estou pobre.»

Começa a historia de um homem, já sceptico, ao começar o romance. As illusões lá lhe ficam perdidas nas sedas, gazes, blondes, velludos, cachemiras, e setins da mulher do palacio, que o auctor indiscretamente confunde com o lupanar. O sceptico desce d'ahi já gasto, e encontra na barraca de uma fructeira a mulher que o galvanisa. Sonhando desde a infancia um anjo de dôr e desolação, ermo de alma que o comprehendesse, o sceptico consultou a sua consciencia, e ouviu que a realidade de seus sonhos de trinta annos era aquella mulher tão baixa na escala social, e tão erguida em throno da formosura. Vê-a, compenetra-se d'um ideal desvariado, alase aos devaneios de um poeta de quatorze annos, e encara, sem philosophia nem scepticismo, *tantos phenomenos celestes*, e *tantas vezes sonhados de noite*, e *nunca realisados de dia*. Vendo-a, segunda vez, lá vai o descrer do sceptico; aquella alma convalesce de forças e de chiméras, remoça de vivesa e ardor, como o primeiro beijo de um crente na face de uma linda innocente; resuscita para viver de todas as potencias da imaginação; e a final, o sceptico, de ha pouco, converte-se *em pio crente d'amor*.

Não ha aqui natureza, nem feliz invenção. Ao auctor do romance tolheram-se-lhe os recursos n'esta apostasia violenta a que obrigou o seu protogonista. O homem, que descia d'entre os perfumes lisongei-

ros dos salões aristocratas, entorpecido para todo o sempre ás sensações da mulher prestigiosa, não devia depositar aos pés de uma fructeira o coração morto, para que ella lhe bafejasse o espirito vital. A mulher, vista como ella é, natural, deixem-me assim dizer, é a que fatiga o homem, por quem ella se deixou desataviar das grinaldas que lhe davam o prestigio. O homem procura, depois, utopias, e não as encontra; a natureza é pobre para saciar-lhe a ambição de commoções variadas; vai-se-lhe essa esperança baldada convertendo em indifferentismo e melancolico aborrimento; alfim, vem o desesperar, essa infernal situação que traz o já irrisorio nome de «scepticismo.» Não é verosimil, portanto, que a mulher ordinaria, simples e sinceramente desprevenida, qual deveis suppôr uma fructeira, tenha o condão magico de se dar embelecos de fada para fascinar despoticamente a cabeça do homem que aos trinta annos de vida trabalhosa não tem já coração que lhe pulse com momentaneos estimulos.

E, comtudo, o snr. D. João d'Azevedo dá-nos um sceptico que se extasia no baile, prezo por todos os sentidos ao cantar de uma linda mulher; alça-se ás regiões de um amor descomedido, se vê tatear uma garbosa polka o pé divino d'outra linda mulher; apaixona-se até á loucura, se encontra uma fructeira dos seus sonhos; gosa-se da summa felicidade da terra, se abraça a mimosa cintura de uma viuva de cabellos negros!

O homem trahido uma vez póde ouvir dos labios da mulher um juramento d'alma, amimado com

a santa innocencia d'um anjo, mas nunca mais lhe franqueará o coração, onde goteja sangue uma chaga incuravel.

Não sou estupido — diz uma vez o sceptico. *Não creio — duvido de tudo*, foi o que elle disse, pouco antes de confessar que *estava muito longe de apaixonar-se* por a fructeira, nem lhe era possivel, *attenta a absoluta carencia de fé, com que já então olhava para todas as mulheres*. Espera o leitor que esse homem, (embora levianamente nos diga antes que estava um *pio crente de amor*) já agora experimentado nas traições polidas da alta sociedade, não venha como um indesculpavel palerma dar-se todo cegamente aos enganos grosseiros de uma abjecta mulher que lhe dissipa a fortuna, e o abysma, com a sua melhor boa fé, no lodaçal da miseria.

Repugna á verdade esta boa fé d'um *sceptico*. Nos affectos militam certas condições que não se invertem facilmente, sem que o coração virgem ou o coração desmoralisado lhes presinta o dolo e a maldade. Não é barato mentir muitas vezes á boa fé de uma mulher, que ama aos quinze annos; mais caro ainda é enganar o homem aos trinta — e enganal-o com continuas perfidias, tramadas por mulher de baixa sociedade. O sceptico já o era antes de vêr a linda fructeira; ama-a infantilmente e estupidamente; não ha vergonhosa suspeita que o atemorise; humilha-se-lhe, quando lhe ella cospe ironias e sarcasmos. Tão miseravel estreia na lida das affeições não na faz pela mulher mais deslumbrante a creança, que entra no mundo com uma alma idolatra e sedenta de amor.

Se o snr. D. João d'Azevedo tentasse mostrar-nos que um moço infrene, entregue ás suas inspirações, sem tracto social, nem leitura de novellas, se perdêra por amor baixo, indiscreto e despropositado, ainda assim contemplariamos o protogonista do seu romance como anachronismo, excepção á época, em que os galans tão difficilmente se deixam embair. Está, porém, redondamente falseada, n'este romance, a vida que vive o descrente, se o descrer é o seu ponto de partida, para entrar na lucta de paixões novas.

O homem, que tinha escripto a sublime introducção da sua historia, não devêra ser tão pêco de penetração na vida mysteriosa da fructeira! Entrando em casa do primo d'essa mulher, vê primeiro um vulto que se perde no interior de uma camara; levado ahi, vê um homem vestido entre uns lençoes, com symptomas da mais robusta saude. Assim mesmo, esta farça não lhe estimula suspeita nem admiração! Crê piamente na infermidade do primo da amante, e abre a sua bolsa com a candida simplicidade de um menino prodigo!

Passeando no bairro da Mouraria, ouve uns gritos de mulher; a fructeira é que pede soccorro, o sceptico avisinha-se temerariamente d'esses gritos, escuta dois nomes que já conhece, *Pedro e Maria*; assim mesmo, não ha nada que esperte no coração do *homem que duvida de tudo*, e que ama perdidamente, uma conjectura sequer!

A ousadia com que o sceptico galgou a um terceiro andar, que desconhece, para soccorrer uma mu-

lher que grita, é extraordinaria; mas que de um tal reconhecimento não grangeasse o sceptico desconfianças e receios, é inverosimil.

Ninguem acredita que aquella apparição do chapéo de Pedro — o *Cinco Chagas*, explicada por Maria e pela velha com uma enfiada de disparates, seja o documento mais risivel da estolidez do *sceptico*. Nega tambem a natureza que o pobre homem tenha, pela segunda vez, corrido aos gritos de Maria, quando, da primeira, se convenceu que o que lá se passava era uma patuscada de marinheiros.

Está acima de toda a fantasia aquella viuva, que alta noite estorva a entrada do sceptico no terceiro andar, onde se passavam segredos terriveis. Esta viuva, que ama o sceptico, até morrer por elle, reserva para a hora da morte a manifestação de uma trama de assassinio contra seu amante. E, comtudo, a viuva era um espirito sublime de amor, e coração angelicamente reconhecido ao homem, que lhe matára a fome de seus filhos.

Torna-se sobremodo incomprehensivel o desenlace d'este romance. O sceptico, por uma especie de magica, desce umas escadas, e vê-se accommettido pelos marinheiros, que se occupavam em empacotar fardos roubados, e alfaias de egreja. N'um conflicto d'estes, poderia o sceptico depôr do que viu, com tanta minudencia?! Cercado por elles, defende-se, derruba um, retira-se incolume, e, em menos de dez minutos, encontra a viuva que estrebucha nos braços do sacerdote, ao resplendor baço das tochas da irmandade!

Confessemos todos, em voz alta, uma dolorosa verdade. Nós, os portuguezes, não nos ageitamos com o romance. Fartos de ler, n'este genero, o que importamos de fóra, queremos ás vezes idear caracteres de excepção, e damos uns vôos tão descompassados, que mais parecem fantasias arabes, que romances pouco ou muito parecidos com o viver da sociedade. As primeiras capacidades litterarias d'esta terra, ensaiando o romance, primaram na riqueza da linguagem, mas minguou-lhes o elemento da invenção. O romance historico, entre nós, resabe á choruda gravidade das chronicas, e peza de erudição e enfadamento: o de inventiva demora-se pouco na difficil tarefa de copiar a natureza, e remonta ao sublime philosophico dos devaneios.

É incontestavel, n'esta parte, o merito do romance do snr. D. João d'Azevedo. Tem o seu capitel de magestosos florões na philosophia; mas falta-lhe a base na natureza. Abstrahi d'essas 348 paginas os amores enjoativos de uma fructeira, as *crenças* repugnantes de um *sceptico*, e as peripecias impossiveis de uma contínua contradicção, e recebei, depois, esse romance como um thesouro de meditações soltas, volateis e eruditas.

Ha ahi paginas d'oiro. O rasgado do desenho, a cadencia poetica da phrase, e sobretudo a correcção do estilo, quasi sempre grave e primorosa, são de si attributos superiores do talento do snr. D. João d'Azevedo. A imaginação viva do auctor brilha por essas paginas como clarão rapido de um relampago; depois, forçado a descer ao descriptivo, perde mui-

to da sua elevação: é como a aguia, que, pousada na terra, descahe da altiveza arrogante do seu vôo, some-se entre arbustos, e não dá um indicio de sua realeza.

As *maximas do sceptico* revelam a desesperação do impio, do blasfemo, e do que vai sentar-se á beira do sepulchro, para d'ahi insultar o creador e a creação. Um sceptico não escrevia assim, porque o sceptico, á força de desgraçado, atrofia-se, e cahe impedrenido!

Vou pousar a penna audaciosa que verteu para os prelos o juizo independente de um novel desconhecido, e quasi imperceptivel ao lado do snr. D. João d'Azevedo — um dos melhores prosadores da nossa terra.

Esta consulta foi toda do coração. Reputo-me habilitado para commungar dos fóros do scepticismo; não que a vida me vá inclinando á ladeira da desesperação; mas porque aos vinte annos não tenho já na alma um pouco de enthusiasmo, que me prenda ás maravilhas da mulher heraldica, e muito menos ás de uma trivial fructeira.

O romance do snr. D. João d'Azevedo veio fortalecer-me na ideia, que eu tinha, da impossibilidade de definir o homem. Não seria, talvez, assim, se aquelle romance, em vez de SCEPTICO, fosse intitulado o CRENTE.

Porto, 1848.

JOSÉ BARBOSA E SILVA.

VIVER PARA SOFFRER

(Romance)

Estudos do coração é o titulo opulento com que Barbosa e Silva recommendou o seu romance.

Essas palavras, que uma indiscreta precipitação poderia ter inventado, responsabilisam o auctor a contas rigorosas.

Estudar o coração é cortar fundo com o escalpello no proprio; é invocar reminiscencias de feridas que sangram sempre; é acordar os eccos de um gemido surdo no coração estranho; é tocar a evidencia na dôr, surprehendendo-a no sanctuario d'aquelles que mais a segredam: é em fim dizer: «soffremos assim, ou assim deviamos soffrer.»

A chronica de infortunios que José Barbosa nos conta é a desgraça inventada por um visionario talentoso, ou é um drama real que resalta na téla, a traços fundos d'um pincel vigoroso?

Podemos responder á pergunta: ha ahi verdades, não só d'aquellas que o são pelo simples facto da verosimilhança; mas d'outras ainda que a tradição guardou, para muitos annos depois que as lagrimas, manancial copioso de que essas paginas abundam, cahiram nos turbilhões da sociedade, como a semente sobre a pedra arida.

Os documentos de que se abona a tradição vieram em busca d'um interprete. Muitos lêl-os-hiam com a facil piedade da cabeça. José Barbosa, deparando-os, levantaria com a mão trémula de um santo terror as dobras de cada uma d'essas mortalhas, e pediria a cada um d'esses corações uma palpitação, um gemido a cada labio, e um milagre á sua propria dôr para que os sellos da campa silenciosa se partissem.

É este o espinho que medra no seio do poeta. É esta curiosidade em saber segredos dolorosos, em doer-se de males alheios, em cahir exhausto de ar sobre phantasmas que lhe avultam na imaginação atormentada, como Bichat sobre cadaveres combalidos, é este estudo o seu grande sacrificio de homem que não sonda a animo frio dores ficticias adivinhadas pelo talento.

Cuidam que se escreve o que pertence ás lagrimás com a tibiesa fria de uma lenda recreativa? Não é assim. Quem não fórça a vocação em creações bastardas que vão apregoando a mentira do conto, arranca a verdade de si, se ella não se lhe depara em esboço no quadro que retoca. Inventar o soffrimento e dal-o em traços, onde a natureza está realisando a

fantasia, é dizer verdades, verdades que o talento não suppriria, se dentro do homem não fallasse a sybilla da experiencia acerba, a inspiração vivida que lhe vem subindo da alma, e muitas vezes as lagrimas que lhe cahem nos bicos da penna impetuosa.

José Barbosa tinha em si o segredo com que se exhumam de tumulos esquecidos padecimentos que vem entre os vivos esposar padecimentos semelhantes.

Existiu D. Heitor Fajardo? Existiu, existe, e existirá sempre. É o máo homem de todos os tempos. É o coração endurecido desde que as ultimas lagrimas da infancia o desquitaram da obrigação de ser sensivel e bom. É a consciencia, obdurada pelas mordeduras da inveja que o balsamo da ambição cicatrisa, em quanto outras feridas sangram, outras ambições renascem, e o sangue d'outras victimas se offerece a mitigar-lhe a sêde. Nem ao menos lhe encontrais o momento da indecisão antes de lançar ao abysmo a pupila que suspende pelos cabellos, mostrando-lhe lá em baixo o inferno, que o proprio ouro d'ella lhe compra! Não sabe o que é ser pae, porque de dous filhos que tem, um, reminiscencia d'um crime, é o verme que lhe incommoda o passo desassombrado na sua larga caminhada para um plano de jurada infamia; outro, que é o seu legitimo representante, hade por força receber inteira a herança dos brasões, a da ignominia, e o supplicio de Mezencio, atado a uma mulher, que lhe atira aos braços como um cadaver.

Não conheceis Heitor Fajardo? Não passa ahi todos os dias um vulto, com soberano orgulho, entre

vós? Não conheceis a hydra da ambição? Não vêdes o soffrimento generoso symbolisado no Laocoonte da mythologia, que tenta em vão desdar os nós da serpente de Lesbos que se lhe enrosca nos membros? Subi esses patamares de asphalto, pedi vénia ao porteiro de telim dourado, afastai os razes heraldicos d'esses recintos de coxins de molas, e sentai-vos ahi n'esses salões, cujos lumes não bastam para espancar o remorso sentado a par com o risonho Balthasar, que não traduz legendas nas paredes, nem as sabe de cór na consciencia.

É este homem que Barbosa e Silva vos dá. É elle o fóco d'onde coriscam os raios que devem fulminar tres existencias que lhe são servidas na sua fome de ouro, como iguarias de Thiestes. Quando resvala, ligeiramente tocado pela mão de Deus, cada minuto de infortunio é um seculo de expiação. As victimas dormem o somno eterno. O algoz vai, decrepito e pobre, pousar a cabeça no potro expiador, onde as larvas lhe não deixam um instante de repouso.

Helena é a pomba que voeja sobre os homens; que não tem onde se poise, longe do alcance do tiro; que perde o fôlego sem encontrar abrigo; que tira para o céo o derradeiro vôo, quando a sepultura lhe é dada na terra, como primeiro e derradeiro galardão ao seu martyrio. Existiu esta mulher? Escurecem-se assim os horisontes em redor d'um espirito que almeja o infinito, e antegosta as delicias de uma esperançosa quimera? Vive-se assim para soffrer? Não ha uma fonte n'esse deserto sem balisas?

Agar, expulsa do seio da sociedade madrasta, só e desvalida, com o filho sem pae nos braços frageis, não será uma sorte de invejar para Helena, ludibrio da avareza d'um estranho, que lhe põe sobre o coração um pé, e lhe suffoca na garganta o gemido com que a vida lhe foge? Póde ser assim lanceada em segredo uma existencia? A sociedade tem esses patibulos em seu seio?

Tem. As fogueiras da inquisição domestica nunca se apagaram. A sociedade não póde cassar as bullas conferidas aos Torquemadas, que usam o velho direito da patriarchal tyrannia sobre a religião da alma, sobre a alma da filha, que se dá, no seu amor, uma razão de amar que não é esta do frio calculo, doloroso captiveiro imposto ao coração. A polé desconjunta os membros de poucas, sim, mas de algumas contumazes que não cedem ao apostolado do ouro. Essas poucas, votadas ao supplicio, são as que morrem, sem que a medicina lhes gradue o rapido arrefecer do sangue. A gente vê-as n'um baile, com as manchas órladas d'um sympathico soffrimento assombrar-lhe as rosas desbotadas do rosto. Vê-as passar, alvas como o holocausto da velha idolatria, com o sorriso do adeus em labios que já não suspiram pela vida. Depois, o jornal surprehende-vos com a nova infausta d'um anjo que fugiu dos braços d'um pae inconsolavel para o seio de Deus, que se revia na sua creatura mimosa. Se perguntaes ao medico assistente que doença aquella foi, dir-vos-ha que a mataram tuberculos, para vos não dizer que a morte, ultimo phenomeno da vida, é um segredo para a

medicina, e uma clara intuição para um pae, prodigiosamente estupido.

Foi assim Helena, tanto mais golpeada no coração, quanto o verdugo, incapaz de amar um filho, requintava em piedade com a orfã.

O filho de Heitor Fajardo é um morgado que vive com os seus galgos, e seva as suas aspirações na brutal sensualidade que não lhe estorvam as maneatadas filhas do povo, do povo servil e sempre miseravel, que não tem a intuição do direito, não descrimina a honra do vituperio, não sabe ao certo quando lhe cospem na cara, ou o acclamam rei de taverna.

D. João, como todos os illustres devassos que nos dão com este nome, não conhece o de Molière; mas, tambem como elle, dá-se pouco dos hospedes de pedra, e vai adiante preenchendo o cyclo das impudencias, em que seu pae reconhece uma indole que não desmente a filiação.

Onde elle desconhece um filho é em Vasco. Poeta, devorando-se na chamma d'uma paixão infeliz, abençoando as dores santas d'uma resignação silenciosa, Vasco é o desenjoativo que José Barbosa nos dá para allivio das nauseas de caracteres repulsivos, d'almas que nos fazem descrêr da igualdade do homem perante Deus. Vasco tem o angelico devanear do poeta; mas o talento, que lhe afina a sensibilidade, amolleceu para que o dardo da desgraça lhe entre bem no seio, e lhe rasgue larga fenda por onde as esperanças lhe fogem. O amador de Helena, o amado d'ella, devia ser este homem. Dissera-o Deus;

mas... se o disse, porque se não cumpriu o destino?! Não sabemos. Altos mysterios, ou mysterios nenhuns! Vasco foi conduzido pela mão do infortunio de inferno em inferno. O terrivel Dante collocara-o na região das lagrimas. Cá, onde os infernos são uma verdade definida, a ultima paragem de Vasco é a enxerga onde se estorce um demente, que nada já recorda do que foi, nem pergunta ao céo porque o tornou assim. A demencia, no supremo abandono da esperança, é o respirar de Roberto, quando encontra o fio que o salva da tenebrosa catacumba de Roma.

Estes são os relevos da primeira luz do quadro. Lá em baixo, a abrigo das sombras que o habil pincel coloriu fugindo, está a condessa das Amoreiras, a tão conhecida condessa de todas as côrtes, a mulher enjoada da virtude e do vicio, que apimenta as iguarias com um mixto de ambas as cousas. É a Lais que fecha a devassidão no seu quarto a sete chaves, e vem no salão recrear o espirito, dando-se em pabulo aos Tantalos que lhe não tocam, levando aos labios o lenço perfumado para esconder o frouxo de riso, provocado pelo aroma do beijoim que lhe incensam os sandeus. Conhecemos a condessa das Amoreiras. Temol-a visto elanguescer n'um sophá; estudar a voluptuosidade d'um folho de saia a estalar na goma; descer um olhar mórbido sobre o antebraço em que se enroscam serpentes de ouro, symbolo dos desejos do homem na fórma, e symbolo dos desejos d'ella na substancia.

Illustre condessa das Amoreiras, mulher do seculo dezoito, como tu reappareces viçosa nos nossos

dias! Como vieste desde Lesbia, de crisalida em crisalida, até nós, sempre rindo aos Catullos contemporaneos na sala; mas sempre um pouco mais proveitosa, quando:

Glubit magnanimos Remi nepotes!...

Padre Anselmo é um dos typos que nos ganham sempre sympathia. Queremos tal o padre: nunca nos cansa o prazer de o illuminarmos assim d'essa magnifica auréola, quando creamos no livro visões que por cá não deparamos. Anselmo, o homem de Deus, o juiz das consciencias que transige com os réos de paixões nobres, o coração, que morreu na mocidade, e se refez de seiva nova bebida nas fontes caudaes da esperança no Senhor; o ancião, que tem no peito escripto o martyrologio d'onde, alfim, se remiu aos pés do altar, esse bello espectaculo, tão outro do que por ahi se diz «um padre» é, por ventura, a melhor, a correcta, a tocante imagem que José Barbosa colloca apregoando o céo á beira de cada abysmo que ao pé de si se cavam, umas ás outras, as diversas paixões da terra.

Mas onde vamos? Não queremos contar a historia que se lê algumas paginas adiante.

Vamos fazer a censura a um amigo, com a severidade que não teriamos para um indifferente. Vamos provar-lhe que de mistura com o nardo cahiram no thuribulo alguns grãos de helléboro. José Barbosa sabe o que é o coração. Tem vivido muito d'essas consultas dolorosas que são a bonança apoz um revez. Tem a sua Thebaida de meditação, e visita-se no intimo de si, para de lá se armar do prisma com

que se decompõe o mixto de confusas côres, que não deixam, em sociedade ruidosa, visar a luz estreme de cada uma. Este trabalho, dado a poucos, porque a maior parte d'isso que por ahi se meche é uma cousa que anda por ahi, confundida no que se chama publico, este trabalho, repetimos, associado ao talento, e guiado por elle, é muito; mas não é tudo. A substancia é rica, é fertilissima: resta saber se os moldes em que José Barbosa a fundiu são os melhores, os mais naturaes, os mais fieis.

Não somos da eschola do nosso amigo, ou antes não sacrificamos ao exclusivo de nenhuma. A nossa divergencia é de estylo. O seu romance, afóra cinco ou seis paginas, é escripto no mais alto dizer que se póde. Abundam, sem enfastiar, as metaphoras. Guinda-se até ao nevoento d'um lyrismo de verso o que devêra ser contado em baixo na prosa simples, mas dolorosa do espirito alquebrado, que já se não alteia, quando o baque no raso do infortunio foi mortal. Helena teria em si, e tinha de certo, todo aquelle elevar-se para o grandioso; os labios, porém, no silencio, cortado apenas por soluços, diriam tudo. Nós já vimos um anjo assim, saudando a mortalha que lhe vestiram em vida, ao annunciarem-lhe a morte. Lá dentro do seio d'aquella mulher de vinte e cinco annos havia muito a dizer, e uma grande intelligencia ferida pelo corisco da paixão. E, comtudo, os seus ultimos dias silenciosos, aquelle mutismo imposto á força, era o crepusculo do silencio eterno da campa. E, se fallasse, que diria? Uma só palavra: «mataram-me!»

Devêra ser assim a vida de Helena. José Barbosa fez que amassemos esse phantasma de mulher, como ainda amamos a virgem de Vaucouleurs, a rainha de Escossia, a duqueza d'Aveiro, a heroina de Caem. Sem Schiller, e Casimir de la Vigne; sem o processo dos regicidas de D. José, e a paixão sobrenatural de Adam-Lux, essas grandiosas imagens teriam passado do carcere ao patibulo sem atravessarem seculos para nos electrisarem um amor quasi phantastico, um culto ao ideal, que póde converter-se em affecto louco.

Foi assim que nos enamoramos da Helena, organisação angelica das que — bemdito seja Deus que nol-o concede! — povoamos a imaginação, espavorida d'este lamaçal em que por ahi se atascam todas as mulheres, vistas a olho nú.

E d'ahi vem o carinhoso interesse com que assistimos á hora formidavel do seu passamento. Devia morrer; mas não assim. Se a tysica lhe deixa sem nuvens a razão até final, é preciso que a sua phrase seja singelissima, se é que a desesperação lhe não segreda a eloquencia da blasphemia. Que as suas supplicas ao Altissimo se traduzam em gemidos; que a elocução, recamada de bellezas oratorias, não seja um desmentido á phrase da agonisante, debil e quebrada, como se cada palavra fosse o ecco d'uma fibra do coração que estala.

Aqui deixamos uma prophecia, que qualquer outro, capaz de predizer as phrases da intelligencia, poderá fazer: O livro de José Barbosa, que vier depois d'este romance, não será escripto em estylo tal.

A puresa, a lealdade dos quadros será a mesma; mas a mescla das tintas será outra. O pincel verdadeiro de Thiarini succederá ao faustuoso colorido de Corregio. Barbosa ha-de affeiçoar-se mais a estudar a miologia nas esculpturas núas da Grecia, que a phantasiar bellezas sob as ondulações do manto adereçado de recamos da estatua de Minerva, no Museu do Louvre.

Queremos dizer que o auctor do bello romance VIVER PARA SOFFRER, em escriptos d'este genero, serviria mais a verdade, não demasiando as riquezas de linguagem ambiciosa. Em resumo: o que é para nós excesso será para o leitor maior realce ao merecimento do auctor. Como queiram. Ninguem o admira mais do que nós, e ninguem tão de perto lhe conhece o coração franco para os votos mais contrarios ao seu.

Porto — 1855.

FRANCISCO MARTINS DE GOUVÊA MORAES SARMENTO

(PORTUGAL)

Estou quasi em pensar que a poesia não dá campo á critica. É grosseira audacia avaliar um poeta quando vos elle falla de si, sempre de si, e não vos dá margem a discutir-lhe a ideia no tribunal da razão, que é coisa que poetas nunca tiveram, ou, se tivessem, não seriam poetas á feição do molde em que hoje se fundem. Poeta que raciocina é um caustico da paciencia humana. Desde que Charles Nodier, com a mão sobre a consciencia austera, declarou que produzia uma loucura todas as vezes que raciocinava, a rapaziada fina mandou a arte de presente aos manes espavoridos de Aristoteles, e declarou-se toda orvalhada pelo chuveiro celestial da immediata inspiração. Se esta chuva foi mais fatal á humanidade que a de Sodoma, é isso uma questão que não decido, porque sou suspeito. O que posso de toda a altura

da minha gravata decidir é que a poesia do nosso tempo traz o carimbo do seculo. Não desdiz da materia, com quanto capríche em idealisar todas as subtilesas do espirito, e algumas outras que elle não tem. Vai a vapor. Rarefaz-se até se adelgaçar em coisa nenhuma como as baforadas do wagon que transporta o homem com a rapidez do pensamento. É volatil, aérea, electrica, subita, e diaphana como tudo que vêdes sahir das mãos do artifice contemporaneo, que veio confirmar a prophecia que aventára Pelletan, dizendo que tudo ascendia para o espiritualismo. É impetuosa e lucida como o clarão das electricidades que submerge instantaneo nas trevas. É impetuosa como as paixões de que se alimenta: é lucida como o lume d'um minuto em que se devoram as almas gazosas d'estes nossos moços, que parecem depositos de hydrogenio carbonado; é instantanea e vaga como o turbilhão de imagens que renascem no atormentado coração d'estes Hercules que não alcançam nunca a ultima cabeça da hydra.

Seja boa ou má, esta poesia, assim futil e magra, é verdadeira, é filha legitima do tempo, é puro sangue, é a nossa poesia. Se quereis a prova, lede Filinto, Garção e Lobo. Dareis a cada estrophe um abrimento de boca perigoso até á deslocação das maxillas. É que esses marcos da nossa litteratura cahiram, quando a ála dos enamorados, com o phantasma de Byron á frente, lhes metteu á raiz o alvião reformador.

Os moços, de 1825 para cá, acham-se poetas, quando mal se precatam. A torrente caudalosa do

metro borbulha espontanea em uns, e repuxa, como poço artesiano, na cabeça de outros, que nós imaginamos de pedra, e como pedra fôra ferida pela vara magica do amor. A cada menino que mette em pelotões parallelos quatro linhas, podemos dizer: *Marcellus eris!* E, se á quarta pagina, elle vos diz que lhe rezem pela alma, que morreu de seccura, como a florinha da encosta, acurvae a cabeça, e dizei com aquelle barbaro de Mantua: *Venerandus puer!...*

Isto não quer dizer que são bastardos os poetas, nem detestaveis as poesias. Escrever é obedecer; é ir raptado no hypogripho do extasis, e lá de cima fallar cá para baixo uma linguagem que só entendem os aquecidos pelo fogo do cenaculo; é erguer o muro tartaro que separa os profanos do culto; é repetir o doloroso lamento de Ovidio: *Barbarus hic sum, quia non intelligor ulli.*

Só a ignorancia rude envergará a toga para julgar as estrophes lamuriosas do poeta, que por mysteriosa fatalidade, é sempre infeliz, está sempre sem talher no banquete dos gosos, lastima a pobreza de manjares que lhe servem, accusa a humanidade de lhe ter propinado veneno n'esse pão negro que lhe deu, e recapitula como seus os queixumes de Gilbert, victoriando o suicida com enthusiasmo, e bebendo a cicuta... por um charuto do contracto, onde se acha verificada a metempsycose dos trinta tyrannos de Athenas (seja dito entre parenthesis).

Eu dizia que não ha estancia competente onde se instaure processo contra os poetas, que fallam de si. E a mim, principalmente, muito me convém que

a não haja : Deus sabe se eu, a estas horas, estaria rimando aos esquimós ! E não deve havel-a porque o poeta, se lhe estala o vinculo que o prende ao mundo, se lhe desbota o ideal colorido com que retoca as imperfeições da terra, já não é d'este mundo. A dôr acrisolou-o; a alma, se ainda pura, fugiu para o céo; se pervertida pela dôr, cahio no inferno do desalento, onde ha o descrêr e o imprecar. O céo da primeira, é a paciencia e o silencio. O inferno da segunda é a desesperação, e a blasphemia.

As setenta e seis poesias do snr. Francisco Martins, que venho de lêr com o vagar de quem estuda uma vida, e decifra um homem de vinte e dois annos, são d'aquellas que marcam o paroxismo da ultima flamma da fé para a escuridão impenetravel do desengano.

«Tudo isto é verdade ?» — perguntei eu ao poeta. E perguntei-lh'o, porque era justo admirar a potencia da rima, se a alma não tinha gasto ahi os extremos d'um delicado sentimento.

Convenceu-me, sem me abrir a vala onde cahiram amortalhadas as suas affeições, tão cedo.

Entrei no segredo de grandissimas dores. E desde que tão delicada confidencia me fez sympathisar com o poeta e convalescer da indigestão de trovas em que me andava encruado o espirito, esqueci-me de que havia de contar pelos dedos as syllabas de cada verso, e accentuar as cadencias de cada um, e de todos collectivamente. Desattendi a tyrannia das fórmas, e dei-me todo a vêr o brilhante pela sua face polida, deixando a outra que nem sem-

pre espelha o intimo sentir, ou o dá desfigurado pelos nimios enfeites da arte.

Captivar a benevolencia com a musica do rythmo é um grande merito, é um próblema que prende os mysterios da poesia, é um consorcio maravilhoso das paixões desordenadas com a ordem da metrificação, é finalmente um contra-senso; mas é força honral-o com a homenagem devida a phenomenos que se não explicam.

O snr. Francisco Martins é poeta. O seu livro pertence todo ao coração. O estilo d'elle têm a encantadora desordem dos impetos que o fizeram sahir, como pedaços de lava, que saltam da cratéra, antes da inteira explosão.

Depois de lido, fica um desejo: não direi que é o do segundo volume, assim cortado da angustia, porque seria isso desejar cruelmente ao seu auctor a causa d'um grande soffrimento prolongada. O que eu de bom animo lhe desejo é que a sua alma receba uma nova semente de commoções, e lhe prospere colheita de fructos menos agros. Essa outra sazão virá; e o snr. Francisco Martins, adestrado pela experiencia que lhe vai amargurando a vida, porá de parte o coração, e pedirá á cabeça os seus modêlos, que são sempre os mais correctos.

Se o meu amigo tenciona publicar um segundo volume de versos, vibrados na mesma corda, fará confidencias demasiadas a um publico, indigno d'ellas. Ha muito sentir que deve morrer com o homem, mormente aquelle que se póde interpretar de diverso theor.

Schakspeare diz que a vida tormentosa d'um

doudo só póde interessar uma scena ou um capitulo. Póde quasi dizer-se o mesmo a respeito de um sceptico: basta um livro. O segundo ha-de ser o primeiro, ou ó véo das allusões tem de ser muito transparente. Eu, se podesse recuar oito annos, escrevia só dythirambos, e alguns sonetos aos annos das senhoras que contassem de oitenta para cima. Os meus versos teriam uma tal ou qual importancia chronologica, e serviriam no futuro de appenso a alguma certidão de idade duvidosa. Não me imponho, ainda assim, como exemplo a ninguem. Escrever é respirar.

J'écris... pourquoi? je ne sais... parce qu'il faut. Diz Alfred de Vigni. A razão é respeitavel.

Porto — 1854.

RAMOS COELHO.

(PRELUDIOS POETICOS)

AQUELLA grossa veia da poesia lisbonense desangrou-se. A pleiada de canoros vates, que afinou a clave da poesia moderna, perdeu-se no vago das suas ascensões para mundos melhores, ou exulou-se da convivencia dos profanos, em arcadia subterrea, onde se escutam uns aos outros mutuando-se delicias?

Nenhuma das hypotheses vinga. Os poetas da capital lá estão vivedouros e escorreitos, na virilidade do talento, laureados das passadas ovações. As lyras, as theorbas, os alahudes impendem das frondes dos laranjaes do Tejo. A fama, vaidosa de apregoar glorias, desfere ainda notas d'esses juvenis cantares, que a memoria não esquecerá jámais.

João de Lemos, Mendes Leal, Palmeirim, Serpa, Bulhão Pato, Lobato Pires, e os mais que hão de ser chamados a deporem no processo da litteratura por-

tugueza d'este seculo, d'esses raro é aquelle que obedece ao *ecce Deus* da inspiração.

Adoentou-os o arejo da politica. A perfida levou-os a um palacio de esmeraldas e rubis, onde os tem enfeitiçados, por mercê do demonio, seu genro, porque a Ambição, filha d'ella, casou com este caudilho das milicias do reino escuro.

Para muitos já, e mais tarde para todos, ao romper do encantamento, aquellas esmeraldas e rubis descoram da sua limpidez transparente, e volvem a pedreneiras da praia, lapidadas por mão habil de diabinhos, filhos adulterinos da sobredita Politica e do Orçamento, seu cavalheiro servente, que está sempre justificando aquelles penachos com que a mão piedosa enfeita o diabo.

Em quanto o santo sepulchro acareava as pias legiões da Europa, na torrente dos devotados gladiadores tambem foram os menestreis d'aquelle tempo a deporem fervoroso osculo na lápide solevada pela mão resurgente do triumphador da cruz. Os menestreis d'agora, levados no enchurro dos conquistadores da verba (o verbo embravecia os outros) tambem querem depôr seu osculo, senão na cruz da Palestina, o mesmo é n'essas cruzes que lá se fabricam em Lisboa, na rua do Ouro, posto que o Padre A. Vieira diga que as taes, em reservados casos «não são cruz, são aspa.»

O certo é que aos modernos Amphiões mudou-se-lhes o feitiço, são elles os attrahidos pelo cascalho das estradas, pelas pedreiras dos «melhoramentos materiaes» onde a maior parte se aninhou, travando

os vôos á alma, para que ella se não ále para lá da zona do estomago.

Cuidava eu que o amor ás letras, esse condão de glorias e amarguras, não se quebrava assim ao simples querer do poeta. O dom do genio estimava-o eu herança que os Ezaus não podiam renunciar. Affigurava-se-me ser elle como a tunica de Nessus que só a pedaços ensanguentados podia despir-se.

Este engano embaíra-m'o um livro francez, cujas ideias, a respeito dos litteratos francezes, eu quizera ajustar aos nossos. Diz assim o livro:

«Geralmente crê-se que um homem, correndo fado dez ou doze annos da sua vida por estradas e atalhos da imaginação, — desgraçado, cujo espirito, borboleta van, pousa na tige de todos os caprichos e respira o aroma de todas as phantasias — póde escorregar no desfiladeiro da realidade. Pensam que a impalpavel chimera, que elle persegue sempre, póde ser repudiada e reassumida á vontade. Esses que ruim sina encaminhou pela ingrata e gloriosa derrota das letras supportam com mais ou menos animo as privações, e até a miseria; ha n'elles, porém, uma feição caracteristica: luctam até final. Não ha retroceder, sem grande tribulação, no trilho feito. Obedecem a uma fascinação invencivel e inexplicavel, ou retem-os a consciencia da sua inutilidade? Não sei: a verdade é que elles pelejam até morrer, e já mais desertam.»

«*Edmont Texier — Critiques et Récits littéraires.*

Appliquemos o conto que, em verdade, é um conto da carochinha se o afferirmos no padrão dos escriptores reinantes em Portugal.

Desertaram quasi todos do templo das musas, e, se não deixaram lá alfaia que attrahisse a cubiça dos ladrões, franquearam as aras ao culto dos bôrras, ou donatos do convento.

Nas mãos de muitos o thuribulo, em vez de rescender o nardo, fumigava de assafétida o nariz torcido do publico. Não faltaram por ahi enjôos de tanta poesia requentada, salôbra, sem cunho portuguez, sem nervo, obra de algibebe, que tanto era elegia, como madrigal, como dithyrambo no feitio.

Deu-se o que succede depois d'um baile: despejam-se na rua as flores desmaiadas das jarras: o rapazío apanha-as soffrego, mistura-as com outras frescas, e leva-as ao mercado. Na poesia lisbonense, desde 1850, actúa a esterilidade fecunda das crises litterarias.

Porém, *rara avis in terris!* um livro de versos que se lê e se estima, e avulta, entre os de auctores novos, é o do snr. J. Ramos Coelho. Não lhe havemos de assoprar a hyperbole do encomio, chamando-lhe obra prima, e livro perfeito. Está tão longe d'essa baliza como da extrema opposta dos despropositos.

Raras se topam ahi as incorrecções de linguagem, que enxameam o vulgar dos versejadores. Cuidam estes que o estar sempre em colloquio com as brizas e as flores os dispensa de saberem como é que os Camões e os Ferreiras punham em vernaculo o idioma dos deuses. O snr. Ramos Coelho revela

lição dos poetas classicos, e tanto que alguma vez os imita em graças de locução, em singeleza de pensamento, e doçura de rythmo. A poesia *Queixas* é como uma d'aquellas brandas elegias de Diogo Bernardes, em que o coração se desafoga com suave paciencia. Afinam o sentimento, destemperado pela algaravia das bayronianas baforadas contra o destino, estes substanciosos e correctissimos tercetos:

.....

Porque tenta minh'alma pois carpir-se?
O mundo não entende o seu lamento,
Á sua dôr em nada póde unir-se.

Cada qual tem em si o pensamento,
Cada qual no seu bem só interessa,
Palavras são da ideia o fingimento!

Embora á mingoa misero pareça
O que viveu sem encontrar abrigo;
É menos um que os importuna, e peça.

Eu que entre elles meu caminho sigo
Entre os de honras e fama rodeados,
Ou da gloria e riquesa, e vou comigo;

Tento na lyra sons desconcertados,
E como elles tambem louros procuro,
Mas não a troco de rubor comprados.

.....

Muitos, que amam as letras, fugir vejo,
Porque em vez d'ellas amam sua fama,
E eu não vou augmentar-lhes o cortejo.

A sua poesia «Almeida Garrett» é de veia abundante, e bem temperada de imagens. Entre muitos e bons versos, primam estes de cunho:

Quasi no extremo despedir da vida,
Que sentido cantar inda desprende
Como de joven coração? A chamma
Do ardente amor vem animar-lhe os olhos,
E sobranceira a fronte alevantar-lhe,
Que pende para a terra, não dos annos,
Mas dos espinhos que acarreta a gloria.

E por fim lhe cahiu! Eis quebra o corpo,
Eis esmorece a luz, e a magestade
Do genio só e Deus em frente se acham!
Não desentoam do alaúde as cordas,
Não lhe desbota o espirito, não morre,
Ao céo remonta, qual do templo o incenso.

Já vêem que o poeta não estira o metro em repuxões de effeito: é sobrio em imagens, veste a sua ideia com singelas louçanias; quer que os enfeites a não confundam com as farfalhudas dicções; vale muito, ha muito que esperar de quem o póde fazer assim.

Porque disse o Horacio francez:

Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant écrivain?

Parece-nos que o tracto indefesso com os mestres da lingua irá mondando não só o vocabulario, mas ainda a elocução de sabor estranho que, por mais que façam, andará sempre desnaturalisada. Cuidam os poetas principiantes, feitos na leitura dos francezes, que a ideia do seculo XIX não frisa na linguagem do XVI. É um absurdo pueril, com ares de impertinente pedantismo.

O snr. Ramos Coelho está, ás vezes, receioso d'esse divorcio. Nas poesias eroticas foge dos mestres, e descáe para a toadilha preciosa das *nugæ canoræ*, enliçando-as em immaranhados impêços á clareza. Lá tem Rodrigues Lobo, e Fernão Alvares do Oriente que souberam dizer em suas lyricas o mais ideal e etherio do amor. O Bernardes

Queria a poucas voltas dar no faro
Da sentença, que jaz no verso inclusa.

O snr. Coelho deve querel-o tambem, e ha de conseguil-o, e affeiçoar-se de modo tal ao dizer dos mestres, que achará falso e vão o refolhado das fórmas sem o conceito que reflecte a ideia á alma e lá a «incrava mais profunda» como diz Filinto:

Muito promettedora é, pois, a estreia do snr. Ramos Coelho. Hão de animal-o a timbrar de classico os amadores da nossa rica e facil lingua. Outros hão de achal-o uniforme, frouxo, e apoucado nos ra-

ptos, e arroubamentos que dizem ser a poesia dos estros escaldados da «furia sonorosa.» O nosso Camões pedia essa furia ás Tagides, para dizer cousas tão bellas, tão limpidas, e tão fluentes!

Porto — 1855.

JOAQUIM PINTO RIBEIRO JUNIOR

I

Escrevi, ha annos, * uma analyse ás poesias do snr. Joaquim Pinto Ribeiro Junior. Modificar os gabos, cerceando-os agora, seria reprovar hoje o que então conscienciosamente escrevi. A piolharia dos litteratiços que anda por ahi mordendo a gente que se descuida, fervilhou contra mim por que não dei por ella, quando procurei o primeiro poeta portuense. Chegaram quasi a dizer-me: «Pois não acha que eu sou melhor?» Ahi está o que eu disse, e me compraso de ter dito do poeta das «Lagrimas e Flores:

A primeira idêa que nos occorre, principiando, com timidez, a analyse dos versos do snr. Pinto Ribeiro, não é nossa: pertence a um grande interprete dos homens e das paixões, e foi escripta para explicar a obscuridade quasi incomprehensivel de grandes

* (1856. Estas linhas, antepostas á crytica das «Lagrimas e Flores» são de 1859.)

merecimentos: *Les hommes sont trop occupés d'eux-mêmes pour avoir le loisir de pénétrer ou de discerner les autres: de là vient qu'avec un grand mérite et plus grande modestie l'on peut être longtemps ignoré.* Diz *Labruyére.*

É assim, e á razão custa-lhe a tragar esta dolorosa verdade. Grande merecimento, grande modestia, e obscuridade! Que tres coisas tão negativas para se darem bem, n'estes nossos dias, n'esta nossa terra, aqui na nossa visinhança!

Pouco merecimento, grande immodestia, fama de cem trombetas, isto sim, isto entende-se, é coisa nossa, sabemos como se põe um homem ás cavalleiras da gloria, e se remette á posteridade com tres folhetins de apresentação.

Mas, grande talento, modestia summa, tanta modestia que até nos foge ao louvor, fugindo, escondendo-se para que o não confrontemos com a ignorancia arrogante, se tal existe, se ha ahi um homem que possa honrar a penna que lhe escreve o nome, venha, mostre-se, ajude-nos com o seu nome e com o seu exemplo a castigar orgulhosos, a desvanecer mediocridades, e a envergonhar todos os guarda-móres da metreficação que dão carta limpa a todos os fardos de poesia infectada de certa febre que não tem côr, mas que faz o espirito negro. . .

Conheceis Joaquim Pinto Ribeiro Junior? Talvez de nome, porque tem o de seu pae, honrado negociante d'esta praça, e os appellidos de seu irmão, magistrado probo e querido de todos. Talvez nunca o visseis, porque são raros os que o conhecem, e mais

raros ainda os que, vendo-o, tenham dito: «Vai alli um dos primeiros poetas de Portugal.»

Um dos primeiros poetas de Portugal?! Sim: e eu, se vol-o ouvisse, acrescentaria: e um dos maiores entre os primeiros.

Ora, sabeis o que é ser poeta?

Será Pinto Ribeiro que vos responda:

Alma d'anjo por crua, iniqua sorte
Condemnada a soffrer em terreo vazo
Duras tribulações em duro exilio.

Já vêdes que ser poeta não é ser recrutador de consoantes, alinhador de plutões de quatro, cinco, seis, oito, dez versos. . . *versos!?* Sim, versos, que vem de *vertere* voltar, e não teem, além da etymologia, outra coisa boa taes *versos*, que não são synonimo de *carmen*, como diz o *Gradus ad Parnassum;* mas sim synonimo de *linea*, que quer dizer linha.

Quereis mais ampliada a definição do indefinivel?

. . . . . O soffrimento
É do bardo o elemento
Como é d'ave o céo d'azul;
Canta no docel doirado
Ou nas furnas espiado
Da seva mão de Saul;

Dentro em seu sonoro peito,
Já na dôr aos sons affeito,
Echoa a voz que gemeu,

Banha-a de maga poesia,
E nas azas da harmonia
A sobe aos umbraes do céo.

Celeste flamma lhe ondeia
Na fronte, cratera cheia
D'ardentes inspirações,
E sua voz trovejante
Da alta boca retumbante
Salta e ferve em borbotões.

É o poeta.

Ahi estão os primeiros versos que extractamos do volume do snr. Pinto Ribeiro. Temos de transcrever outros muitos, quando nos faltarem na palheta as tintas com que o pincel mais adestrado consegue apenas com muitos traços esboçar escassa copia das bellesas feitas para se verem, e se admirarem lá, na tela primitiva.

O snr. Pinto Ribeiro é apaixonadamente admirador de Francisco Manoel do Nascimento. Leu, releu, estudou, compenetrou-se dos tersos luzitanismos de Filinto, sem lhe adoptar as exagerações inherentes a tudo que é reforma.

Filinto, sabem-no todos, exhumou riquezas de linguagem, que jaziam sotterradas, debaixo da alluvião do gongorismo, e das academias que depois vieram. N'esse desaterro, escavou pedras finas, as mais ricas joias de Souza, Barros, e Lucena; de mistura, porém, com ellas sahiu cascalho, termos obsoletos, antigualhas da infancia da lingua portugueza,

mondadas já na dicção dos bons escriptores do seculo XVI. Ainda mais: Filinto, figadal inimigo dos francezistas, intolerante com a phrase resabiada de estrangeirismo, alguma vez pospoz o genuino termo indigena, substituindo-o por outro alheio e francez na indole.

Póde muito comnosco esta opinião, que trasladamos, do snr. A. S. de Castilho: ..... «Francisco Manoel do Nascimento foi um martyr da religião da nossa lingua: para lhe lançar mais gloria cerceou a sua propria: com o excessivo das joias com que a arreou, deixou-a affectada, e menos matrona grave do que bailarina de corda; sim habilidosa e leve, mas dengosa e presumida: mostrou-lhe o como e por onde devia subir á perfeição, a que por outros, porém, tarde e mui tarde será levada: foi, por tudo digo, um destemperado despertador, que nos poz a pé para o dia das lettras.»

Filinto Elysio fez duas escólas: uma ecletica: é a que, dos onze volumes do mestre, joeirou

palavras fastiosas
De velhos alfarrabios com bafio

como elle diz em algures. A outra é dos partidarios ardentes, apostolos mallogrados, que, por não poderem incravar o archaismo na elocução polida, lidima e amaneirada do mestre, cahiram na irrisão, e intravaram a idêa que poderia espirar-lhe escriptos uteis, ou, pelo menos, legiveis. Inculparam-se na condemnação de Horacio:

Dum vitant stulti vitia in contraria currunt.

O snr. Pinto Ribeiro, seguindo a perspicaz intuição do *bello*, que lhe alvoreceu bem nas verduras de moço, leu Filinto, enlevou-se na severidade do estylo que infastia a pluralidade dos principiantes, quiz ir na trilha de tantas riquezas exploradas no veio classico, encontrou Vieira, Rodrigues Lobo, Mendes Pinto, Fernão Alvares, Camões, Ferreira, Lima, Bernardim Ribeiro, Goes, Azurara, tantos e outros muitos padrões onde contrastar o ouro de Filinto. Senhor de tanto, escolheu, ajoeirou, estremou, aquilatou, fez o seu thesouro de preciosidades classicas.

Pinto Ribeiro sentia-se poeta. Victor Hugo e Lamartine, rivaes, mas ambos coroados, reinando em regiões distinctas, não escrevem poeticas, mas legislam regras para os poetas. Um desce do céo para a terra, e chora sobre as miserias de cá. Outro maldiz as iniquidades terrenas, e sobe em raptos de colera pedindo justiça ao progresso. São as duas escólas: são as duas religiões da arte; os dois dogmas triumphantes, fóra dos quaes não ha apostolado.

Pinto Ribeiro, feito na leitura dos classicos, amoroso da gravidade classica, se fosse um engenho trivial, pararia de braços cruzados, como tantos, diante d'esse orbe de luz subita, que os amigos de baptisar os factos chamaram *romantismo*, por não saberem o que era, nem terem nome que melhor significasse, segundo elles, a escóla antagonista do classicismo. O nosso poeta, porém, tinha em si a *vis insita*, o dom creador, a força miraculosa do genio, que fórça a

esposarem-se em intima liga elementos heterogenios, sons desarmonicos, indoles avêssas. Tentou-o, experimentou-o, consegui-o. Vasou em hodiernos moldes o pensamento antigo: fundiu no modêlo antigo a inspiração moderna. Teremos dito tudo? ainda não. O auctor das LAGRIMAS E FLORES convenceu-nos de que não ha moderno quadro que não frise na moldura antiga, nem fórma prescripta para tal e determinada idêa.

Pinto Ribeiro creou.

Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant écrivain.

É uma das verdades de Boileau. É a que passa por mais inutil para a turba de candidatos á immortalidade. Esses, que a assaltam de escalada, se cahem, podem, na sua orgulhosa consciencia, comparar-se aos operarios da arrogante Babel, os quaes não roçaram no céo, por falta de linguagem. D'estes, é esta por ventura a unica falta que faz duvidosa a sua immortalidade.

Ha ahi uma coisa que se chama *estylo*, que não é bem o que nossos avós chamavam *linguagem*. O estylo não se diz o que é: mostra-se onde elle está. Faz-se de palavras: isto já vós o sabeis; mas não sabeis de certo o que se faz das palavras. Sabeis o que é *arredondar um periodo?* É estylo. Sabeis o que é assoprar uma phrase, inchal-a de modo que a idêa magra se pareça com as nossas damas de merinaque? É estylo. Sabeis como se impedra de mosaico uma

praça, combinando variedades de côres? É como se cirzem palavras euphonicas de modo que o ouvido se deleite como acolá no mosaico se deleitam os olhos. É estylo.

Parece-vos que a *linguagem* dos classicos é o proprio *estylo* dos romanos?

Não é bem o proprio. Lá, entre aquelles, *linguagem* era linguagem portugueza, correcta, castigada, castiça, pura, nossa, toda nossa, sem mescla de bastardia, que não viesse bem afforada da fidalguia latina.

E o estylo dispensa estes attributos? Perfeitamente. A questão é euphonia, *contabile*, folhagem, florescencia, e sobretudo, *arredondamento de periodo*.

O estylo tem de bom dispensar muitas palavras precisas para representar muitas idêas. Poucas idêas e muito estylo, ahi é onde bate o ponto. Achaes que é possivel saciar a fome com uns doces fôfos e esponjosos chamados *sonhos?* Bonitos que elles são á vista, mas nem a nutrição dos sonhos nem a substancia do *estylo* vos dará que digerir ao estomago ou ao pensamento. Os primeiros ficam no paladar, os segundos na concha da orelha.

Mas, diz Eugene Pelletan (o oraculo de todos os nossos phylosophos em cueiros, que o não entendem): «Eu ouço dizer muitas vezes: Este homem tem estylo; mas não tem mais nada. Procurai-lhe uma idêa... muito boas noites! Como se o estylo não fosse em si uma idêa! «Convêm saber que estamos em boa paz com o illustre phylosopho. Sim, senhor, o estylo é uma idêa franceza com palavras francezas para

Mr. Pelletan; mas entre nós, portuguezes, idêas francezas em estylo francez, será estylo, mas não é *linguagem.*

Se ainda é tempo de pedir perdão aos leitores por tamanha traquinada de estylo para aqui, e estylo para alli, justificaremos a supplica, lembrando-lhes que o nosso fito estava posto em prosadores e poetas que vamos respeitosamente afastar para nos darmos todo ao poeta das LAGRIMAS E FLORES.

O poeta lyrico, nascido na fertil sasão dos nossos tempos, desdouraria o seu engenho exercitando-o em cantatas, natalicios, epicedios, madrigaes, e anacreonticas. Se a moda voltasse, se a mythologia, apesar da razão, volvesse a acarinhar a imbecilidade moral dos seus panegyristas, mais d'um talento, legitimamente reconhecido, ficaria mudo por incapaz de abastardar-se, e livelar-se na plana das mediocridades, promptas sempre a abraçar todas as reformas d'arte, que não conhecem.

A LYRICA de *João Minimo,* como todos os trabalhos do immortal iconoclasta dos idolos pagãos, é a tentativa, menos apreciada, e em quanto a nós a mais impulsiva do genero que depois nasceu, emancipou-se, avigorou, envelheceu, e caducou antes do tempo, por demasia de vida. O genero era muito melindroso, para resistir ao toque da analyse.

Desabotoam no monte lindas flores, que não custam cuidados nem esmero de cultura. Colhidas no seu agreste torrão, desbotam, fenecem, e morrem logo. O lyrismo, como aquellas flores, nasce espontaneamente; não custa canseiras de estudo, nem pen-

samento aturado; mas, se o despem da singeleza nativa, se o tiram do encantador desleixo e desartificio, que lhe deu o ingenho, para o contemplarem com demorada analyse, o lyrismo, como as flores do monte, desinflora-se, perde as galas naturaes, vulgarisa-se, e infastia.

E porque?

O poeta lyrico está sempre recolhido em si, e só canta, se a inspiração lhe vem de dentro. O infortunio, raras vezes mesclado dos instantaneos risos do contentamento, é a fonte do abundante fel, espremido em lagrimas, que humedecem o papel, onde o poeta lança, como um desafogo, a dôr que precisa repousar-se, e respirar. Estes queixumes, umas vezes pacientes como os de Camões, outras sarcasticos como os de Gilbert ou Moreau devem ser indifferentes ao leitor, que abriu um livro de versos por desenfastiar-se das realidades da vida. Que lhe importa a elle as esperanças ou as desillusões do poeta? Como ha-de elle entender as vertiginosas febres do espirito irreconciliavel com as coisas do mundo sublunar? Como poderá elle comprehender a paixão candente da poesia de paginas cinco, e o desalento sombrio de paginas dez?

Grande ha-de ser o merecimento da poesia, personalisada, deixem dizer assim, no poeta para resistir á negligencia sisuda dos que, fartos das suas, prescindem de assistir ás lastimas alheias! Esse grande merecimento ha-de consistir em tres preciosas qualidades: primor de linguagem, conhecimento do coração, e elevada phylosophia, tão elevada phyloso-

sophia, tão elevada que a personalidade do auctor desappareça n'ella, e fique a humanidade.

Estas tres qualidades estão juntas nas poesias de Pinto Ribeiro, tão mixtas que raro se nos depara uma strophe, onde o auctor não pareça esconder-se á individuação para que o homem transpareça na amplitude de todas as suas paixões. Sahido de si, como a refugiar-se na região etheria das illusões, o poeta balbucia na linguagem de homem pensamentos que lhe segredam os anjos. Suspende-se a reflexão perante a opulencia da palavra, e custa-lhe a fitar a idêa. Então nos lembram dois versos de Dante:

Mirate la dottrina, che s'asconde
Sotto'l velame degli versi strani.

E, mais d'uma vez, sentimos estranha alegria quando um problema sobre um verso de Pinto Ribeiro nos é, n'um relampago, lucidamente resolvido no coração, que o tinha sentido, que o tinha experimentado, que o queria assim dizer, e não podera.

II

É tempo de satisfazer a curiosidade, se não é a ancia, dos que, em 1856, não sabem que, ha dois annos, se imprimiram, e se distribuiram alguns exemplares das poesias de Joaquim Pinto Ribeiro Junior.

Antes d'isso deixai-nos fazer-vos, a uns, uma re-

velação vergonhosa, e a outros uma censura, menos acre que a indignação que nos está fallando ao ouvido.

Ha ahi poetas, carregados de louros, aos quaes pedimos por ociosidade (e mais nada) a sua opinião sobre os versos de Pinto Ribeiro. Irresolutos na resposta, ao principio, vieram depois a um accordo com a nossa calorosa admiração, e disseram que o volume LAGRIMAS E FLORES «tinha coisas muito bonitas» *Coisas muito bonitas!* Os quinquilheiros de *violetas* e *brisas* e *raios de prata* não viram senão coisas bonitas no que nós vimos o castigo mais severo d'elles. Estes não se nomeiam.

Talentos verdadeiros, capazes de vêr um livro sem procurar n'elle as *coisas bonitas* como em vidraça de belfurinheiro, viram o livro, ouviram-nol-o lêr, por que os procuramos com elle, como se tivessemos a peito tirar uma flor d'entre os escalrachos e silvados que lhe obstruiam o accesso. Esses admiraram-no, subiram ao enthusiasmo do leitor que lêra muitas vezes LAGRIMAS E FLORES, e perguntaram como era possivel a obscuridade d'este livro. Estes nomeiam-se: foram Evaristo Basto, Arnaldo Gama, e Barbosa e Silva.

Nós, apenas conhecido de Pinto Ribeiro, quando conseguiamos arrancar uma ovação aos seus versos, sentiamos um prazer indefinivel—essa consolação ineffavel que só póde dar a ARTE...

LAGRIMAS E FLORES são paginas como as d'um livro de navegador, desafortunado na rota, risonhas poucas, porque foram poucas as enseadas onde cobrou forças para a tempestade; muitas as angustiosas por-

que foram muitas as tormentas, onde, ao cabo, fallecido braço e alento, o navegador fechou o roteiro, e abandonou-se á providencia.

É a historia do coração este livro; mas o desenlace, a catastrophe é... que nome lhe darei?.. um triumpho? Dizei-m'o vós, quando eu vol-o tornar a perguntar.

Vêde.

Em 1848, o poeta sauda as suas primeiras inspirações no Rio de Janeiro.

Era na estação das melancolias propheticas da existencia que vem aos vinte annos; melancolicas e doridas como as saudades da existencia, que se fecha aos trinta, para os que amaram uma vez e descreram muitas.

O vago anhelar da alma quer o ermo então. O poeta ermava; e, na poesia que escreve, intitulada «solidão» pergunta, como Petrarca:

S'amor non é, che dunque é quel ch'i'sento?

N'esta sua dulcissima poesia, maviosa como um segredo que se murmura á visão dos corações innocentes e embellezados n'ella, o poeta diz:

. . . . . .

Ó meiga soledade,
Quem fruindo teu placido socego
Não sente rociar-lhe
D'alma a pendida flor mimoso pranto,
E mais e mais não ama

As doces magoas d'um soffrer tão doce?
Só tu puras delicias
Podes coar no coração, que soffre,
E realisar seus sonhos,
Só tu, só tu com mago encanto podes.
Ah! se és propicia aos rogos
E aos fundos ais do solitario amante,
Não furtes á meus olhos
A meiga virgem que m'inflora a vida.

. . . . . .

E o coração que se dá ás confidencias da phantasia. O céo, o ar, a noite, o silencio, figuram-se-lhe tão bellos, tão amigos, tão votados a decorarem-lhe o mundo como theatro de ditas e jubilos! A candura com que nós attribuimos o dom magnetico para as maravilhas, que nos vem despontando no horisonte da imaginação! Assim o poeta, quando a lua se levanta «qual prateado alfánge» pede á meiga solidão que a doce amada lhe pullule

D'entre os rosaes em flor...
Ou dos ridentes lagos,
Toda rosas e luz e mimo e neve,
Aljofar gotejando,
Venha a sós na soidão sorrir-me afagos.

Como então se imaginam as mulheres! É assim: ha de tudo aquillo no prisma dos vinte annos: o que raras vezes ha é o ideal dos vinte annos tão opulentado das louçanias da palavra.

E, depois, ou venha do céo ou do acaso, essa mulher que pedimos á solidão, apparece. O coração foge-nos do seio a dar-se-lhe todo por um sorriso. Palpitante de commoções febris, o poeta exclama:

. . . . . .
Se te diviso, o ar e a luz me fogem;
Mil pulsações meu coração constrangem,
Louco titubo e o rubro humor nas veias
Gélido pára.
. . . . . .

Mas, se te escuto as namoradas fallas,
Se em brando amor os olhos teus removes,
Se a doce bôca de coraes entre-abre
Languido riso,

Oh! que delirio comparar-se póde
Ao que minh'alma a ignotos céos arroba?
Sem côr, sem voz, sem spiração, sem alma,
Trémulo morro.

No goso d'esta felicidade, que se nos finge eterna, um ligeiro contratempo, nuvem entre a illusão e o prisma, ausencia, que nos escurece o panorama das mil lucidas chimeras, arroja-nos ao abysmo da desgraça, e convence-nos de que a nossa primavera terminou alli, com a esperança morta. Na mulher, por mais anjo que seja, descobrimos-lhe macula de deslealdade, de ingratidão; mas tudo perdoamos, com tanto que nos diga: «és injusto!» Aqui tendes

melhor significada a situação do moço, no ardor da saudade, que o leva á duvida instantanea:

. . . . . .

Noite sem astro ser-me-ha sempre a vida?
Tua pallida imagem
Que infante amei, que adulto me enamora,
Será d'est'alma ardente
Um delirio sem fim n'um céo sem termo?
Tuas juras mentidas
E teu regresso suspirando—um sonho?

Vem, ah! vem; nos jardins da amena vida
Breves passam as flores;
Antes que as mate o suão, amor as ceife;
E respirando-as prestes,
Dos annos tristes na fugaz torrente
Folha e folha as lancemos;
Que a vida sem amor semelha a morte.

Folha e folha as lancemos... Reparai bem n'esses quatro ultimos versos, que tem uma idêa grande, que só assim póde dizer-se. Como o diriamos nós em carta fechada á mulher que podesse entender-nos? «Sê minha, anjo; e quando o roçar do tempo, levando-te as azas, te deixar mulher, terei para a mulher a amisade que foi amor para o anjo.» E o poeta, por ventura, respirando as flores, esperou que o tempo lhe levasse as petalas uma a uma? Não. Foram juntas; *matou-as o suão.*

Ides lêr a pagina negra, a mais negra do livro. Sabemos que lagrimas assellaram essa poesia. Está n'ella a historia inteira: não vos subtrahirei um verso:

A COSTANZA

Quando uma aza pavorosa
Dos olhos te açoite a luz,
E que tua alma orgulhosa
Curve ao anjo que a conduz,
Que de vaidades despida
Volva um triste olhar supremo
Ás ruinas da extincta vida,
Julgarás se tão cruel
Cumpria tornar meu fado,
Se eras anjo só guardado
A dar-me o calix de fel.

Então, junto á negra estancia,
Pensa em nosso paraizo,
N'esses abraços da infancia,
Tão cheios de afago e riso;
E uma lagrima piedosa
Talvez sobre a campa ainda
D'amor nos abra uma rosa;
Talvez...—Não! n'essas soidões
Como ha de raiar bonança,
Se da flor de nossa esp'rança
Té calcaste os embryões?

Houve uma noite funesta,
Noite mais que o vicio impura,
Brilhante d'infernal festa,
Onde solta ia a loucura;
Onde a valsa delirante
Em seu vortice te dava
D'um amante a outro amante;
E onde, por entre alva cassa,
Lumes, sons, crystaes e flores,
Toda risos seductores,
Se ia a luxuria devassa.

Alli fui, cego, buscando
Alegrar meus negros dias
No fulgor suave e brando
Que dos olhos diffundias;
Mas a voz que me condemna
A viver sem ti, soltaste
N'um feroz riso d'hyena...
E eu como estatua que dorme
Sobre um sepulchro vasio,
Morto, quêdo, frio... frio
Empedrei á dôr enorme.

Perder-te assim quando a vida,
Por tapiz d'amenas flores
Deslisando adormecida,
Retratava um céo d'amores;
Quando em teu olhar sereno
Me raiava nova aurora
D'outro amor celeste e ameno;

Quando esta alma me doía
Por te amar inda tão pouco...
Perder-te assim! louco, ai louco,
Que eu não sube o que perdia!

Alma infeliz, que te resta?
Esse amor mata e comprime,
Como impia mãe deshonesta
Suffoca o filho do crime.
Já teu sol d'amor declina,
Já os teus templos brilhantes
De vida e gloria são ruina!
Podesse eu ao vêr tal quadro
N'um fundo somno tombar
E passar do leito ao adro
Sem d'elle mais dispertar!

A dôr assim não se inventa. Estes versos ressumam lagrimas. A dôr phantastica é a que vem, escoltada de raios e demonios, e punhaes e maldições. Esta agonia geme, não grita: lastima-se, não amaldiçôa: move a sympathia pela paciencia, e não incute o terror pela raiva.

Quando esta alma me doía
Por te amar inda tão pouco...
Perder-te assim!...

Que verdade! O supremo queixume d'uma paixão verdadeira não póde ser senão este. A perfidia surprehende-nos o coração que nos é estreito

para o muito amor que quizeramos dar. O excruciante espinho, que primeiro no'l-o rasga, deve ser uma angustia de abafar soluços. As reminiscencias atrophiam-se: a saudade nutre-se das lagrimas que não podem rebentar nos olhos; nutre-se, e depois de exhausto o sangue da ferida, ergue-se no limiar do passado, mostrando-nos lá em baixo a desolação sentada nas ruinas do nosso mundo. Póde ser que então a mulher esteja esquecida; mas o tempo não.

Que eu não soube o que perdia...

É essa a chaga que nunca fecha uma vez aberta. Os que não deploram a perda irreparavel dos thesouros que lhes dera um primeiro amor, não amaram então, não amarão jámais.

Abstrahindo da analyse esthetica d'esta affectuosa poesia, ha ahi imagens surprehendentes, com riquissima linguagem. Esta:

E eu, como estatua que dorme
Sobre um sepulchro vasio,
Morto, quêdo, frio... frio
Empedrei á dôr enorme.

É mais tocante, mais imaginosa que a do *Oberon*, na traducção de Filinto:

Estatua immovel
Semelha ás que esculpidas, stão nas campas.

Est'outra:

Alma infeliz, que te resta?
Esse amor mata e comprime,
Como impia mãe deshonesta
Suffoca o filho do crime.

Ha ahi sublimidade que nos força a meditar alguns momentos a feliz escolha da metaphora. Não se póde dizer melhor d'um amor, que nos deshonra, que nos vexa, que nos põe em risco de ignominia, como o filho do crime á mãe que o suffoca!

A poesia é isto, meus amigos, que versejaes ao sabor da rima. A poesia não está no diccionario do Candido Lusitano, nem no cabaz portatil das edições amaneiradas de Lamartine e Victor Hugo. Senti por vós, não sintaes por elles: deixai essa maravilha ao magnetismo animal. Quando vos ferver na cabeça a bossa das rimas, agua sedativa do Raspail, meus caros metrificadores, e dissipae da cabeça vapores que não sejam effluvios do coração. É lá que se elabora a poesia, é de lá que ella sobe em soffreadas impetuosas, se a fere o genio, como o ether subterraneo á superficie da terra, quando inflammado pela faúla subita.

« Ha uma idade para a experiencia, outra para a recordação. O sentimento extingue-se por fim: mas a alma sensivel fica sempre » Verdade, como poucas verdades de Rousseau.

A alma do poeta ficou, talvez mais sensivel ainda, não para os jubilos escassos da vida exterior, mas

para repercutir os gemidos da humanidade, que, desde o seu despenho, se lhe mostrou qual era, trabalhada d'angustias.

É moda entre os poetas, perdida a crença na mulher, afiarem o gume da poesia, especie de faca de mato, e espostejarem a humanidade como o fidalgo da Mancha atassalhava odres de vinho. Com estes, perde-se a eloquencia persuasiva de Sancho.

O bardo, mal-avindo com a sorte, declara-se corisco permanente, e não ha pára-raios que o sustenha, a não ser um lugar honesto de aspirante a conductor nas estradas. Graças ao ministerio das obras publicas, o senso commum tem aproveitado o que perderam os socios da Abelheira, os typographos, os entregadores e os tendeiros.

Amante despresado, sabendo rimar, hade necessariamente fazer-se um mau homem, ainda que tenha o coração de pomba. Se se digna olhar de frente a humanidade, carrega a sobrancelha, ruge um sarcasmo, uma ironia por muito favor, e, no auge da sua modestia, diz-se anjo perdido n'este covil de demonios. Nega virtude e crime: não ha crime, nem virtude. Nega lealdade em mulher: não ha mulher leal; mas, como nega crime e virtude, a lealdade dispensa-se para a morigeração da especie. Chanceia com chascos, traduzidos litteralmente do francez, os sentimentos bons, as coisas boas, as mães ternas, as filhas submissas, as esposas extremosas. Os maridos, que têem o descoco de viver felizes, são uns ignorantes, embebecidos nas delicias do barrete e da alparcata, seus penates queridos. Diz coisas com mui-

ta graça a respeito do matrimonio; mas não inspira o receio d'um heroe de Corneille, do qual heroe dizia o creado:

Je prévois du malheur pour beaucoup de maris.

Não haja medo.

O poeta, *sceptico* por excellencia, se não fôr isto, deixa de pertencer á familia dos lemures, almas penadas que vagam n'este mundo á espera d'um novo traçado de estrada para fazerem com o thesouro uma juncção hypostathica.

Dissemos, antes d'esta nesga mal cabida que talvez aspemos, que a alma do nosso verdadeiro poeta ficou sensivel para condoer-se em todas as afflicções estranhas. Chora com o pae a perda da filha estremecida. Lastima a indigencia do veterano que estende á esmola o braço desfallecido no serviço da patria. Curva-se, piedoso e attribulado, sobre a campa d'um amigo. Alenta de espiritos briosos o poeta, que a desconsolação da vida desanima. Dirige ao cego Montalverne versos ungidos de christã resignação, lucidos e magestosos como um pregão do céo para os desconfortados da terra.

Julgaes que o gélido coração da mulher ingrata coou na alma do seu cantor, com o veneno da tristeza eterna, o esquecimento do passado, e a indifferença do presente? Não. Alma assim afinada póde mão cruenta quebrar-lhe uma corda, mas o hymno soará sempre, em quanto o dedo mystico de Deus não desder a afinação que lhe deu no céo.

Recordações de auspiciosos tempos, pallidas sim, como folhas seccas do outono que ainda pendem na França onde a primavera lhes bafejou a vida, essas recordações gemeram em muitos dos seus cantos.

Na poesia o BARDO, onde Pinto Ribeiro, exaltando o poeta coroado de espinhos, faz a sua missão invejavel, dulcificando os soffrimentos do genio, ha versos, que nos fazem lembrar a flor mirrada que recatamos, memoria de venturas mortas, flor, que não quereriamos perder, embora nos custe lagrimas o vêl-a. Instiga o bardo a cantar Deus e a patria. Vigora-o contra o infortunio citando-lhe um grande martyr:

Do cysne de Sorrento a sombra heroica,
Já d'espinhos c'roada a fronte em sangue,
Assim das margens do funereo leito
Sauda o Capitolio.

Tal Golgotha sanguento o genio sobe
Para raiar nas provindouras eras!
Aos proselytos seus tal premio guarda
A musa enfurecida.

III

Depois, como para dar conforto á magoa alheia, da mal cicatrisada ferida distilla gotas de sangue, reminiscencias doridas de uma epoca de provação:

Ah! tambem minh'alma altiva
Respirava a chamma viva
D'essa luz celestial,
Mas do corpo desvalida
Desce como aguia ferida
Ás sombras d'um fundo val.

As duas strophes seguintes não basta lel-as; é preciso pensal-as. Entreguemo'-las á memoria como um dos mais bellos trechos poeticos, escriptos n'esta abençoada lingua:

E do peito onde não vibra
Sequer uma debil fibra
Que não repassasse a dôr,
Sahe meu canto entristecido
Como d'um crystal fendido
Mana um fluido sem rumor.

Que o astro da minha esp'rança
Já no occaso se balança
Já sossobra o meu baixel,
Nem da gloria a luz tremente
Me prolongará na frente
A sombra do meu laurel.

A desesperação, ainda assim, raras vezes turva a serenidade com que o poeta, salvando do naufragio a melhor parte da sua alma, amenisa a revelação das suas penas. Só duas vezes, n'este livro, encontramos a expansão da agonia irrequieta que supera

a paciencia. Na poesia—O BARDO, que quizeramos transcrever inteira, ha um d'esses raptos convulsivos. Diz elle ao poeta:

... quando da borrasca ao som roufenho
Teu cantico de morte houver soado,
E rota e muda pare a extrema corda
De teu canoro peito;

Quando, ó aguia sublime, após teu vôo
Ruidosas, negras azas despregando,
O sarcasmo satanico no espaço
Te houver quebrado o arrojo;

Quando já de soffrer libado houveres
Na funda taça a mais acerba gotta,
E tuas grossas lagrimas abrazem
As cordas de tua harpa;

Quando, emfim, de precoce morte a idêa
Faminta o seio te assoberbe e rasgue,
Como abutre caucaseo a rez lacera
Na prezas aguçadas,

E já teu coração myrrado e frio
Em convulso tremor busque repouso,
Repouso a um canto d'esse peito afflicto
Que lhe foi berço e tumba,
.....

E na poesia—O MEU CARNAVAL, onde a indignação do amor trahido fere as mesmas cordas que vibraram aquelle pungente canto—A COSTANZA:

Vai férvida a festa!
E a valsa se apresta,
E em viva harmonia
Retirem crystaes;
— Folia! folia! —
É o grito da orgia
Por salas, por bosques
D'accêsos fanaes.
.....

Ahi,

De rosas toucada
Na valsa encantada
Vagueia a donzella
Que ali me era luz.

Luz precursora do fogo infernal que se inflamma na alma do poeta, quando succumbe á traição d'um riso...

D'um riso? — d'um beijo
Que abrasa o desejo,
Que a mente lhe escalda,
Que o faz delirar.

Delirava o amante feliz, e a prejura queimada na chamma da mesma vertigem, vai, segue-o, porque o *bosque distante,*

Co'a luz vacillante
Propicio os convida
Aos gosos d'amor.

A borrasca estala nos céos: as luzes extinguem-se,

O céo s'electrisa;
O vento agonisa,
E a sombra, que augmenta,
No bosque os sumiu.

«Ó raiva! ó tormenta
Que todo me alenta!»
— Folia! folia! —
Ao longe se ouviu.

Ora vêde que o poeta nem sequer nos diz que apertou o cabo do seu punhal! Em verso tão singelo uma ideia tão grande! Singelo, sim, mas rapido, impetuoso, cortante como deve ser o pensamento em torturas d'estas.

E não vimos outros assomos de colera em todo o livro. Pinto Ribeiro não quiz fazer-se mais que homem, para se pintar como se nos pintam os poetas. Tal ha que, uma vez infeliz em seus amores a mulher indigna d'elles, faz todas as mulheres responsaveis da culpa d'uma, e arremeda constantemente o desesperado dos «Ciumes do Bardo», que queria mergulhal-as todas. O poeta não prodigalisa affectos ás que poderiam depois indemnisal-o, como é mais d'uso, e até nos parece que o mais acertado. Mas, se lhe fallece coração para o amor, uma vez extincto, sobra-lhe amor á humanidade para desejar a uma os gosos da infancia, e a grinalda de esposa; a outra o amor da terra, e os risos do céo; e a outra, que, por ven-

tura lhe adivinhara, na serenidade dos olhos lacrimosos, a viuvez do coração, diz o poeta:

Não tentes olhar-te nas turbidas aguas
D'um peito que soffre, que póde, sem dó,
Os lirios roubar-te da fronte sem magoas,
Mirrar-lhes o viço, volver-'tos em pó;

Nem cinzas revolvas, que julgas sem vida,
Mas onde se enrosca serpente a dormir,
Incendio que salta com flamma subida
Se um leve suspiro te sente fugir;

Nem, dando a meus prantos suaves auxilios,
Dos labios trementes me indagues, por Deus,
Se as lagrimas fallam ventura em meus cilios,
Se n'ellas te adora minh'alma entre véos.

Mas deixa-me em tacita e doce linguagem
Dizer-te os mysterios que o labio não diz,
Nos ermos da terra seguir tua imagem,
Ai, sempre seguil-a n'um sonho feliz!

E embora não sejas.....

É tão rara esta franqueza em *metrificação! O metrificador*, que ha-de ser por força uma das duas cousas, *D. João* ou *Manfredo*, se é o primeiro, nunca diz *embora não sejas*. Depois que consumiu trinta rimas, seu cabedal unico diz sempre: *és*. Se se

faz pelo theor do segundo, apraz-se em cortar no coração da mulher com a tesoura da consoante.

Ora, o snr. Pinto Ribeiro só consente á sua fantasia crear riquezas naturaes, e não monstros. O poeta profanaria a sua dôr ampliando-a, ás dimensões estupendas da eschola pessimista, em verso. Naturalisando no coração sentimentos extravagantes, viria poetar a uma geração que mente muito na prosa da vida exterior; porém, quando o leitor de hoje se concentra para interpretar o coração n'um livro, depõe-n'o com fastio, se querem maravilhal-o com scenas magicas.

A boa poesia é tudo o que se nos revela ao espirito sem nos molestar o entendimento; é tudo o que nos banha a alma de uncção, desprendendo-a dos liames terrenos; é, emfim, esse toque subito, chamado arrobamento, ao qual o espirito segue espontaneamente como librando-se muito acima da terra nas azas d'um anjo. De lá cahimos, é verdade, quando o commercio com a realidade nos accorda da lethargia instantanea; mas, embora dispertos, sentimos que ha dentro em nós uma lampada nunca extincta.

Se raras vezes a sua luz se irradia por sobre as coisas da terra, é que, fechados os olhos á luz do mundo, a plenitude do seu fulgor virá então como crepusculo da immortalidade.

Se não tendes d'esta poesia, não entendereis a de Pinto Ribeiro.

IV

Por havermos dito que a poesia é o condão das almas que se elevam ao de cima do seu involucro de barro, não se infira que o poeta seja de si uma creatura tão áparte das cousas mundanas, e tão alheio ao mechanismo d'este planeta, que não haja necessidade de entreter relações com o genero humano.

Uma, e talvez a primeira das suas precisões, é estudar, é saber. *Sapere est et principium et fons*, disse Horacio; e, depois de Horacio, provaram-n'o outros, grandes poetas como elle, com os quaes é bom travarem relações, nas horas vagas, os mancebos inspirados.

Inspiração todos nós a temos, e talvez o pastor de ovelhas a sinta mais calida que o «poeta de profissão.» A differença é dizer, é revelar, é haurir do thesouro da eloquencia a riquesa da palavra. Por mais ardentes que lhe tumultuem as idêas na alma, por mais copiosa que lhe mane a veia do estro, se o poeta não tiver lá dentro essa outra faculdade de transfundir na palavra a imagem, poderá articular sons, rimar palavras, accumular idêas em confuso cahos; mas vestir o pensamento dos trages proprios, communical-o semelhante ou quasi semelhante á concepção, esta é a balisa onde param descoroçoados os principiantes capazes de se verem nos modêlos da arte. *Saber é o principio e a fonte*, repetimos.

«Mas, como harmonisar enthusiasmo e saber? «É Voltaire que pergunta, e responde: «Como Ce-

sar, que formava um plano de batalha com prudencia, e combatia com furor.» Bem o entendem. Foi elle o que definiu a poesia a musica da alma, mormente das almas grandes e sensiveis. Mas sabeis de que poesia fallava o terrivel critico? Não era de certo d'uma tal poesia sem alma, sem vida, sem sôro, sem côr, sem um verso d'esses, como diz Filinto,

que encrava mais profunda na alma a idéa.

Da tal poesia diz Voltaire: «Um homem que só tem dactylos, espondeos e rimas na cabeça, é raridade se tem bom siso.»

D'onde devemos inferir que o poeta precisa saber mais alguma cousa que alinhar regras, e o ritintin das consoantes. Voltando do céo por onde se alou em extasis, visto que tem a generosidade de nos contar o que viu, ha-de, se quizer que o escutemos aprasivelmente, captivar a nossa credulidade vestindo as suas imagens com seductoras joias de linguagem, elegancias portuguezas, que as ha de sobra, alegorias bemquistas do natural, e imbaimentos que nos infeiticem a alma, sem nos desprazerem á razão.

Esta especie de magia, combinação do muito engenho e da muita arte, tem-n'a as poesias de Pinto Ribeiro, ainda aquellas que mais altas voejam nas regiões do ideal. A visão, por exemplo, é uma, cujo titulo nos prepara para um genero de pura fantasia.

Dizei-me: Ao nascer do sol, os cabeços das montanhas que, primeiros, lhe recebem os raios, não se vos afiguram, destacando da collina ainda intacta dos

reflexos, uma fileira de estatuas sobre as quaes tremulam laminas d'ouro? Vêde a pintura em versos do nosso poeta:

Longe, ao longe, mil pincaros suspendem
No tacito horisonte um véo d'agoiro,
Té que surja, qual mago, o sol das aguas,
E os transmude em tropel d'estatuas d'oiro.

Mas já todo em rubis o ar s'inflamma,
Franjando d'oiro as nuvens purpurinas:
Reflecte a luz cambiante o rócio tremulo,
E alastra o dia as floridas campinas.

É o quadro visivel a todos. Não ha nada ahi que seja mais doce ao ouvido do que accessivel á razão. Vê-se em oito versos, sobrios de imagens, e rigorosamente cheios de palavras todas precisas, um espectaculo magestoso. N'estas pinturas rapidas é muito feliz o snr. Pinto Ribeiro. Veremos n'esta poesia uma outra de muito superior engenho. É depois que a imagem de sua irmã, morta, e sentidamente chorada em duas poesias d'este livro, desprende a trança dos cabellos para deixar-lh'a, e

Logo, em pallida luz fundindo as roupas,
Manso e manso qual nevoa se esvaece.

Se é possivel materialisar aos olhos da alma a vaporisação instantanea do fantasma, deve ser aquella a imagem. É uma palavra só o fecho d'ella: *fundindo.*

É a mais simples e a mais propria. Quantas seriam regeitadas por aquella? O conhecimento da lingua dá esta gloria á pertinacia, que crê possivel desenhar com a palavra todas as côres da idêa caprichosa. Raros o conseguem de modo que a altura do estylo não damne á claresa. A regra do insigne A. Vieira para os prosadores não desdiz nos poetas: «O estylo póde ser muito claro e muito alto: tão claro que o entendam os que não sabem; e tão alto que tenham muito que entenderem n'elle os que sabem.»

A ultima quadra d'esta poesia só se encarece, trasladando-a:

Morte, bem pouco és tu quando salvamos,
Máo grado os vermes teus, tempo e distancia,
Uma joia que a esp'rança ao céo nos liga,
Um laço que nos liga á morta infancia!

De duas poesias vamos copiar fragmentos, onde a inspiração é verdadeira, altissima, e ainda assim a phrase, subindo com ella, não se nos esconde, nem nos rouba o goso de seguil-a. É o dobre de um sino, que electrisa estas tão arrobadas e ao mesmo tempo tão simples imagens:

.....

Urna mystica e sonora,
Posta entre o céo e a terra,
Cujo seio o pranto e as resas
Dos mortaes acolhe e encerra,

Té que um anjo ás horas mortas,
Horas de somno e d'amor,
Balançando-te nos ares
As envia ao creador:

.....

Porque em ondas de tristeza
Flue teu dobre d'agonia,
Quando a escuridão nocturna
Inda envolve a torre esguia?

Pedes ás loisas um anjo
Em teu matutino afan?
Tambem tu, piedosa campa,
Choras uma morta irmã?

Tambem por noite a procuras,
Deixando o repouso teu,
Nos negrumes das florestas
Nos raios do puro céo?

Tambem teu seio lhe envia
Doridos ais de afflicção,
A cada bater sonoro
De teu ferreo coração?

.....

Aqui são carinhosos alentos ao cego philosopho Montalverne, antecipando-lhe o goso da immortalidade:

524107

.....

Dorme: breve assôma a hora
Em que em raios d'oiro e rosa
Brilhe a fronte luminosa
Do sidereo Raphael;
E, queimando as ermas sombras
D'alma, que languida chora,
Te aponte a celeste aurora,
Qual visão d'Ezequiel.

Que a vida é rapida flamma
Que exhala o nocturno véo,
Como a espuma do escarceo
Ferve, avulta e logo é pó;
É fragil baixel, que voga
Ludibrio do pégo cavo,
Se o tufão turbido e bravo
Nas praias lhe solve o nó;

Rosa, que longe do rio
Pende ao sol, que lhe fallece,
Que de mimosa languece
E o tenro viçôr perdeo;
É ninho, que uma ave tece,
E onde empluma o seio liso,
Porque ao matinal sorriso
Audaz vôo enfie ao céo.

.....

É admiravel que se possa dedilhar com tanto mimo, com tanta melancolia terna, este verso pequeno, e parece que só azado para o lyrismo da graciosa cançoneta e da endeixa pastoril! Porém, quão suave elle sôa depois d'este rythmo grandiloquo da ode classica:

Tu, qual aguia fitando o sol ardente
Da radiosa verdade... emfim cegaste;
Como Paulo ao sentir da Divindade
O sôpro deslumbroso;

E teus olhos nas orbitas errantes,
Bem-dizendo o extremo, humido raio,
Rolam na escura treva ainda, ainda
Empós do Deus, que os fere!

.....

Oh! dorme o somno teu placido e calmo
Assim nos crepes da tristeza envolto!
Mais santo e mais solemne o templo fica
Quando a alampada morre.

A analyse a estas strophes seria vã e fria. Ha um sublime, que deslumbra os gabos da critica, e retráe ao seu acanhamento a expressão do applauso. Estas bellezas não se apontam: seria uma tortura recommendal-as á comprehensão dos que as não viram, sem lh'as indicarem.

V

«O prazer da critica tolhe-nos o prazer de sentir vivamente as grandes bellezas» diz com justeza um escriptor francez. Ha criticas carregadas de erudição a troxe-môxe, as quaes, estiradas em muitos capitulos, chegam ao remate, cuidando a gente que o critico ainda não entrou em materia. Tal critico annuncia-vos um livro, propõe-se julgal-o, põe em scena quantos escreveram em linguas mortas e vivas, incommoda todos os auctores, menos o auctor do livro que quer julgar. Esse tal, enlevado nas suas idêas, esquece as do livro que deseja apadrinhar ou deprimir. Como se o seu fim fosse escrever critica para abrir a boca admirada da critica, os enfeites e formosuras da obra, que se propoz avaliar, não o enthusiasmam. Não nos parece que o melhor methodo de analysar versos seja esse. A poesia é tudo o que póde ser, se é boa: é a ultima expressão do nada, se é mediocre. A primeira não ha encomios em prosa que a traduzam bem: é necessario citar, citar muito, ou restringir o juizo a poucas letras, dizendo: *é boa poesia.* Os apparatosos adresses com que a analyse se nos impõe é vaidade do critico. O merecimento do livro censurado, se elle o tem, ou por maior que o tenha, ha de o leitor lá procurar-lh'o com o seu bom instincto.

Gostamos muito de ler a critica, se ella é desenfeitada opinião do seu auctor. Tal livro tem relevante merecimento? tal pagina é bella e arrebatado-

ra ? tal idêa é grave e rica d'alta philosophia ? Transcrevam-n'a, deixem-nos a nós julgal-a, e guardem lá o que é seu para os livros e para a critica dos outros. Não nos velem a mediocridade com as suas farfalhudas litteraturas, e deixem-nos vêr as excellencias da obra, desempeçada dos seus encomios, menos persuasivos que ellas.

Com isto esperamos que nos absolvam do muito que havemos copiado das LAGRIMAS E FLORES do snr. Pinto Ribeiro. *Que nos absolvam?* é incorrecta a expressão: queriamos dizer que nos agradeçam dar-lhes, embora desairados na mutilação, extractos de poesias que se disputam umas ás outras a preeminencia.

E já agora seremos contumazes, ainda que o auctor nos diga que o ameaçamos com a 2.ª edição do seu livro nos folhetins do *Clamor Publico*.

De qual poesia trasladaremos agora ?

Seja VETERANO E MENDIGO. O titulo está dizendo que é um soldado

Mendigo, após ser bravo !

Banido dos soberbos tectos,

Cobre o rosto, ergue a voz que o pão grangêe
Á já caduca vida;
Sem ventura, sem bens, sem lar, sem 'sposa
Sem ter sequer por socia
Alva filha gentil d'olhos suaves
Que as lagrimas lhe anime,
Tronco é sem flor, abandonado aos vermes.

Mendigo, sim; mas n'esse estrado de miseria, ainda, oh bravo, te visitam os sonhos das *gloriosas* pelejas, onde mereceste a tua canna de irrisão!

Quando á réstia do sol as cãs nevadas
Dormido reanimas,
Hirtos de frio os mal-vestidos membros,
Inda, em sonhos de gloria,
Te ondula incerto aos fatigados olhos
O quadro sanguinoso
D'uma peleja fulminante e brava.
Aqui negras se enroscam
No solo heroico as legiões travadas...
Lá, ultimos arrancos
Se vão mesclando ao retintim dos gladios.
Granadas se atropelam...
Rebate rufos o tambor guerreiro...
Os mosquetes lampejam...
Ferve a guerra... mas tu sorvendo fumos
Lá onde os bronzes roncam,
E onde os rotos pendões tremulam mortes
Vôas — o gladio vibras,
Feres, rompes, abalas, matas, vences,
E á luz d'um tiro cáes...

Ahi fica um modêlo da energia d'esta nossa opulenta lingua, que não inveja os recursos de nenhuma. É um conflicto de guerra, onde as palavras imitam o som do objecto que intentam significar. É a onomatopêa, em que os classicos primaram; mas raras vezes a encontramos tão valente, tão impetuo-

sa, tão demorada! Ahi não ha só a onomatopêa na palavra; está tambem na construcção — deixai-me assim dizer — eriçada e escaborosa, em que a respiração se susta, e o leitor, que sabe ler, cuida reproduzir na voz o stridor da acção. É sublime. Com este só trecho de poesia, o snr. Pinto Ribeiro teria provado o seu engenho superior, se todas as outras não derivassem da mesma fonte caudal de primores de imagem, e galhardias de elocução.

Ora, se vos não esqueceu ainda o pobre soldado, quereis vêr o que o nosso poeta lhe diz por fim?

Loiros, honras não fazem
Maior o esplendor d'almas tão grandes;
A si se honra a virtude:
Quem serve a patria galardões não busca.
Deixa, deixa piedoso
Que os rapaces, fataes conquistadores
Em abrasado vôo,
Quaes soltos raios circulando a terra,
Vão d'ella aos fins com sangue
Fixar seu nome em colossaes pyramides;
Tu — soffre, «morre... e vinga-te.»

O snr. Pinto Ribeiro collocou entre virgulas o «morre e vinga-te.» Quiz, por ventura, significar que tomára esta flôr de jardim d'amigo: d'amigo sim, com quem conversa muito, por ser dos seus, dos da sua terra, e amantes da sua lingua. Não respigou na vinha vendimada de V. Hugo, e Alfredo de Musset. Foi em padre Antonio Vieira, que deixou muitos

d'esses thesouros, cujo desencanto obedece aos que esperam, como Pinto Ribeiro, organisar de velhas achêgas o edificio novo.

Aqui tendes como a idêa manou da tribuna sagrada, quando a tribuna sagrada era manancial de idêas:

«Se tivestes animo para dar o sangue, e arriscar a vida, mostrai que tambem vos não falta para o soffrimento. Então batalhastes com os inimigos; agora é tempo de vos vencer a vós. Se o soldado se vê despido, folgue de descobrir as feridas, e de envergonhar com ellas a patria por quem as recebeu. Se depois de tantas cavallarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triumphos. E se em fim se vê morrer á fome, deixe-se morrer e vingue-se.» *

Depois d'esta eloquencia ardida, e pomposa que nos raptou na poesia VETERANO E MENDIGO, quereis vêr o que póde o talento no genero alquebrado, morbido, e voluptuosamente feminil?

Porque foges, garbosa Magdalena?
Porque não dás que as niveas mãos te aperte?
.....

Quero comtigo a sós gemer suspiros,
A teu collo gentil meu collo unir,
Quero em teus doces labios
Beijar-te... *e poi morir!*

* Sermão da 3.ª quarta-feira de Quaresma de 1660.

Porque entrariam ali as palavras italianas, que são tiradas d'uma deleitosa cantata de Metastazio? Se lhe não achais o segredo, tambem eu vol-o não quero dizer. Mas tem-n'o aquellas dulcissimas palavras, cheias de langor e volupia. Se tem!

Não estamos cansados de admirar; mas de escrever sim, e de escrever com dissabor por não podermos levar a palavra onde a alta idêa a chama.

Pendamos para o remate d'este trabalho feito com lisura, ha dois annos projectado, e agora posto em obra, ao correr da penna, sem vaidades de critica, simples esboço em que me dou mais conta a mim que aos outros das minhas impressões.

Promettemos fazer uma pergunta ao leitor de certo esquecido. Vamos lembrar-lh'a um pouco mais abaixo.

Lagrimas e flores é livro de lagrimas: raras flores lá vimos, e as que vimos estavam aljofradas de lagrimas.

Duas poesias revelam a morte d'um coração, que não mais resurge nas outras. D'estas ha uma, onde se lêem os seguintes versos:

Venturosos que são esses que a vida
Foram sumir na solidão dos claustros,
Buscando longe do geral bulicio
Esquecidos viver, morrer ignotos!
Quantas magoas que a si sabios pouparam!
Jámais lhes deitará dextra aleivosa
Na taça do existir fel deleterio
Que ainda no alvor o coração lhes rale!

Por que me cumpre a mim fugir contino,
Batel sem leme, a doce paz dos portos,
E errar perdido em procellosos mares,
Pedindo a cada vaga o meu sudario?
Ao referver da tempestade interna
Sentir o coração ir-se exalando
Em chorosas canções, baldadas preces?
Sempre abrasado por febril delirio,
Que mal suavisa o pranto, a cada instante,
Debater-me entre as garras da agonia?!
E comtudo estes sons do orgão sagrado,
Recendendo celestes melodias,
Bastavam a calmar tão cru tormento;
Estas vozes que gemem tristurosas
Como suspiro de nocturnas brisas
Por falhas de cruzeiro derrocado,
E tão gratas em seu fallar d'esp'ranças,
Bastavam a subir-me a um céo tranquillo
O atribulado espirito, bastavam...

.....

Em outra poesia, gemido do coração apertado entre a desgraça e a duvida, o poeta echoando os mais tristes sons da harpa de David, sobe a Deus o seu hymno assim:

Tu, que infindos milhões d'orbes luzentes
Com teu sopro divino impelles, volves
Quaes sobre um manto azul espheras d'oiro:
Cujo summo poder só tem limites

Onde a vista infinita te fallece :
Ante cujo saber a sciencia humana
É trevas, é demencia, é fumo, é erro :
Que estendes teu olhar beneficente
Dos fundos mares ao cetaceo ingente,
Da tenue gotta aos mil boiantes seres :
Á sombra tua bonançoso acolhe
A voz anciada, o coração gemente
De sussurrante verme, que divaga
Antes da aurora a murmurar teu nome,
Para antes inda do tombar da noite
Ir, atomo de pó, dormir na sombra.

Coração que assim se abrira para Deus, não devia mais fechar-se ao raio da graça.

Joaquim Pinto Ribeiro Junior, o poeta de COSTANZA, e do MEU CARNAVAL, passou por cima das ruinas intempestivas das suas illusões, subiu o primeiro degrau do tabernaculo do Deus vivo, e breve talvez, na consagração da hostia, offerecerá ao eterno, com o sangue de Christo, as lagrimas do homem remido por elle. O poeta morto resurgirá, talvez, no orador sagrado? Não: nem essa, a unica vaidade santa sobre a terra, acaricia o moço que não conta ainda trinta annos. Eu tinha dito:

É a historia do coração este livro; mas o desenlace, a catastrophe é... que nome lhe darei?... um heroismo? um triumpho?

Porto — 1856.

COELHO LOUSADA E SOARES DE PASSOS

(Carta a Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento.)

I

Eu lhe digo, meu caro Francisco Martins, ao correr da penna, e ao sabor das minhas reminiscencias o que me lembrar de Coelho Louzada e Soares de Passos. Incitem-o estas linhas a lêr amoravelmente os livros que nos elles deram. Nas poesias de Soares de Passos, verá o muito que o poeta viria a ser n'outra terra, e n'outro tempo. Admire-lhe primeiro o coração e depois o espirito. Do que é instincto do céo, do grande manancial de amor, ora placido ora barrascoso, derive na limpida corrente da rasão. Veja que discernir, que lucidez, a que altivezas de crença o poeta se ala com o Deus de Milton, e as profundezas do desengano triste em que se engolpha com o demonio de Gœthe.

Só o pôeta emerge á flôr do charco social, meu amigo: Só elle affinca as mãos ao arbusto da margem para apégar em chão de flores. Raro deixa de attascar-se com o arbusto na lama vulgar; mas, em quanto luta, ha ahi magestade que assombra. E se a sepultura o acolhe sem mancha, sem odios, sem ter amaldiçoado a vida? Sublime espectaculo!

Não transluzia no sereno semblante do poeta do Porto a flamma do intimo da alma, d'onde a inspiração, e só ella denunciava o ardor. Ao lêr-lhe os assomos, os anhelos, as vertigens, aquelle tão gentil devanear e arrobar-se em amores, o leitor desenha em sua imaginativa linhas vagas da phisionomia do Soares de Passos, e cuida que acerta amodelando-o pelas feições dos aparentados com elle por consanguinidade de genio. Lembraria Lamartine e Espronceda, Byron e Garrett, Manzoni e Schiller, um d'esses aspectos translucidos por onde me quer parecer que a faisca da inspiração, ao cair do céo na alma, deixou vestigios radiosos.

Soares de Passos não dava ares da raça fidalga em que o legitimára o talento. Tinha barba e cabellos alourados; olhos grandes, mas languidos e serenos; testa escampada, mas sem o relevo das bossas, que dizem muito nas capacidades provadas, e zombam dos phrenologistas quando se pronunciam em cabeças onde não penetraria um preceito de grammatica, mesmo atado a uma bala.

Havia, porém, um como brasão indicativo de sua prosapia, em Soares de Passos: era a excentricidade —tolerem o anglicismo—era o recolher-se, o des-

apegar-se da gente, um quasi solipsismo intellectual, que uns tratam de orgulho, outros apodam de acanhamento, e os mais cordatos e intendedores capitulam de mysanthropia.

Orgulho, não. Soares de Passos era modestissimo. Acanhamento tel-o-ia de educação e indole. Na Universidade conversava um ou dois amigos como Alexandre Braga e Silva Ferraz, e mal sabia o nome dos condiscipulos que mais convisinhavam do seu banco escolar. Mysanthropia? talvez; e, se o era, não ha ahi de que arguil-o. J. J. Rosseau foi mysanthropo até á raiva, e escreveu o *Emilio*, e amava os homens, com tanto que os homens lhe concedessem que no principio se arrebanhavam nos esterquilinios e comiam landes como cerdos.

Era de outro porte a mysanthropia do auctor do *Firmamento*. Desadorava a convivencia por que lhe imperrava a lingua nas futilidades, logares-communs, e mil coisas que se dizem quando não ha que dizer. Fugia a sociedade, por temor de molestal-a com o seu silencio, ou molestar-se com a garrulice d'ella. E, se acaso, abstrahido em suas imaginações, pensava alto por descuido, e se deixava ir com a palavra depois da idêa, calava-se, de improviso, como arrependido. N'isto é que se descobria o homem dessociavel, vesado a dialogar sósinho comsigo, e precavido, de boa fé, se bem que injustamente, contra o menospreço em que cuidava que as manifestações de seu talento eram tidas na sociedade. Joaquim Pinto Ribeiro, outro grande poeta do Porto, tambem assim

pensa. Cuidariam elles que no Porto pòdiam fazer o milagre de Orpheu entre os thracios?..

A segunda vez que vi Soares de Passos estava eu infermo. Tenho soberba da distincção que o poeta me deu. Disse que sentia os meus achaques, e calou-se.

Faustino Xavier de Novaes, pulmão que bastaria a seis Mirabeaus, fallou algumas horas em litteratura, e pôde, a final, invectivando a taciturnidade do nosso amigo, arrancar-lhe estas phrases:

«Eu já não curo de poetas nem de poesia. Leio Corrêa Telles e P. J. de Mello como espiação das horas mal-baratadas com Dante e Henry Heine. Habilito-me para escrever libellos áquellas horas da noite estrellada em que eu traduzia do céo, creança decrepita de vinte annos, os meus poemas.»

Isto passou-se ha quatro annos. Nunca mais o vi. O poeta morreu ha mezes... quero dizer—morreu o jurisconsulto que era o sepulcro do poeta. Estava eu em Lisboa. Jornalistas, oradores, romancistas, dramaturgos, quantos conheciam e amavam esse nome, vinham pedir-me esclarecimentos da vida de Soares de Passos, uns para necrologios, outros para biographias, e bem se via que todos sinceramente se doiam da perda que era de todos.

Herculano tinha-o abalisado o primeiro dos poetas contemporaneos portuguezes. Era caprichosa a qualificação, mas perdoavel o enthusiasmo.

Mendes Leal admirava o *Firmamento*, e *Camões*, Bolhão Pato, Rebello da Silva, J. C. Machado, A. Ferreira nivelaram com as dos melhores poetas as poe-

sias de Soares de Passos. D'ahi vinha que para os mesmos que as não tinham lido, era elle uma vocação preeminente, e a sua morte perda grave para as lettras.

N'isto é que se enganaram.

Para as bellas, ou boas-lettras, como diria um purista, Soares de Passos tinha já morrido. O que vivia d'elle—a vida immortal do genio—era um livro de versos. Esse livro ahi está: é o melhor do sentir do poeta que ahi ficou. É o livro, que contém os dons ingenitos da crença na vida em flor, cofre recheado das joias do coração, os raptos escandecidos apontando ao céo para se incadearem no elo das affeições angelicas. O melhor da vida do poeta é isso, e cá o deixou elle. O que se perdeu que era? O coração, a urna onde elle queimava os seus incensos. Essa é que ficou ahi quebrada, e d'aqui a dias ninguem saberá dizer aonde.

O poeta achou-se illaqueado, tolhido n'este mundo, n'este viver do seculo industrial. As lavaredas, a que se allumiam os operarios da civilisação, queimam a florescencia do genio que não inventa machinas, nem inventa a politica, nem inventa reorganisações sociaes, nem inventa sequer a riqueza, que infama a alma por dentro, e a veste por fóra de placas de oiro para o brilho, e de cascaveis para a bulha. Soares de Passos não inventou nada. Amanheceu-lhe o seu curto dia com alegrias do céo: cantou-as. Quando o sol ia a pino, adorou-o como refulgencia do throno do Eterno, e perguntou-lhe o seu destino d'elle, quando o mundo volvesse ao chaos. Ao intardecer-lhe o seu dia, cruzou os braços voltado para o occidente, e re-

lanceou os olhos turvos do crepusculo da noite por sobre a aridez do curto jardim em que lhe floriram os annos.

Depois, descansou no Senhor, porque o Senhor é tudo, está em tudo, e para os que dormem o somno infinito está elle nos sete pés da sepultura.

N'estes tempos, o poeta, se não morre, cala-se. *Tacuit musa.* Que é das lyras de Alexandre Braga, e Pinto Ribeiro? A sua estrella dos dezenove annos, Francisco Martins, que é feito d'ella?

A inspiração, nos primeiros annos, é uma bonina silvestre. Faça-se o poeta homem, queira transplantar a sua flor para terra cuidada em vasos de jaspe, e vêl-a-ha desmaiar-se e fenecer. *Amar a arte pela arte* é utopia. Os sacerdotes d'ella, agora, quebram o incensorio na cara do idolo, e vão lavrar o pão quotidiano mettendo a relha do arado ás flores que vinham desabrolhando a orvalhos do céo.

Em que ponto ha de ser graduado o poeta no estalão das utilidades?

Não tem nenhum. É uma vocação perdida, excrescencia que releva ser jarretada no leito d'este Procusto chamado «interesse».

Quando, porém, a vocação é imperiosa e inviolavel, o malfadado do genio e da sociedade não se mutila; suicida-se a contemplar com sôro de lagrimas os embriões abafados de seus filhos, dos seus livros, da sua gloria, e da sua immortalidade. Soares de Passos morreu assim.

Não me expliquem, por um tratado de pathologia, o amarellecer, o esvair-se d'aquelle peregrino

cantor. A sua primavera de coração passára; o estio poderia dar-lhe ainda calidos enlevos, e viria depois o outono a debulhar-se em fructos de orgulho para este clima esteril.

Não o deixaram. Veio o mundo utilitario, e giou-lhe, sobre a fronte ardente, inverno sem fim, inverno sem esperanças de restea que lhe aquecesse o espirito intanguido. A avesinha escondeu o rosto sob a aza, e expirou. O poeta vestiu a mortalha de suas candidas idealidades, e, como o Noivo do seu lastimoso hymno, foi procurar a esposa entre os sepulcros, e não voltou.

Abençoada seja a tua memoria, poeta!

II

Conheci Louzada há treze annos. Vinte elle teria, e simulava doze no espirito. Era uma imaginação a d'elle toda graças pueris, a brincar com as deleitosas imagens da sua folgazã poesia. D'este rir e descuido, descahia por vezes n'um melancolico scismar em que dava a entender que o lindo prisma lh'o impanavam as lagrimas.

Amava Louzada, n'esse tempo, uma bella alma que Deus vestira de peregrinas fórmas...

Que gesto tinha tão lindo!..
Os labios como sorrindo,
Os olhos como a scismar;

A fronte casta, e o seio
Arfando n'um vago anceio,
Qual nivea pomba a rolar.

Vivia n'ella tão intimo, e alheado da vida exterior que, se o tiravam de si para o fazerem girar na esphera vulgar, Louzada não intendia o mundo, e tinha coisas encantadoras de simpleza. A musa que lhe esposára então a fé, era o archanjo bemdito do primeiro amor, a esfolhar flores por tudo, a esmaltar-lhe de esperanças o vago porvir, e a poetisar-lhe a morte do que ha mais arrobado nas visões do poeta christão, quer este se chame Lamartine, quer Thereza de Jesus.

Um dia cahiu do céo a lagrima d'um anjo saudoso no coração da filha de sua alma. Responder ao amor do céo é morrer ao mundo. E logo o ar da terra instillou veneno nos pulmões da querida do poeta. Logo em redor dos olhos se annelou um disco roixo. O arrebol da manhã do dia eterno purpureou-lhe as faces. Era suave ainda o sorriso d'ella como a santificação na paciencia, e no crêr tudo que d'além tumulo segreda bem-aventurança á alma immaculada que passa, deixando fenecida sobre a pedra tumular a grinalda de dezesete primaveras.

Morreu em 1850 a estremecida de Antonio Coelho Lousada.

Muitas poesias, posteriores áquella data, choram a immortal saudade da que levára comsigo a mocidade do poeta, nunca mais reflorida. Das poucas poesias que ficaram colleccionadas n'um jornal de

versos, damos amostra mais pela singeleza desenfeitada, que pelo extremado dos lavores em que Louzada não se aprimorava muito. SAUDADE se intitula a poesia:

Quando as rosas da vida nos fenecem
Das folhas mortas linda virgem sáe;
Como novas roseiras nascem, crescem,
Da semente da rosa que se esvae.

Eu vi surgir um dia essa donzella
D'uma campa; na fronte, reclinada,
Uma c'rôa trazia bem singela,
Com suspiros e goivos entrançada.

No rosto brando e meigo lhe corria
Linda per'la de vivo resplendor;
Como nos lirios ao nascer do dia
Brilha o rocio que lhe traz vigor.

Os olhos eram tristes; mas tão bellos!
Mostravam no fixar algum desgosto;
Tingia-os negra côr, a dos cabellos;
Cecem pallida era a tez do rosto.

Com a dextra apertava junto ao seio
Uma rosa já murcha (triste flor!)
Captiva d'um pesar, no vago enleio,
De seus espinhos não sentia a dôr.

Trajava longas vestes côr de neve,

Exhalava de si grato perfume,
Circumdava-lhe a fronte, mas de leve,
Divina aureola d'annilado lume.

Eu vi-a! Desde então sinto no peito
Por ella bem estranho, e vivo amor:
Amei-lhe aquelle triste e mago aspeito,
Amei-a com pezar e com ardor...

Quando a aperto nos braços docemente,
Quando louco lhe dou os meus carinhos,
Tambem n'esse transporte pungir sente
O meu peito crueis, duros espinhos.

Os seus beijos têem fel!.. mas amo-os tanto...
Mil gosos tem até n'esse amargor;
E, preso d'um fatal, mas lêdo encanto,
Deixal-a tento em vão... foge o valor.

Vagueio nos seus braços embalado
No silencio da noite o mais profundo;
Segreda mil idêas a meu lado
No meio do rumor que solta o mundo.

Quando durmo, de noite, com mysterio,
Na minha fronte um beijo vem depôr,
Levar-me do passado ao lêdo imperio
Sem ciumes d'um outro vivo amor.

Leva-me pela mão, fendendo o espaço,
Até junto de imagem bem querida

Cingido me conduz, em curto abraço,
Para ao pé da que morta lhe deu vida.

Saudade a virgem chamam, que apparece,
Que dos gosos perdidos, mortos, sahe,
Como nova roseira nasce e cresce
Da semente da rosa que se esvae.

Lousada dizia com tristesa e convicção de que o deviam crêr:

« Eu tenho-a visto sentar-se ao pé da minha mesa de trabalho e á cabeceira do meu leito. Já passaram dois, seis, oito annos. Vejo-a sempre vestida d'uma luz alvacenta, o mesmo rosto, só é outra a luz dos olhos, claridade mystica e ineffavel, de que me não fica reminiscencia alguma.»

Na poesia MARTYRIOS E SAUDADES, exclama o poeta:

Accorda... accorda! bastará meu pranto,
Para de novo reunir teu pó;
Da morte quebra, despedaça o encanto,
Não me abandones n'este mundo só!

Accorda, accorda!.. No meu seio ainda
Acharás fogo com que te aquecer,
A chamma pura, que accendeste, infinda,
Que sinto n'alma bem intensa arder.
.....
Tenho saudades, que meu peito alenta,
De bem luctuoso, bem fatal matiz;

Que longe o tempo de murchar, sustenta,
Cravar mais fundo vem lethal raiz.

Tenho martyrios!.. Os que ahi tens trançados
São mortas flores... vivem sempre os meus!
Fallaz emblema!... Foram pois trocados
Os teus em lirios, por Jesus nos céos!

Não era este o genero em que melhor sahia o engenho poetico de Lousada. Dava-se mais de primor com as graças e simplicidade dos contos, remodelados pelo feitio das lendas e soláos, das quaes elle collecionara um livro, que esperava a ultima lima. Algumas d'essas lendas foram estampadas em differentes jornaes, e acolhidas com applauso. Cultivou menos a poesia ligeira, e aqui damos uma das mais conceituosas e bonitas:

Tres Flores

O desejo é cravo explendido,
Todo fogo incendiado;
Lindo, lindo; mas tocado
Murcho cáe no chão da vida.
A amisade é cecem candida;
Matiz não tem, vivos lumes;
Mas em paga, seus perfumes
Supprem bem a côr perdida.

O amor é rosa mystica,
Sonhada na quadra pura;

Mas nasce a tamanha altura,
Que nem a todos é dada:
Tem do cravo os fogos rútilos,
Da amisade a pura essencia;
Fragancia, que esta existencia
Faz par'cer curta, encantada.

É a açucena mais vivida;
Mas, cortada, não floresce;
Não renova, pois fenece
Com o aroma o seu verdor:
Da rosa dura a fragancia
Tempo infindo—a eternidade;
Cortada nasce a saudade,
Triste, sim, mas linda flor.

Lousada viveu dez annos, esperando em cada primavera o reflorir dos anhelos e esperanças, que nunca mais voltaram, a não ser com a visão da melancolica esposa do seu espirito, que levara comsigo a chave do seu coração, e vinha, em cada abril, descerral-o, e colher a unica flor nascida n'elle, a saudade. Tardava-lhe já a redempção, e Lousada dizia-me, com suave amargura: « A materia bruta vive sem a alma. A massa nervosa é como a hydra de Lerna: resalta esmagada e triturada. Eu já não leio sem mofa a «vida e morte» do physiologista Bichat. O principio, que preside ás funcções organicas, em mim é uma zombaria por chamar-se *vital*. Desde que me fugiu a alma, entrei n'um trabalho de decomposição tão esqualida e nauseabunda que já me

olho a mim mesmo como um viveiro de vermes que pensam como Descartes, como Leibnitz, como Platão, como todos os vermes.»

A ultima vez que vi Antonio Coelho Lousada, foi em 16 de novembro de 1858.

« Você cá fica—disse-me elle.—Eu vou-me embora qualquer dia.»

— Para onde vae?

«Eu sei cá! Vou para onde quizer Pelletan, Bossuet, Mafoma, ou Confucio. Vou alli para o cemiterio do Prado, e de lá veremos.»

— Em quanto assim se brinca com a morte, disse-lhe eu, não se morre.

Poucos mezes depois, Lousada era um nome na memoria d'alguns amigos... com memoria.

Para mim é mais que um nome: é um exemplo de paciencia no infortunio obscuro, de constancia no amar uma saudade, de fidelidade á sombra d'uma mortalha, e de stoicismo para as penas que o trouxeram sempre suppliciado.

Não tinha inimigos. Amavam-o todos, por que era muito desinteresseiro. Costumava bater nos bolsos vasios do collete, e então dizia: «trago aqui a minha independencia.» Reparem no dito, que merece analyse, e deve ficar em proverbio.

Lousada era um bom romancista. O romance, que mais viria a graduar-lhe o quilate do seu muito engenho, seria «Os tripeiros» começado no *Nacional*, e trasladado para livro, que se annunciou posthumo e completo como especulação de livreiro, que desluz a reputação do auctor.

Estreara-se com a «Rua escura» editado segunda vez, e estimado dos leitores frivolos, e ainda dos doutos, como ensaio de romance historico, e fidelissimo aos costumes do seculo XVI.

«Na consciencia» é outro livro mais reflexivo, e de estudo das paixões, em que Lousada se enganava, por que só entendera de uma, e essa nunca degenerára do colorido suave e lindo que trouxera do céo: o amor, e um só amor a uma só mulher, que fôra, de mais a mais, a crysalida de um anjo.

Escreveu outros romances de menos tomo, e á ligeira; mas recreativos, de bom passatempo, e humoristicos, como agora se diz.

Foi tambem jornalista. Não collaborava para a salvação da republica, convencido de que nas chagas da patria não aproveitava o balsamo do estylo. Enganava-se ainda. O estylo é que cura e salva tudo. Eu creio que as coisas vão mal em Portugal, porque os relatorios e projectos, e essas coisas que se chamam locubrações financeiras em papel, não tem estylo.

Escrevia Lousada alegres folhetins, quando havia ahi uns labios que lhe sorriam aos chistes, e afervoravam a musa faceta. Cerrados elles para sempre, Lousada nunca mais escreveu folhetins até ao penultimo anno da sua vida, em que publicou alguns, conceituosos, mas dissaboridos do sainete antigo.

Tinha dom e geito particular para engenhar novidades. Imbrechava de historia e sciencia e philosophia a noticia de um dentista que inventára um mineral; ou a sova que um marido alcoolisado dera na sua metade escorreita.

Como critico theatral era assim intelligente quanto consciencioso. Discernia com muito sizo as bellezas das operas sem saber musica. Atterrava as emprezas lucrativas, e acaudilhava com a penna muitas ovações e pateadas.

Quiz regenerar com incansavel trabalho o theatro nacional do Porto. Conseguira muito, se o publico o ajudasse. Escolhia as peças, traduzia-as, e ensaiava-as, e até fazia trovões, sendo preciso. O que elle não podia fazer era vocações, nem publico benigno com principiantes. Retirou-se desgostoso, enfermo, e dahi até morrer só teve tempo para recordar os dias curtos da sua felicidade, cuja memoria elle quizera aturdir na sáfara das canceiras do espirito.

A. C. Lousada era de estatura menos de mean. Nos inquietos e ardentes olhos do talentoso moço, espelhavam-se as agitações d'aquella alma, que se estorcia como afflicta no vacuo da existencia. Era magro, e macillento. Nunca vi um sorrir de mais bondade e lhaneza.

Depois que se fechavam os theatros, tomava copiosamente café, e trabalhava até ao abrir da manhã. Quando não escrevia, meditava. Os seus livros mais folheados eram o *Faust* de Goethe, Hugo, e Byron. Foi muito lido em chronicas portuguezas, que estudava, e d'onde haurira muitas noticias. Conhecia o trajar de todas as epocas, e era consultado no tocante a costumes, como quem mais no Porto sabia d'esta especialidade. O aturado estudo das chronicas denunciava-o o romance «Os tripeiros» talhado pelos modêlos de Walter-Scott. Tinha bosquejado muitas

novellas a cuja execução seria curta uma vida, e mesquinho o incentivo de um escriptor em Portugal.

Não sei se algum escriptor portuense dava mais esperanças que Lousada. Dos seus coevos quer-me parecer que não. No romance nenhum podia porfiar-lhe a primasia. Como poeta ganhavam-lh'a os principaes.

Dou por terminadas estas melancolicas recordações, meu caro Martins. Agora vou recolher-me á minha Thebaida interior, e scismar com o porque de se irem d'este mundo aquelles dois genios, como se os parvos, que cá ficam, não coubessem com elles cá! Eu ando a desconfiar que os validos da Providencia são os tolos.

Na sua quinta de Briteiros, em julho de 1860.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

MEU PRESADO NOVAES

Começo protestando contra o frontispicio do teu livro.

Annuncia-se alli um juizo critico de minha lavra.

Juizo critico! D'uma assentada um substantivo e um adjectivo qual d'elles mais ambicioso!

Critica, e *juizo*, os dois attributos mais sublimes do entendimento humano, promettidos assim, Faustino, com um desplante, com uma sem-ceremonia, com uma pedantaria capaz de invocar a minha nomeada n'este meu mundo das lettras magras, onde não ha *juizo*, nem *critica!*

Declaro a ti e á Europa que nunca me passou pela idêa escrever uma chorumenta e condimentosa analyse aos teus versos. Nunca andei forrageando nas searas estrangeiras um cabaz de sentenças em latim! (oh! em latim!) para convencer-te de que... ha ex-

cellentes coisas escriptas em latim. Menos ainda me preveni com um estirado exordio, prenhe de philosophias, e physiologias, e estheticas, e plasticas, e não sei que outros recheios indigestos com que por ahi se costuma empapar o magro perú. Aqui *perú* é synonimo de critica. Vê tu que mal encabeçada vai já a carta!

Vão agora berrar contra mim os bôrras da critica, os cozinheiros de empadões litterarios, que travam áquelle ranço allemão, tão ingrato aos paladares caprichosos dos teus e dos meus leitores, que querem a iguaria acirrante, leve ao estomago intellectual, e digna de se esquecer uma hora depois.

Deixal-os berrar.

Eu desadoro tudo que me trava a uma certa riqueza pobre, esterilidade fecunda, que não vem a ponto de nada.

Por exemplo: um critico de polpa, um pensador... (Deus nos livre de pensadores que se consomem, e nos consomem, para ensinar á gente que o espirito de 1758 não é o espirito de 1858!) um pensador sorna abre o teu livro, e sente o *ecce Deus* (latim!) que lhe manda escrever uma critica.

Qualquer dos teus livros póde ser analysado n'um quarto de papel, porque a phrase que louva, e a phrase que censura, é uma só, e escreve-se depressa. O analysta escusa armazenar uma encyclopedia para ajuisar d'uns versos.

O critico, porém, prepara-se para a empreza como o jesuita Sanches para os oito in-folio *De matrimonio.*

Só de exordio dez capitulos.

Os dois primeiros são um mytho. Terceiro e quarto são uma analyse do entendimento humano antes do diluvio. Quinto e sexto a historia do espirito humano desde Homero até á idade media. O setimo é a poesia nas suas correlações com o genero humano. Oitavo, o confronto do classicismo e do romantico. O nono, a analyse do espiritualismo que actua na poesia do seculo XIX. O decimo é uma tentativa prophetica dos destinos da poesia.

O undecimo devia tratar de ti e dos teus versos; mas o critico, aturdido pelas commoções da pythonissa, cahiu n'uma lethargia que o poz ás portas da morte... do senso-commum.

Foi uma felicidade, quando não, as trivialidades, os epithetos obrigados, os logares-communs, os vagos reparos, as censuras sem doutrina, as doutrinas sem applicação, os encarecimentos requentados, o mais comesinho dos gabos ou das reprehensões, tudo isso vinha sem ordem para ahi n'um magro artigo, simulando as barbatanas d'aquelle monstro do mestre dos Pisões, que disse:

..... *Geme a montanha,*
E veremos surdir mofino rato.

Era isto o que tu querias de mim?

Ainda me não estreei, nem sequer me affoitei a ensaios n'este supremo esforço da cabeça humana.

Ha oito annos que te vi entrar no inferno das lettras: já eu cá estava, quando vieste todo encolhi-

do, e como que arrependido de haver pactuado com o demonio a troca d'uma perspectiva de commendador pelo alvará de poeta satyrico, que te fôra lavrado por Nicolau Tolentino, secretario perpetuo da academia infernal, onde fôras proposto socio pelo inimigo do deão de Evora, que está no céo (o deão) e mais o seu hyssope.

Quando te vi assim transido de susto, balbuciando a medo as primeiras imprecações satanicas contra os barões, e algumas até contra o genero humano, cuidei em te animar com não sei que ameigadoras esperanças de conseguires um dia o teu resgate, como S. Gil de Santarem.

Este S. Gil era um bruxo, que comprára a preço de sua alma philtros com que infeitiçava as moças.

Tu, peor que o Santo do Riba-Tejo, embruxavas as moças com certos versos que nunca publicaste, e atazanavas as velhas arreitadas com a galhofenta satyra, e punhas causticos nos peitos dos velhos, opilados de coração, e obrigavas a fallar as baronezas menos correctamente que o Casti fizera fallar as tartarugas, e enfiavas a cabeça dos condignos maridos, afóra as orelhas — que isso não eras tu capaz de encapuzar — em barretes com o nome da victima, e demais a mais com um fartum a raposinho que não podia falhar.

Eras o diabo!

Eu meditei então seriamente no futuro da tua alma; e, a fallar-te a verdade, tambem me deu que temer o futuro do teu corpo.

No tocante á alma, porção nobilissima do poeta,

e, se Aristoteles não mente, o unico que a possue de bom tamanho, essa, meu Faustino, cuidei sempre que virias a redimil-a das prezas de Satanaz, quando a providencia dos alarves se enganasse uma vez comtigo, e te propiciasse um capital, que, a juro de seis por cento, te rendesse o costeio d'uma carruagem, de assignatura de camarote, de algumas locaes assopradas nas gazetas a respeito de um jantar, d'um baile, de uma esmola, etc. Bestificado pelos seis por cento, estavas reconciliado com Deus e com os homens, e podias contar com aquella *bemaventurança dos tolos*, de que resa Milton: *The paradise of fools.*

Ora, o corpo, meu amigo, o teu corpo de poeta, supposto que tens bellos e penetrantes olhos, não era melhor corpo que o do cego Homero, que

Tinha os thesouros de Apollo
E esmola aos homens pedia.

Das impertinencias d'aquelle apparelho digestivo que a natureza deu ao poeta, por caçoada, tinha eu muito que discorrer, se viesse a ponto escrever aqui um libello contra o fabrico do poeta. Ha um sensivel desarranjo no amanho d'esta infeliz creatura, exilada n'um globo onde a *Arte de cozinha* de Domingos Rodrigues tem quatro edições, ao passo que ainda se não exhauriu a segunda das poesias de Nicolau Tolentino.

Isto é significavivo, e atrozmente veridico!

O poeta devia brotar em alphombras de verdura, espontaneo como as florinhas do monte. A aura

da tarde, e o orvalho da manhã deviam filtrar-lhe o ar e succo da vida, não pelo esophago, nem pela trachea, mas sim pelos espiraculos da inspiração, pelos orificios absorventes da sua folhagem, admittindo que o poeta fosse folhudo como os arbustos das regiões orientaes.

Então, sim.

As almas de eleição andariam sobranceiras a este tremedal em que Lamartine pede uma esmola á França, em que os bons filhos da patria (da patria!... que velharia!) vão, como tu, meu amigo, lavrar o pão da vida em torrão estranho, debaixo de outro sol, onde os suores são mais incalmados, e os desfiladeiros para a sepultura mais escorregadios.

Nada de melancolias!

Tornemos ao corpo, ao supplemento funesto do espirito, que tão arriscado trouxeste por cá, e tão milagrosamente salvaste do couce d'estes egoariços que tu arrasoavas todos os dias com a maquia de fava que se lhes entalava nos gorgomilos.

Appareceste a horas. Eras o esperado dos opprimidos quando fizeste estoirar os primeiros estalos do teu látego. Fui eu o primeiro a annuciar a tua vinda aos pagãos. Disse-lhes em prosa que se convertessem ao senso-commum: prégnei-lhes a necessidade de aprenderem a lêr, como estudo preparatorio para intenderem o «Compendio de civilidade»; para entenderem o tratado dos deveres sociaes; para entenderem a cartilha do padre Ignacio, onde se acham as bases da jurisprudencia evangelica, onde se falla no fundo da agulha e no camello, onde se

falla em tudo, menos na estupidez casada com a riqueza, porque o Redemptor do mundo só muito depois deliberou enriquecer o estupido para lhe provar o nenhum caso que elle fazia das riquezas.

Clamei no deserto.

Fui procurar-te ao fundo da tua gruta, onde te refazias de bravura moral para a tremenda cruzada, e disse-te: «Castiga-os.»

Era bello vêr-te em pé diante de uma sociedade cancerosa até ás medulas, tu, artista, tu, operario, tu, dependente dos caprichos d'um vulgacho insolente, era bello vêr-te, superior a ti mesmo, empuxado por impulsão estranha, cujo alcance nem tu mesmo antevias, sarjar fundo por estas carnes podres, chorriscal-as com o cauterio da mofa, afogar o rugido dos lazarentos com a gargalhada publica!

Foi então que eu receei muito pelo teu corpo.

Olhei em redor de ti, e não vi os marquezes que abroquelavam o Tolentino das sanhas da gentalha; não vi o anteparo real que defendeu Molière das iras dos marquezes; não vi a tua algibeira recheada da munificente esmola do throno, que facultava o escarneo inexoravel de Boileau.

Vi-te sósinho, Novaes, e algum raro amigo de ti, e do teu talento, acoroçoando-te com os gabos da imprensa, furtando-te á meditação do risco em que te punha o estro indomavel, no meio de uma gente que te encarava a mêdo, e te fugia com rancor.

Como foi que a fidalguia d'estes reinos te não contundiu os lombos, com o cabo da enxada, herdada dos avoengos?

Não sei.

É certo que, até á data d'esta, o teu corpo passa incolume por entre as feras, como qualquer dos meninos do lago dos leões, e a tua alma multiplica-se em robustez, em coragem, em ardimento, em petulancia contra os filhos mestiços da felicidade e da asneira.

Sinto isto, acabando de examinar as provas do teu segundo volume de versos.

Eis-aqui as minhas impressões como a reminiscencia m'as vai dictando:

O teu primeiro volume era uma galeria de retratos tirados de perfil, e a furto, e de passagem, á maneira que os originaes te acotovelavam nas praças, nos botequins, e nos salões. O debuxo era rapido, como as aguarellas, caprichoso como os contornos de Grandville; mas a caricatura filava o bode expiatorio pelas orelhas, e trazia-o á exposição da hilaridade.

Muitas vezes descuravas a elegancia do metro para não arrebicar de enfeites o que era, de natural, feio e suja nudez. Outras, desgarravas do trilho de teu mestre Tolentino, lamentando que os holocaustos irrisorios d'este tempo não tivessem aquelle porte magestoso que ainda tinham os do seculo do professor de rhetorica.

Tinhas razão, meu poeta.

O teu auditorio era o povo, o povo inculto, o povo que satyrisa com um gesto zombeteiro, e fareja os «ridiculos» com aquelle fino olfato do selvagem só affeito aos aromas naturaes das suas selvas.

Se o povo te não entendesse, se o povo não ba-

tesse as palmas, se o povo não soltasse a estralada do riso, como castigarias tu a ralé engravatada? Se andasses com a satyra da forja para a lima, e da lima para a forja, até sahires a lume com as trabalhadas trovas d'um engenho retorcido mil vezes, com que gente contarias que gritasse «rabo leva!» aos teus heroes de entrudo?

Quando muito, serias encomiado por meia duzia de litteratos a quem désses o livro, e esmorecerias de animo e vontade quando visses o barão cada vez mais parvo, e o teu livro cada vez mais pulverisado no lote do livreiro.

Escreveste como devias, e hoje escreves como deves.

Ensinaste o povo a entender-te a satyra desacurada da polidez tolentiana; o povo te entenderá agora a satyra mais esmerada, mais tersa, mais estudada, e, deixa-me assim dizer, mais fidalga.

O teu segundo livro é um progresso.

Pegaste dos mesmos sandeus e albardastel-os mais secios. Em vez do cabresto panelleiro, afivelaste-lhes cabeçadas de verniz.

Estão bonitos assim.

O paladar mais pechoso ha de sentir o travo d'este novo fricassé. O esmerilhador de locuções compactas, o amador do epitheto frisante, o impertinente que desdenha do verso sem philosophia, o mal affeito, que affere a satyra no contraste de Diniz e Bocage, ha de contentar-se do teu livro.

Vê-se que caldeavas repetidas vezes a idêa, por-

que o teu defeito, d'antes, era adoptar o primeiro adjectivo que te occorria.

A sciencia do adjectivo é o mais relevante dote do escriptor elegante.

Deixa lá dizer que o mais proprio é o primeiro que lembra. Não é assim. As quintilhas de Tolentino eram martelladas fatigosamente. Repara n'ellas e verás o brilho do buril incansavel no epitheto. Achas ás vezes tres idêas n'um verso, em que cincas, para examinar tres imagens.

Recorda isto:

Alto topéte, prenhe de pulvilhos
Que descalço gallego deu fiados;
De quebrados tafues, vadios filhos, etc.

.....

Hum quer vêr, enfronhado em picarias
Silvada testa no andaluz ginete;
Outra prova no chão o ponta fria
Do luzidio, virginal florete... etc.

É sempre assim: um verso para cada exemplo, no primeiro poeta satyrico de Portugal, e estou por pouco a dizer — do mundo.

Queres confrontar-te com o auctor d'*A Funcção?*

Revê-te nas quintilhas da tua resposta a *Manoel Côco*. É aquella a eschola do teu mestre, e a indole genuina d'este portuguezissimo metro: ligeireza, conceito, e epithetos que lavrem o relevo da coisa adjectivada.

Não sei se lêste, se adivinhaste muito em dous

annos. Se meditaste Ferreira, Bernardes, e Camões, hauriste d'esses mananciaes o mais selecto, e o menos aproveitado pelos metrificadores modernos. Aposto que tinhas degenerado do teu natural, se andasses enfronhado em francezias de Hugo e de Musset? Desluzia-se-te essa indole toda portugueza e lhana que tão raros resguardam do coito damnado do estrangeirismo. Escrevias lamurias, isso é verdade, d'essas que os Heraclitos denominam a vera poesia; mas, palavra d'honra, eu não te lia, nem te lia alguem que se ache de sobejo apouquentado com os desgostos proprios.

A poesia das elevações, dos extasis, dos arrobamentos é individual de mais para captar o interesse de muitos. Os poetas abstractos, os psycologicos, os orientalistas são excellentes creaturas, são talvez os que mais convisinham com os espiritos; mas, que queres tu, Novaes? para quatro d'esses poetas não ha quatro interpretes: a gente sobe com elles um pouco, e, á maneira que os sublimes aereonautas se engolpham nas nuvens, vem a gente cahindo como a areia despejada dos saccos do balão.

Terra-a-terra, é o que se quer agora, em que está provado que a lua, a casta lua não dá trela a poetas, nem arrisca a sua virgindade a troco de algumas trovas puxadas da alma.

Vivamos cá em baixo como toda a gente, guardadas as devidas distancias. Anda-me por lá com as satyras, assim escriptas, assim amolduradas pelas do grande mestre.

Diz ao seculo XXII o que era esta gente, que

eu faço por cá em prosa um arremedo da tua poesia.

Se disserem que havemos de assistir aos funeraes da nossa reputação, deixa fallar os despeitados, e os tolos illuminados.

Antes de assistirmos aos responsorios funebres que nos agouram os praguentos, havemos de enterrar muito lorpa, se Deus quizer.

Adeus, meu caro Novaes. Diz aos nossos irmãos de além-mar, que tracem o JUIZO CRITICO que vai no frontispicio do livro, e que não acoimem de impertinencia escrever-te em letra redonda o teu

VELHO AMIGO.

Porto, 10 de Setembro
de 1858.

MARQUEZA D'ALORNA

I

Em Portugal olham-se de revez as senhoras que escrevem. Cuida muita gente, aliás boa para amanhar a vida, que uma mulher instruida e escriptora é um aleijão moral. Outras pessoas, em tom de sizuda gravidade, dizem que a senhora letrada desluz o affectuoso mimo do sexo, a candida singeleza de maneiras, a adoravel ignorancia das coisas especulativas, e até uma certa timidez pudibunda que mais lhe realça os feitiços. Quer dizer que a mais amavel das senhoras será a mais nescia, e que a estupidez é um dom complementar da amabilidade do sexo formoso.

Eu inclino-me um pouco para uma d'essas opiniões. Intendo que a mulher de lettras lucra em ata-

vios de cabeça o que perde em graças nativas do coração. Os livros de que se pule, escreveram-nos homens, a sciencia indigesta que elabora ministram-lh'a elles, o pesado e dogmatico das concepções varonis pejam-lhe o espirito de fructos que nunca amadurecem, e usurpam a luz ás flores que desbotam e fenecem.

Vai muito, porém, de mulher sabia a mulher illustrada. Esta se não faz da sua illustração alardo para ser admirada, conquista a distincção na propria modestia. A florecencia do espirito não impece aos maviosos instinctos do coração. Será sempre esposa bemquista, e mãe veneravel a que sabe o segredo de agradar com incantos de intelligencia a seu marido, e educar seus filhos por um processo differente das frivolidades costumeiras com que vulgarmente as mães cuidam influir nos animos da infancia.

Afóra as graças que opulentam uma senhora illustrada no viver intimo, não são menos de incarecer as que ella, despresumida e natural, revela no tracto exterior, em que o silencio póde ser algumas vezes juizo, mas muitas é tambem o unico attributo bom da ignorancia.

A formosura, sem os infeites do espirito, póde impressionar, mas não captiva. Os olhos vão pascer-se na belleza, e lá se extasiam em quanto dura o mero arrobamento do artista; mas a alma não se contenta d'um olhar morbido ou penetrante, e d'um sorriso equivocamente espirituoso. O que ata e identifica, o que lapida as facetas da «crystallisação» como Stendhal denomina os primeiros lavores que a sym-

pathia intalha na alma, é a palavra em que o espirito se denuncía, é o clarão da luz intima em que a face toda resplende, quer os labios fallem, quer os olhos, mais expressivos que os labios, digam, d'um relance, o mais diserto da eloquencia do coração.

Não póde absolutamente dizer-se que a mulher de esmerada instrucção viva toda na sciencia e para a sciencia. Vão vêr um exemplo legado por uma senhora de grande saber. A condessa de Oeynhausen, illustre portugueza, foi a um tempo filha extremosa, esposa desvelada, mãe estremecida, e escriptora de primeira plana entre os escriptores coevos, e a mais abalisada entre as senhoras que a litteratura portugueza considera suas valiosas contribuintes.

II

Nasceu em 1750, e morreu em 1839 a senhora D. Leonor d'Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, condessa de Oeynhausen, 4.ª marqueza de Alorna, 7.ª condessa de Assumar, Dama da ordem da Cruz-estrellada em Allemanha, Dona de honor, e Dama da real ordem de Santa Izabel em Portugal.

A quadra mais irrequieta em desavenças intestinas na historia de Portugal, foi de certo a decorrida durante os oitenta e nove annos da varonil senhora. Omittir os factos da politica, mais ou menos travados em sua vida, seria damnificar as peripecias de maior vulto na biographia que vamos debuxar.

Contava apenas oito annos, quando foi reclusa no mosteiro de Chelas, como presa do estado, com sua mãe, e irmã. A mallograda tentativa de regicidio na noite de 3 de Setembro de 1758, tornára suspeito o marquez D. João de Almeida, que, em vesperas de sahir do reino como embaixador á côrte de Luiz XV, foi aferrolhado nos carceres da Junqueira; e sua familia, exceptuado o filho D. Pedro, que entrava no quarto anno de idade, entrou no convento sob vigilantissima espionagem.

A tenra Leonor, desajudada de mestres, estudou linguas, musica, poesia, e todos os dotes e prendas que mais aformoseam a esmerada educação de uma senhora. De onze annos, era já ella a encarregada de responder ás cartas de seu pae, escriptas com o proprio sangue, desde as masmorras da Junqueira. Quando tinha quinze annos, por motivos de pueril escrupulo, quiz professar; d'este proposito demoveu-a um illustrado confessor, a quem depois fez uma ode allusiva ao previsto conselho que lhe déra. Dos dezeseis aos dezoito annos, adquiriram renome as suas poesias, recitadas nos oiteiros, quando os juizes eram Francisco Manoel do Nascimento e outros d'este tomo. Ahi lhe deram nome de *Alcippe*.

O arcebispo de Lacedemonia condemnou-a a dois annos de reclusão, cortar os cabellos, e trajar de côr honesta, porque ella tivera a audacia de conduzir seu irmão da portaria até ao leito de sua mãe, servindo-se do sabido expediente de dar ao intruso o encargo de um dos creados do mosteiro. Alcippe não obedeceu a todos os preceitos do arcebispo; e, ameaçan-

do-a elle de accusal-a ao marquez de Pombal, Leonor respondeu com dois versos de Corneille:

Le cœur d'Eléonore est trop noble et trop franc,
Pour craindre ou respecter le bourreau de son sang.

Fallecido D. José, e apagados na mão ferina de Pombal os raios com que, despota plebeu, fulminava os inimigos da sua insultadora soberba, o marquez de Alorna, que entrára moço e galhardo aos vinte e cinco annos no carcere, sahiu, aos quarenta e tres, velho, e alquebrado de terror, de penuria e de afflicções. Foi buscar ao mosteiro sua familia, e retirou-se ao campo, d'onde voltou revigorisado para abrir em Lisboa os seus salões á sociedade mais distincta. Então luziram os extremados merecimentos de Alcippe, e numerosos pretendentes porfiaram esposal-a.

Entre estes estremava-se o conde d'Oeynhausen Grævemburg, que militava em Portugal com o conde reinante de Schaumburg-Lippe. D. Leonor preferiu-o. O conde abraçou a religião catholica, casou, e veio para o Porto commandar o 6.º regimento de infanteria. Aqui nasceu a primogenita d'este ditoso enlace, a 30 de Novembro de 1780, a snr.ª marqueza da Fronteira, mãe do actual marquez.

Nomeado ministro em Vienna d'Austria, a instancias da solicita esposa, o conde de Oeynhausen deixou Portugal. No transito, que fizeram por terra, Alcippe, foi brilhantemente acolhida por Carlos III, pela côrte de Luiz XVI, e travou relações de muita estima com Necker. Em Vienna tratou a imperatriz

Maria Thereza, e recebeu de seu filho José II a insignia da ordem da Cruz estrellada. Ahi aprendeu com Pedro Metastasio as harmonias dulcissimas da lingua italiana. N'essa epocha pintou a condessa alguns quadros de subido valor que se perderam, e escreveu alguns dos seus poemas, em que ainda se encontra o colorido da musa feliz.

Adoentada pelo clima, pediu licença para voltar a Lisboa. Na viagem, deteve-se em Avinhão, onde deu á luz D. Carlos, o seu primeiro filho varão; e em Marselha foi outra vez mãe de uma menina. Infira-se d'ahi quão vagarosa e desenfadadamente jornadeavam os felizes consortes! Dois filhos em viagem, para quem vinha em demanda de ares patrios, não era pouco! O peor foi luctarem com os salteadores em Hespanha, e com as ondas do Ebro á entrada de Tortosa. D'estes grandes perigos a salvaram as suas heroicas resoluções, as quaes não se relatam, porque o biographo mais prolixo nol-as não communicou na noticia que precede as obras de Alcippe.

Chegou a condessa sósinha a Lisboa, porque deixára o esposo em Marselha. Solicitou o adiantamento do conde, e obteve-o com prospero exito, fazendo que o nomeassem tenente general e inspector geral da infanteria. Nomeado em seguida governador do Algarve, o conde de Oeynhausen, aos 54 annos de idade, morreu, deixando uma viuva pobre, com seis filhos, e formosura ainda peregrina, que não é de certo a mal arremedada nos retratos conhecidos que desmentem a tradição.

A saudade e a melancolia espiritaram as mais

maviosas poesias da consternada viuva, no decurso de uma longa quadra de lucto. Traduziu o livro primeiro do poema das Estações de Tompson, e o canto das solidões de Cronegh. Mais valiosos dons offerecia a excellente senhora, fundando com os seus parcos recursos uma eschola em Almeirim, onde as meninas pobres recebiam boa educação. Para lhes desenvolver o espirito, compunha-lhes trovas que ellas pagavam com melodiosos cantares, e coordenava em verso lições da historia de Portugal, trabalho que hoje se não conhece, e que devia ter bom cunho de originalidade, se não de deleite.

A excellente versão dos quatro primeiros cantos do *Oberon*, poema de Wieland, deve-se a uma aposta que a condessa fez com um tal Müller, compromettendo-se a traduzir para vernaculo, sem desluzir a energia e formosura do texto, qualquer poema allemão, provando assim a opulencia da lingua portugueza que o contendor desairava para realçar a d'elle.

A casa de Alcippe era o confluente dos litteratos estimaveis, dos fidalgos illustrados, dos emigrados distinctos, como M.me de Roquefeuille, e até de artistas benemeritos, como o pintor Foschini. Este pintor, sob a inspiração da imaginosa condessa, executou alguns desenhos allusivos á nossa historia.

Prevendo a invasão franceza, cujos principios a illustre poetisa rejeitava, pretextou a necessidade de curar dos interesses de seu filho na Allemanha, e para lá partiu. Chegada a Madrid, ahi soube que os francezes infestavam de novo a Allemanha, e foi á Corunha embarcar em uma náo ingleza, que a levou

ás praias d'Inglaterra. Luiz XVIII, expatriado, ahi foi aportar tambem, e a condessa, condoída do desamparado monarcha, a quem a Inglaterra não offerecia guarida, offereceu-lhe sua casa. O rei de França ia aceitar o convite, quando um lord, ferido em seu orgulho pela liberalidade de uma estrangeira, o aposentou no palacio de Hartwell.

Alguns annos permaneceu Alcippe em Inglaterra. Graves desgostos lhe amarguraram a vida, taes como a separação do filho que mandou para o Rio de Janeiro, onde estava a côrte foragida, a morte de uma filha, e a deshonra que innodoava a reputação de seu irmão o marquez de Alorna. Em recompensa, deralhe a providencia dos infelizes o talento como um balsamo de celestial unção para as mágoas de mãe e irmã. Escreveu então as *Recreações botanicas*, e a versão da *Arte poetica* de Horacio, e o *Ensaio sobre a critica* de Pope.

Voltando a Portugal para resgatar o irmão detido em França, foi intimada por parte dos governadores do reino para logo sahir para Inglaterra. Instou debalde. Tornando para Londres, recebeu ahi a má nova de que o navio portador da sua bagagem fôra apresado por um corsario. «Deus o deu, Deus o levou» foi a sua queixa, vertida da do santo arabe.

Foram intimas amigas a condessa de Oeynhausen e M.me de Staël. «Eram na verdade interessantes (diz um biographo da primeira) as conversações d'estas illustres damas ácerca das discussões politicas do tempo, seguindo ella opiniões diversas, e principios inteiramente oppostos. M.me de Staël, nas-

cida na Suissa, era republicana como seu pae, e adversa á causa de Luiz XVIII, não obstante haver sido maltractada e desterrada por Bonaparte. A condessa era monarchica, sequaz da realeza, contraria a tudo quanto a podesse vulnerar; e Luiz XVIII era um rei legitimo: o que bastava para que a condessa sustentasse a sua causa. Achando-se ambas um dia em casa do actual duque de Palmella *(o já fallecido)* que então era ministro de Portugal, onde tinham sido convidadas a jantar, começaram questionando sobre a difficuldade da restituição dos Bourbons á França. A condessa julgou-a muito possivel; e M.me de Staël, pelo contrario, decidiu-a impraticavel, por quanto Luiz XVIII (dizia ella) não tinha em seu favor mais que tres coxos, e quatro cégos que o seguiam, alludindo exaggeradamente ao principe de Talleyrand que era coxo de uma perna; e ao duque de Blacas, que padecia dos olhos e estava quasi cégo. Não se turbou a condessa com esta decisão; mas voltando para o ministro d'Austria, convidou-o a fazer uma saude á proxima restituição de Luiz XVIII. Um anno depois, achava-se esta realisada; e, no dia seguinte á partida de Luiz XVIII para França, foi M.me de Staël a Hammersmith, morada da condessa, dar-lhe as desculpas de se haver enganado no seu juizo, aproveitando a occasião de lhe dizer coisas muito lisongeiras e agradaveis ácerca do mesmo objecto, e do espirito da condessa.» *

(*) Noticia biographica que precede a ultima edição em seis volumes, das obras de Alcippe.

Voltou a Portugal a condessa, já marqueza de Alorna, como herdeira do titulo e casa de seu fallecido irmão, em Janeiro de 1813. Intimou-a a regencia a que aceitasse o mestre que ella lhe indigitava para educação de seus netos. O proposto era um desembargador boçal, que a illustrada marqueza rejeitou.

Recolhida a uma quasi solidão com suas filhas, depois de rehabilitar a memoria maculada de seu irmão, Alcippe traduziu o *Roubo de Proserpina*, poema de Claudiano, o *Ensaio sobre a indifferença em materias de religião* do celebrado Lamenais, e a peraphrase completa dos psalmos, que raras vezes cede á do padre Caldas, em fidelidade, correcção e elegancia.

Ás lides litterarias roubava o tempo abençoado do bem-fazer. A vida corria-lhe já pacifica e consolada pelas alegrias do ermo e do estudo, e da religião, quando o maior golpe lhe separou dos braços seu filho João Ulrico, conde de Oeynhausen, e, aos 29 annos, coronel de cavallaria 4.

D'ahi em diante a sua vida foi um continuado recolhimento de muda tristeza, raras vezes interrompida por trabalhos litterarios que assaz denotam a ausencia da inspiração e vigor.

Desde 1833 que os alentos da octogenaria senhora depereciam sensivelmente. Ainda assistiu ás primeiras nupcias da senhora D. Maria II, mas já não pôde assistir ás segundas, tão querida foi, porém no paço, que mais de uma vez os serenissimos principes a visitaram no seu leito de infermidade.

No dia 11 de Outubro de 1839 expirou esta ve-

neranda senhora, perpetuando a sua memoria entre dois padrões immorredoiros; o de uma acrisolada virtude, e o do bem merecido renome nas lettras patrias.

Porto—1858.

CARTAS A ERNESTO BIESTER

JOAQUIM PINTO RIBEIRO.

1.ª

Estas minhas cartas, sem atavios, chans e correntias, hasde lel-as, meu amigo, como, se o que vai escripto, fosse fallado em fluente pratica, n'uma banca de *café*, ou debaixo de uma arvore ripada e enfezadinha do *Passeio*. É isto um conversar, ao sabor das idêas como ellas lá occorrem, a quem, de cinco em cinco minutos, sacrifica o methodismo do discurso a diversões de tanta ou tão pouca valia como apertar a mão ao conhecido que passa, e escutar o fremito das ondulosas dobras de um vestido de senhora, o piar de algum pardal tresnoitado, ou a phrase da orchestra, que nos dá rebates saudosos d'uma situação e imagem reproduzida pelo milagre da musica. Milagre, digo, meu caro Ernesto, porque o viver presente é tão bonito, a gente anda toda tão feliz com o dia de hoje, e tão alegre nas esperanças

de ámanhã, que, só por milagre da musica, póde o passado importunar-nos com uma visão saudosa. Isto é verdade.

Imagina, pois, tu que eu te estou dizendo, aqui n'estas linhas, o que sinto e penso de uns livros que de fugida li, e de outros, que fôr lendo, nos curtos intervallos, em que me sento a limpar o suor á borda do sulco, em que ha tantos annos revolvo, não leiva para medrança, mas terra de barro e cascalho, com admiravel paciencia minha, e pasmo dos meus amigos.

Direi, primeiro, do livrinho de Pinto Ribeiro. Já na tua penultima chronica litteraria esclareceste a obscuridade do titulo: «Corôas fluctuantes.» Fizeste bem, que já por ahi andava nuvem de mosquitos a zumbir á volta do titulo, que apparecera na secção dos annuncios, sem o prefacio explicativo. A gente critiqueira, que eu mais temo, é a que dispensa ler um livro, logo que teve a felicidade de lhe vêr o nome na vidraça do livreiro. Já uns taes por ahi diziam que o poeta a si mesmo se coroava com os seus poemas, para forrar á republica as incommodidades de o coroarem officialmente como a Tasso e Quintana.

Vieste muito a tempo, dizendo que Pinto Ribeiro tirou de uma graciosa usança das moças de Varsovia o titulo de suas poesias. São corôas de flores, que derivam na torrente, e com ellas os desgostos. *Esperanças desfolhadas, pensamentos afflictivos, mágoas desesperadas, mallogrados amores, tudo alli desapparece de prompto e a ponto, deixando a alma de*

novo a tragar espaço e liberdade. Peregrina explicação de um formoso titulo! Ahi está, pois, que disparou em mais uma das mais insinuantes poesias do livrinho o que pareceu aos vesgos estranha immodestia.

Sabes que eu me préso de ter sido o mais solicito apregoador dos versos de Pinto Ribeiro?

Ha cêrca de sete annos que eu escrevi o meu parecer sobre as *Lagrimas e flores* do poeta portuense. Raro anno se tem volvido sem que eu apelle do marasmo dos bons poetas e da fecundidade dos maus, para o solido e estudioso engenho de Pinto Ribeiro. Para os jornaes litterarios, em que tenho collaborado, pedi-lhe sempre uma pagina, e contentava-me com algumas linhas, porque era sempre de lei a pequenina baga de oiro que elle dava, sempre perolas, que muitas vezes vi afocinhadas por cerdos.

Ainda no anno passado, te escrevi, convidando-te a publicar n'este teu jornal poesias de Joaquim Pinto Ribeiro. De tua parte houve prompta annuencia; o poeta, porém, quiz que o seu livro em tudo semelhasse a corôa fluctuante, que as virgens de Varsovia fiam da onda do seu rio: deitou-o ás encontradas correntes d'este mar, como quem se não teme do menos-preço ou desdem, e mais se quer olvidar das flores, que o mundo logo olvidará tambem.

Abre commigo este livro de 180 paginas. Ha já um grande merecimento n'esta parcimonia. Um livro, que tem quatrocentas laudas, é já uma iniciação de martyrio, quando nos vem da livraria com as folhas pegadas e um consummado infortunio, quando a cu-

riosidade nos punge a leval-o de tres fôlegos até ao indice.

A primeira poesia é a *Espada de Affonso Henriques*.

Já a lêste, e sinceramente adivinho que a não releste. Foi, porventura, esta poesia que te induziu a escrever... «Todas as vezes que o sentimento en-«che o coração do poeta, as cordas da lyra vibram-«lhe maviosas e sonoras. Quando, porém, *se deixa «levar do arrojo de um pensamento ousado, não é «tão feliz: prejudica-lhe o esmalte com falsas ima-«gens.*»

Vou desavir-me comtigo, e esta desavença ha de dar que fallar á noite no Rocio. De certo, lêste as *Contemplações*, e a *Legenda dos seculos*, de Victor Hugo. Da primeira á ultima, paraste muitas vezes assombrado das allegorias e metaphoras audaciosas do eminente escriptor. O teu discernimento litterario muitas vezes te disse que só um engenho santificado pela veneração universal podia dar cunho de boa moeda litteraria a atrevimentos desconhecidos nas velhas poeticas, e indefiniveis aos modernos legisladores. E, sem embargo, aceitaste como sublime o que vinha de Victor Hugo, o qual, porque tem cartas de creador, póde mudar settas em grelhas, a beneplacito do genero humano, e seu.

Se me perguntas qual quilate assigno ás *Contemplações* e á *Legenda dos seculos*, respondo-te que é tudo grande, tudo esplendidissimo, em tudo se ouve o estridente voar da aguia, que perde este mundo de vista, e vai, de nuvem em nuvem, conversan-

do com os seculos porvindouros, que por lá se estão incubando as futuras cousas e futuros entendimentos. Eu, de mim, alegro-me de lhe ouvir o estridor das azas, e digo, ao que entendo e ao que não entendo: «Magnifico e sublime!»

Ora, façamos agora de conta que um dos nossos irmãos em lettras, amoldurando a phantasia pelo que nos vem lá de fóra, se affoita, sem menoscabo da lingua, a medir o vôo ás alturas d'onde os poetas europeus legislam o sublime do nosso tempo, tão diverso do sublime de Longino, de Aristoteles e de Horacio. Sahe-nos o moço com estranhas figuras em lingua patria, com dizeres nevoentos, e intangiveis a um espirito que desadora enigmas, e logo nós, por honra da critica, lhe acudimos a dizer que seja singelinho e claro, que nos não entale com phrases turgidas, nem nos force a ir atraz da sua phantasia por todos os labyrinthos, em que ella se enredou, até lhe encontrarmos vestigios de sahida.

Isto assim não tem geito, meu caro Biester.

Tu viste falsas imagens em alguns versos de Pinto Ribeiro, e eu, com summa candura te digo, que vi poesia e só poesia, como eu a entendo, quando lhe é lei alevantar-se para merecer o titulo. Acreditei-o assim, porque esses atrevimentos me elevavam o espirito; e, se alguma vez me fogem do primeiro alcance, lá vou dar com a justesa da metaphora, e do trabalho me pago com o prazer de encontrar-lh'a. A ti, meu amigo, sobra-te claro juizo para aquilatares a joia que perde o brilho no espaço que vai do engenho do poeta á nossa banca de estudo. O que

tu estranhas, e eu tambem, á primeira vista, é o desusado em nossa lingua, em nossos poetas, e nos mais classicos poetas. Erro, porém, é dizer que não quadram á nossa indole os atrevimentos, que se applaudem nos idiomas estranhos.

Na *Espada de Affonso Henriques*, heide condizer comtigo na ultima strophe: é aquella em que o poeta diz á espada que, salvo por ella o reino, virá a repousar-se,

Tendo o Douro caudal por talabarte
E o Porto por bainha.

Aqui não ha desmancho de bom siso poetico; mas ha cousa que dissaboreia ainda mais: é o gongorismo de triste memoria. Aposto eu, porém, que o atrevimento metrificado em francez havia de ser aforado com titulos de feliz arrojo?

Passemos vinte paginas de poesias lyricas, se devem chamar-se assim uns como fragmentos conceituosos de algum grande poema, que, a revezes, tem lampejado ao espirito de Pinto Ribeiro. Não o pensas assim, quando se te depara uma poesia, sem titulo, que cifra n'esta quadra:

Bella, eu lhe disse, no teu calmo gesto
Todo o socego do teu peito leio;
Bardo, disse ella co'um sorriso honesto,
A lua é calma, e tem vulcões no seio.

O *Temporal na Madeira* é admiravel na metri-

ficação, vale com cousa engenhosa, em que a rima é muito, e a idêa raro deixa de sahir lustrosa d'entre os empeços do rithmo que tendem a obscurecel-a. Assim mesmo, é, a meu vêr, a somenos poesia do livro, e a mais laboriosa. Pinto Ribeiro, já no seu primeiro volume, se affadigou com semelhantes difficuldades de metrificação bem mal compensadas no resultado. E, depois, este *Temporal na Madeira*, não alvoroça, nem commove: é mais poesia para se ler á beira de um lago quieto, azulejado e estrellado pela cupula celeste.

D'esta pagina em diante, aqui tens a *Paisagem*. Vê tu como ahi pullulam as bellezas das melhores eclogas do Lobo e Quita. Isto é que é devéras portuguez no geito, nas tintas, e nos pontos da natureza rustica, em cuja cópia mais se deleitavam as palhetas, embebidas nas côres de Virgilio e Theocrito.

Lê-me agora esta *Amelia*, que está morta, e no esquife é ainda bella,

D'essa belleza radiante
D'esse encanto que só vem
Das estrellas reflectidas,
Ou das lagrimas cahidas
D'uns ternos olhos de mãi.

Morrera no mais verde dos annos, porque

..... á innocencia
Como á pobre flor aldeã,

O Senhor quer que a existencia
Se finde na ante-manhã.

Agora, a *Belilla*, namorada de um anjo louro, que a viu ao pé de espelhada fonte, e a convida a seguil-o:

Oh! commigo, ó filha do homem,
Sobe aos limpidos espaços.
Vem ser anjo nos meus braços,
Eu serei mortal nos teus.

E a moça, leal aos seus amores da terra, resiste á seducção do anjo; e este, que, com suas paixões, não sustenta a dignidade propria da sua pessoa, quer arrebatar *Belilla*, n'uma nuvem diamantina; e ella, mesmo assim, vai clamando que hade ser até á morte, e além da vida, do seu Ortez. Ora já vês que este sugeito era hespanhol, e estava alli perto da fonte, escutando em ancias os affagos do anjo. Quando, porém, o alado amador envolveu a raptada menina na nuvem, sáe o castelhano, e exclama:

..... «ah! dom traidor!»

E, tirando da sua espada de Toledo, está claro que o anjo não quiz mais saber da moça, e largou-lh'a, e deu a fugir de modo que o proprio dom Ortez, contando a façanha, remata assim com a costumada modestia da sua terra:

O amor salvou-a a ella,
E as azas ao seductor!

Creio que releste a poesia: *Á luz do crepusculo*. Eu não sei dizer qual verso das onze paginas seja frivolo, froxo, ou pobre de pensamento. Estou a vêr qual relanço heide trasladar para que os leitores do teu jornal, que ainda o não são do livro, se dôam de o não conhecer. Lê commigo estas quadras, ligeiro rythmo em que raro terás encontrado tão graciosos e levantados pensamentos:

Pois que para ti me chama
Esse poder immortal
Que a Beatriz eleva Dante,
Que eleva a alma ao ideal;

Pois que, entre as sombras profundas
Da existencia, é a mulher
O só anjo que o Eterno
Nos permitte ao perto vêr;

E meus pensamentos tendem
Para o teu rosto innocente,
Bem como as flexas das arvores
Para o lucido oriente;

.....
Oh! sorri-me, alva açucena,
De toda a macula pura,

Porque aonde tu sorrires
Sorrirá minha ventura.

Por triste que seja a vida
Todos tem um sonho a abrir;
E o meu sonho em flor, beldade,
É vêr teu gesto sorrir.

Nosso olhar em vão fixamos
No quadrante—o sol perpassa,
E como a lympha dos montes
Nos foge a existencia escassa.

E sempre, nas festas nossas,
Da terra do adro um grão
Dança na planta que pisa
Alegre, e em cadencia, o chão.

Tu és da minha alma o espelho,
Flor, como as do altar, santa;
O anjo que me diz: ama;
A fada que me diz: canta.

Tu és o raio luzente,
E eu o átomo sem côr,
Que só sou visto dos homens,
Se me doura o teu fulgor.

.....
.....

Não te lembro mais alguma poesia, a não ser uma que tem o titulo «Amaritudo». Esta, se o poeta me perdoa o estar-lhe eu aqui a copiar paginas do seu livro, transcrevo-a inteira. Tenho pena que o nosso mestre e amigo, Antonio Feliciano de Castilho, a não ouvisse n'aquella noite das musas, em que, a meu pedido, Thomaz Ribeiro, o mimoso poeta de «D. Jaime,» nos recitou a intitulada «Hiems.» Quando o encontrares, pede-lhe que te dê conta da impressão d'esses versos:

O céo era uma immensa abobada de estanho;
E o seu marmore negro, entre alcantis d'azul,
Balouçando, espalhava o mar um brilho estranho
Onde, negro corcel, banhava a crina o sul.

E triste eu contemplava a solidão sombria,
E as penhas que o escarceu de espumas coroou,
Penhas, onde, elevando um canto de agonia,
Repousa do seu curso o viajante grou.

E onde ás vezes tem vindo solitario
E sobranceiro ao mar o genio refletir,
E immersa a mente em luz, longe inda do calvario,
Por sua immensidade os planos seus medir!

Por sua immensidade! ó lucta interminavel,
Em que o oução da sombra, ancioso de esplendor,
Do insondavel quer ser a vara immensuravel,
Da méta do infinito o audaz conquistador!

Será, disse eu então, seguindo sempre esta avé
Que existe além da vaga onde se morre o mar,
O porto, onde feliz aferre a minha nave,
E os puros ideaes de meu vago scismar?

Será seguindo sempre aquella nevoa escura,
Ou rastreando, ó vento, os loucos vôos teus?
Terra a terra, e ao sabor da vaga que murmura,
Navegando, ou luctando audaz c'os escarceus?

E surgir e passar nas brumas do horisonte
Vi d'infindos heroes os vultos colossaes,
Seus passos inclinando, ao chão pendida a fronte,
Ás prisões, ao desterro, ao fogo, aos hospitaes.

Tasso! Dante! Camões, que a patria glorifica?
Albuquerque que leis ao oriente impõe?
Socrates! Galileo que o mundo ao mundo explica?
Byron que empunha a espada, e o corso que a depõe?

E passava, e passava a turva lastimavel!
Ó cultores da sciencia e da arte, eu disse então,
Para que construir, se é eterna e immutavel
Dos povos a injustiça e a negra ingratidão?

Para que supportar com um zêlo indiscreto
A ardente inspiração que a vida vos corroe,
Se teus quadros, pintor, teus templos, architecto,
Apoz vossos martyrios, o tempo ainda destroe?

Ó noite, ó negro abysmo! ó unica verdade
Que a tudo como fim só me é dado encontrar!
Ó cova! unica porta exposta á claridade
Do Bem, abre-te, pois, e deixa-me passar.

Meu amigo, falsas ideias e escuros preconceitos tenho ácerca de poesia, se Pinto Ribeiro não é um bom poeta. Quer-me parecer que, em oito annos, esta illusão, se o fosse, estaria desvanecida. E, depois, eu tenho, por igual, admirado os poetas contemporaneos distinctos, e vejo que está commigo a a opinião de quem lê com o coração nos olhos, e o espirito levantado do raso, onde nem mesmo a prosa se entende bem, quando não é a das cedulas bancarias pagaveis ao portador. Confirmam alguns votos muito qualificados a minha dedicação constante ao engenho de Pinto Ribeiro; o que elles não me consentem é comparações, e menos ainda preferencias. Perguntam-me muitas vezes se eu anteponho Pinto Ribeiro a Soares de Passos? E eu, que já disse do fallecido poeta louvores que por ahi estão em esquecidos artigos, se tu me fazes igual pergunta, respondo-te que sim, que leio com mais affectuosa attenção e mais captivo os versos de Pinto Ribeiro. Póde ser que vá n'isto molestia de coração, rompimento de algumas fibras de fina sensibilidade, velhice, e impertinencia que póde levar-me ao descôco de ainda reler com delicias o Francisco Manoel do Nascimento.

Seja com fôr, meu amigo; por emquanto as «Lagrimas e flores» o as «Corôas fluctuantes» estão

entre os meus poucos livros queridos, e as primeiras com primazia. Pinto Ribeiro não podia em pouco tempo reproduzir as suas primeiras riquezas, que o seu trabalho é detençoso, e intervallado de grandes espaços de ociosidade, ou, melhor direi, de melancolica meditação.

Queres tu saber o viver quotidiano d'este moço? É a soledade, a vida intima de seus irmãos e irmãs. Irmã é já agora só uma. Ahi vês n'esse livro a elegia consagrada á segunda que morreu.

Aqui tenho eu o folhetim de um numero da «Revolução de Setembro», do anno passado. Noticiava a proxima publicação d'este livro, e ahi n'estes termos lembrava a morte de uma irmã do poeta:

«.... Outra irmã querida perdeu, ha tres mezes, Pinto Ribeiro. Matou-a a saudade do esposo, com quem apenas aquinhoára um anno da felicidade do amor, acrisolado pela virtude. O livro que a viuva, no verdor dos annos, deixou aberto sobre a cabeceira onde inclinou a face morta, intitulava-se «Os desposados da morte», do visconde de Arlincourt. Lá foi o anjo apoz o raio luminoso da sua esperança procurar no céo a alma, que a deixára na terra, para dar testemunho de que o amor não è uma banal palavra, nem a saudade, em corações dolorosamente privilegiados, sentimento que transige com o tempo. Este lance de tanta e tão funebre poesia não terá inspirado ao irmão extremoso uma maviosa elegia?..»

Inspirou. Ahi a tens a pagina 153 do livro:

.....
.....
E em lagrimas um dia ella me disse:
«Pela vez derradeira hoje nos vemos;
Vem subir ao azul, sereno mundo,
Onde sempre tu tens os olhos fixos;

Este adeus entre nós abre um abysmo,
Solidão que semelha a eternidade!..
Bem n'o sei, mas no altar só falta a esposa;
Não chores, irmão meu, vou ser ditosa!»

E, fascinada de ideaes auroras,
Em seu leito de angustias reclinou-se.

Adeus, meu Biester. Eu pago sempre a preço de muita dôr os meus affectos. Aqui estou eu agora mais que triste de recordar os annos da feliz juventude da irmã do poeta, porque me entre-lembro de que o céo tambem para mim n'aquelle tempo era azul, e reluzente de átomos de ouro!

No Hospital do Largo do Monteiro, em 11 de agosto de 1862.

JULIO CEZAR MACHADO

2.ª

Este Julio Cezar Machado, que ahi vês tão medrado no folhetim e no romance, conheci-o, ha treze annos, com todas as meninices de espirito e rosto. Não sei como elle foi dar comigo a escrever o «Anathema» n'um cubiculo da rua do Oiro. O que me lembra é que me saiu muito engraçado o Machadinho, e fiquei admirado, quando me elle disse que tinha um romance em começo, e muitos romances embrionarios. Parece-me que o romance começado se chamava «Estrella d'alva.» Bem escolhido titulo para a alvorada de um explendido dia!

Mandei publicar na «Semana» jornal litterario, o começado romance do pequeno, cuidando que elle se deteria a compor e recompor a continuação, por algumas semanas.

Um dia, sentou-se Julio á minha banca, pediu-me

papel, e escreveu ali mesmo a continuação do romance, conversando ao mesmo tempo, em variados assumptos academicos, desde a eschola realista da novella franceza até ao nariz aquilino da minha visinha.

Conheci o pae de Julio Cezar Machado. Era um sugeito de trinta e tantos annos, se me não engano. Penso que foi o filho que m'o apresentou. O bom pae, quando me via, apertava-me affectuosamente a mão, e dizia: «Desenvolva-me o rapaz que tem geito para as lettras.» Isto era-me dito com sympathica vaidade, e muita alegria de esperanças.

Esperanças!.. O pae de Julio Cezar morreu dois annos depois, legando ao filho o coração identificado no coração da viuva, um thesouro de que o romancista nos tem mostrado as joias, aquella amada e amantissima senhora em volta da qual o bom filho vae, ás temporadas, colher as melhores flores dos seus livros.

Julio Cezar ficou ahi em Lisboa, n'este deserto de Lisboa sem maná do céo, sem anhelos da terra de Chanaan. E assim, desamparado da miraculosa influição que alentava o povo hebreu, Julio Cezar realisou o milagre de viver.

A meu juizo, a maxima prova da fortaleza do homem está no aguentar-se um litterato por quatro annos de iniciação, n'este infernal mister de escriptor. O snr. Alexandre Herculano diz ironicamente e aviltantemente para o homem: «Gloria ao rei da creação que, tiritando, geme!» O eminente historiador, em hora de menos zanga, teria visto a grandeza do ho-

mem no seu mais admiravel modo de ser, e diria: «Gloria ao rei da creação, que, escrevendo, vive!» Esta exclamação, porém, não seria entendida no estrangeiro, onde cada escriptor com o renome de Julio Cezar Machado faz suppôr, pelo que consome, que tem uma serie descendente de estomagos, e que morre devorado por prazeres.

N'aquelle tempo em que Julio começou a escrever, os editores e os empreiteiros de jornaes eram uns façinoras. Lopes de Mendonça, aquelle brilhante espirito que já agora só tem olhos para vêr trevas antepostas á sepultura, escrevia folhetins a doze mil reis por mez. Os doutissimos em sciencia de governar nações, alçapremas que erguiam e derrubavam governos, e ameaçavam dynastias, escreviam a razão de quatro centos e oitenta reis o artigo. Estes varões desinteresseiros, mormente os ultimos, davam a lembrar heroicos talentos de Grecia e Roma, que desciam á Ágora e ao Forum a salvar, por muito menos, as republicas, e íam contentes para casa, com uma corôa civica de carvalho ou de outro qualquer vegetal barato. Os primeiros, poetas e romancistas, como Eschylo ou Apuleio, tambem não eram mais arremessados em ambições, nem davam ao diabo o engenho quando *tantalisavam* diante das vidraças do Matta. Devia então ensaiar-se, pelo menos com os litteratos, em Portugal, um todo-nada do regimen da Arcadia. O editor Lopes seria o primaz na gloria de arregimentar os escriptores em banda do *barditos* para quem a bolota das selvas germanicas eram pasteis de nata.

Voltando ao nosso Julio, meu caro Biester: penso que a primeira onda do Pactolo, que lhe innundou as algibeiras, rompeu do theatro do Gymnasio para onde Julio Cezar inventava, imitava, e traduzia comedias; mas aquella rica onda era má por ser digestiva de mais: os cobres, que apremiavam o escriptor novel, eram logo consummidos n'ella, como acontece em Cantanhede, na «fonte das fervenças» cujas aguas, no dizer do oratoriano Bernardes, até o ferro comem. Aqui ha finos pespontos de allegoria, se me não engano. N'estes embelecos do discurso só dão boa sahida os engenhos preclaros, como diz Aristoteles... *qui præclari sunt ingenii.*

O primeiro livro de Julio Cezar, de que tenho noticia, era uma collecção de romancinhos, mui ligeiramente escriptos, muito imaginosos e apoucados em verdade. A linguagem não era mais portugueza que a fórma. Os personagens eram lá de fóra. Julio Cezar não achava aqui vida para observar e trasladar. Era como ave mal implumada, nascida em montados calvos, que se namora dos arvoredos vistos ao longe, e, ao voejar para elles, cáe de fraca para tamanho impeto.

Deu depois alguns dramas, que eu nunca vi, e em seguimento a *Vida em Lisboa,* romance de estreitas dimensões, mas exactissimo, a meu vêr, nos pontos observados em curtos horisontes. O dizer peccava ainda por muito afrancezado; era, porém, assim o genuino dizer dos personagens na vida real. O auctor não entrançou no entrecho, sequer, um professor de primeiras lettras com vaidades de ter lido

o frei Luiz de Sousa. Eram rapazes e raparigas que fallavam, como viviam, muito á franceza. Por este lado não se ha de acoimar o romance.

Appareceu Julio Cezar folhetinista, e muita gente disse que a feição mais litteraria do escriptor era o folhetim. Quem assim o conceituava chamando-lhe Janin ou Planche, conferia-lhe diplomas que valem mais que os de grande romancista ou grande poeta. Saber muito, e saber dizer o muito que sabe com muita graça, parece-me ser a condição de algum folhetinista bem sorteado. Possuir um sem o outro dos predicados é meia vocação, meia gloria que não vinga jámais a metade que lhe falta.

Julio Cesar Machado tinha a clara e fluente linguagem, que o genero requer; tinha ironias e remoques commedidos, como a cortezania manda; realçava no bem discernir o quilate das operas cantadas, do cantor louvavel, e do actor intelligente; achava de prompto as finas pedras do livro novo, e assoprava mui delicadamente o cisco em que se deslapidavam, de geito e modo que não fosse incommodar os olhos do auctor. Estes felizes attributos deram ao folhetinista de diversos jornaes um bem ganhado e soado nome. O vasio que eu, porém, achei nos seus folhetins era justamente o que lhe tem acareado muitos amigos: mingoavam em critica, doutrina, conselho, e ensinamento. Ora, esta falta não se hade arguir ao entendimento de Julio Cesar: é uma virtude n'elle, bondade de coração, dom que elle trouxe algum tanto abastardado de Paris, porque, já n'um d'estes ultimos dias, o vimos mofando de si proprio, á conta

das phrases sacramentaes com que elle saudava um livro novo, ou canonisava um actor velho.

O que eu nunca vi foi escriptor mais subtil e engenhoso no dar noticia de uma obra, feita por pessoa que se não contenta com admiral-a, e quer, á fina força, que o mundo esteja com a sua admiração. N'estes lances, em que o bem-querente moço se tem visto tantas vezes tentalado, é que está a expiação do talento. «O auctor vai ficar contente—dirá entre si Julio Cezar—mas a critica dos meus irmãos em lettras que juiso fará de mim?» Scisma, e acrescenta: «Digam o que quizerem: mais me pago da gloria de ser bom que da gloria de ser justo.» Formosa alma!

Julio Cesar escreveu tres biographias de actores, e a da cantora, Lotti. Ainda as releio com prazer. Até o estylo lhe enfeitaram as graças lusitanas n'aquellas boas horas em que nos deu o mais relevante cunho do seu engenho. Parece-me admiravel a biographia de Taborda; é extremamente chistosa a de Sargedas e Izidoro; tem raptos de levantado sentimento e poesia a de Lotti.

Popularisou-se singularmente o livro denominado: «Contos ao luar.» Raro jornal ficou silencioso á saudação dos romancinhos que tinham sido impressos em jornaes, e (exquisitice da caprichosa voga, que libra em juisos do mundo!) despercebidos á primeira leitura. O merecimento dos «Contos ao Luar» é o da singeleza, e da summa verdade. Julio prima na graça, na naturalidade,—não amaneirada, a mais artificial de quantas ha—do dialogo; e accelerá habilmente as descripções, como quem sabe até onde

chega o fôlego do leitor. E, depois, vai muito no ar infantil com que diz as coisas que até os velhos amam lêr, como se lh'as dessem na verdura dos annos. A boa mãe, ou o bom filho que leram a dedicatoria das «Scenas na minha terra» deviam ficar querendo muito da alma ao livro. N'estes mimos de intelligencia, e —para assim o dizermos—juvenialidades affectuosas que nos vem sympathicamente alvoroçar, é que está o melhor, a magia do condão litterario de Julio Cezar.

Por que é que o publico deu menos valor ás «Scenas na minha terra?» Isso é que eu não sei, meu amigo. Pois vê tu que ha n'este volume umas vinte paginas finaes que sobreluzem a quantas por ahi vivem na memoria das incansaveis leitoras dos «Contos.» Ali, o amor tinha uma philosophia, a desgraça tambem, o coração uma authopsia, e cada quadro uma explicação minudenciosa desde os longes do horisonte até aos contornos da primeira luz. Julio Cezar entrou-se da sua idêa, burilou-a, deu-lhe as grandes fórmas dos mestres mais venerados, e enganou-se com o seu mundo.

Eil-o aqui está emendado nos «Passeios e Fantasias.» Isto é mais leve, mais ao correr da imagição, (que corre para Paris), mais conversavel, e feminil. O romance de Theophilo Gauthier — *Jéan et Jeannete*, penso que é—está primorosamente imitado. Ri mui de vontade com o baile da negraria, originalissimo, como muito mais que o auctor não pediu emprestado a Gauthier. Invejo tudo que é dizer depressa, e dar-me completa idêa do que eu só poderia examinar em muitas horas. Isso tem o nosso Julio

das phrases sacramentaes com que elle saudava um livro novo, ou canonisava um actor velho.

O que eu nunca vi foi escriptor mais subtil e engenhoso no dar noticia de uma obra, feita por pessoa que se não contenta com admiral-a, e quer, á fina força, que o mundo esteja com a sua admiração. N'estes lances, em que o bem-querente moço se tem visto tantas vezes tentalado, é que está a expiação do talento. «O auctor vai ficar contente—dirá entre si Julio Cezar—mas a critica dos meus irmãos em lettras que juiso fará de mim?» Scisma, e acrescenta: «Digam o que quizerem: mais me pago da gloria de ser bom que da gloria de ser justo.» Formosa alma!

Julio Cesar escreveu tres biographias de actores, e a da cantora, Lotti. Ainda as releio com prazer. Até o estylo lhe enfeitaram as graças lusitanas n'aquellas boas horas em que nos deu o mais relevante cunho do seu engenho. Parece-me admiravel a biographia de Taborda; é extremamente chistosa a de Sargedas e Izidoro; tem raptos de levantado sentimento e poesia a de Lotti.

Popularisou-se singularmente o livro denominado: «Contos ao luar.» Raro jornal ficou silencioso á saudação dos romancinhos que tinham sido impressos em jornaes, e (exquisitice da caprichosa voga, que libra em juisos do mundo!) despercebidos á primeira leitura. O merecimento dos «Contos ao Luar» é o da singeleza, e da summa verdade. Julio prima na graça, na naturalidade,—não amaneirada, a mais artificial de quantas ha—do dialogo; e accelerá habilmente as descripções, como quem sabe até onde

os monumentos de Paris n'um cadernito que lá custa quatro sous.

O que devemos esperar de Julio Cezar é um livro muito divertido, muito risonho, e todo graças caracteristicas do seu original estylo. O laborioso moço escreverá assim muitos, hauridos por esse mundo, com o meio punhado de oiro a que deixar hypothecado o seu talento. Decorridos annos, quando a fadiga lhe esfriar o engenho e a vontade, vá Julio Cezar bandear-se com a caterva de sandeus, que enxameam ás portas das secretarias, e grite bem alto: «Aqui estou eu que tambem não sirvo para mais nada. Agora sim, mereci uma collocação na republica!»

das phrases sacramentaes com que elle saudava um livro novo, ou canonisava um actor velho.

O que eu nunca vi foi escriptor mais subtil e engenhoso no dar noticia de uma obra, feita por pessoa que se não contenta com admiral-a, e quer, á fina força, que o mundo esteja com a sua admiração. N'estes lances, em que o bem-querente moço se tem visto tantas vezes tentalado, é que está a expiação do talento. «O auctor vai ficar contente—dirá entre si Julio Cezar—mas a critica dos meus irmãos em lettras que juiso fará de mim?» Scisma, e acrescenta: «Digam o que quizerem: mais me pago da gloria de ser bom que da gloria de ser justo.» Formosa alma!

Julio Cesar escreveu tres biographias de actores, e a da cantora, Lotti. Ainda as releio com prazer. Até o estylo lhe enfeitaram as graças lusitanas n'aquellas boas horas em que nos deu o mais relevante cunho do seu engenho. Parece-me admiravel a biographia de Taborda; é extremamente chistosa a de Sargedas e Izidoro; tem raptos de levantado sentimento e poesia a de Lotti.

Popularisou-se singularmente o livro denominado: «Contos ao luar.» Raro jornal ficou silencioso á saudação dos romancinhos que tinham sido impressos em jornaes, e (exquisitice da caprichosa voga, que libra em juisos do mundo!) despercebidos á primeira leitura. O merecimento dos «Contos ao Luar» é o da singeleza, e da summa verdade. Julio prima na graça, na naturalidade,—não amaneirada, a mais artificial de quantas ha—do dialogo; e accelerá habilmente as descripções, como quem sabe até onde

chega o fôlego do leitor. E, depois, vai muito no ar infantil com que diz as coisas que até os velhos amam lêr, como se lh'as dessem na verdura dos annos. A boa mãe, ou o bom filho que leram a dedicatoria das «Scenas na minha terra» deviam ficar querendo muito da alma ao livro. N'estes mimos de intelligencia, e —para assim o dizermos—juvenialidades affectuosas que nos vem sympathicamente alvoroçar, é que está o melhor, a magia do condão litterario de Julio Cezar.

Por que é que o publico deu menos valor ás «Scenas na minha terra?» Isso é que eu não sei, meu amigo. Pois vê tu que ha n'este volume umas vinte paginas finaes que sobreluzem a quantas por ahi vivem na memoria das incansaveis leitoras dos «Contos.» Ali, o amor tinha uma philosophia, a desgraça tambem, o coração uma authopsia, e cada quadro uma explicação minudenciosa desde os longes do horisonte até aos contornos da primeira luz. Julio Cezar entrou-se da sua idêa, burilou-a, deu-lhe as grandes fórmas dos mestres mais venerados, e enganou-se com o seu mundo.

Eil-o aqui está emendado nos «Passeios e Fantasias.» Isto é mais leve, mais ao correr da imagição, (que corre para Paris), mais conversavel, e feminil. O romance de Theophilo Gauthier — *Jéan et Jeannete,* penso que é—está primorosamente imitado. Ri mui de vontade com o baile da negraria, originalissimo, como muito mais que o auctor não pediu emprestado a Gauthier. Invejo tudo que é dizer depressa, e dar-me completa idêa do que eu só poderia examinar em muitas horas. Isso tem o nosso Julio sem-

que tu não encarecias nem barateavas, tambem eu a não conhecia. Póde ser que tivesses muita razão e muita caridade em a deixar no tinteiro. Eu tambem lá fiquei, e mais nove volumes que tinha publicado, quando tu, ha annos, déste a lume uma *Viagem pela litteratura contemporanea*. Não me queixei, nem me doi. Dei uma satisfação á minha vaidade, dizendo-lhe que nenhum escriptor lisbonense achava praticavel o absurdo de haver homem no Porto, ou do Porto, que escrevesse livros legiveis, e, demais a mais, louvaveis. Acreditava aqui ninguem que lá, d'aquellas serras do norte, podesse vir coisa boa, a não ser vinho e presuntos? O Porto havia mandado a Lisboa mais alguma coisa, assim uma coisa insignificante como a liberdade; mas essa remessa fôra uma dadiva atirada, por sobre toda a monarchia, com pulso de ferro; e pulso de ferro é idêa muito material, quasi a antithese de adelgaçamento de intellecto.

Era este o meu entender n'isto de elogio-mutuo; e, se não era o mais acertado, vinha a ser o menos molesto á tua fama e á dos teus camaradas. Entre todos, porém, eras tu o mais benevolo comnosco, pobres rabiscadores provinciaes, como o florentissimo Latino Coelho nos denominava. Olha se te lembras de umas chronicas em que o illustre professor, á vez com o snr. Silva Tulio, e outros de igual nervo, nos punham a pão de pedir; mas isto com um varejo de lusitanismos tal que as victimas saiam sobre-modo agradecidas da esfrega, e aprendiam muito. N'uma d'essas esfusiadas, fiquei eu tolhido por ter suspirado uma nenia sobre o cadaver de um am-

phibio, que exhalou, no Porto, o seu espirito de phoca. Hade sempre lembrar-me que estive a pique de ser mettido n'um romance pelo meu mestre e amigo Tulio! Se o romance viesse a lume, um terço da gloria em publicação de livro, como elle havia de ser, recamado de joias classicas, era indisputavelmente meu. As letras devem a Molière o *Peão-fidalgo*, e o *Tartufo;* mas aquelles dous thesouros de verdade e graça deu-os primariamente a parlapatice e a hypocrisia. Ora, se o diserto Tulio me romanceasse, a causa occasional do seu livro d'oiro seria a minha pascacice de lamurear defuntas phocas e quejandas alimarias.

Voltando ao ponto do elogio-mutuo: quando comecei de fazer umas visitas a Lisboa, e te conheci bem de raiz, e aos outros escriptores mais ou menos pela rama, achei que tal não havia de se estarem convencionalmente os magnatas em fumigação de incensos. O que eu vi foi em ti um louvavel e raro fervor de dizer bem de todos, admirando sem favor os grandes, e lustrando as baças producções dos pequenos com o verniz do estylo, quer descobrindo altas philosophias nas impolas da elocução ramalhuda, quer aventando Mussets e Zorrilhas n'algum esgrouviado bardo que mandava o nome da sua amada aos anjos, aos anjos, de cuja bondade o poeta devia unicamente esperar indulgencia.

Não eras tu sómente archivista louvaminheiro do poema, da comedia, e do romance: eras mais que tudo, auctor de successivos dramas applaudidos. Nas mais repetidas composições do reportorio do theatro

normal assignalavam-se as tuas. Os litteratos sublimes da tua benevolencia iam ver-t'as como qualquer mortal; assistiam ás ovações espontaneas das platéas, e confirmavam a publica sancção com um gesto de consentimento, que valia muito dinheiro, se fosse coisa que se pagasse. Ora, como se dava que nenhum dos litteratos, arguidos de socios do elogio-mutuo, respeitava os estatutos, confirmando os louvores decretados pelo juizo de uma platéa illustrada?! N'isto scismei e repisei, e decidi que era tola a critica dos meus comprovincianos, e de alguns rapazes geitosos cá de Lisboa, que ainda estão na madre a sorverem o cordão umbilical dos seus compendios escolares, e já querem que a gente os veja com a cabeça por ahi acima a topetarem com as nuvens!

Quem são, pois, os escriptores arguidos de se estarem em perenne admiração uns dos outros? Serão os que firmam o louvor do livro com o proprio nome? Os Castilho, Mendes Leal, Herculano, Rebello da Silva, e outros, que, em varias provincias das letras, professam estreme e brilhante individualidade? Quem teria o descouco de molestar-se dos elogios mutuos d'estes nomes, se elles se elogiassem? As queixas, bem traduzidas, quereriam dizer: «Reparem que estou aqui eu! Façam favor de dizer ao mundo que eu cheguei aqui hontem; e muita gente ignora que eu cheguei.» Teria que farte razão o adventicio. Se querem ser escoimados da nota de se elogiarem uns a outros, digam que está ali aquelle senhor, que escreveu antes de hontem uns versos a uns olhos verdes, principiou hontem um romance que ha de vir a

ser um acontecimento; e, se Deus quizer, principiará ámanhã uma epopéa, que ha de ser outro acontecimento peior.

Ia eu dizer, Ernesto, que tu és o escriptor mais desajudado do estimulo do louvor: diria uma falsidade. Os teus juizes tem sido aos centenares em cada sentença. São as platéas independentes que não vão para ali respeitar nomes, nem preconceitos. São os homens, que primeiro compram ao bilheteiro o direito de ter razão no applauso ou na reprovação. São os julgadores de superior e natural competencia, que te ali tem dado, no temeroso tribunal do palco, as mais legitimas manifestações — as do senso publico. Ali tens recebido o louvor vehemente do homem, que não conheces, que te não conhece, e que ámanhã te voltará as costas ao drama, se o drama desmerecer da sua complacencia. Este, e os seus pares, é que são o supremo estimulo do teu numeroso theatro.

A leitura de um folhetim, arreado dos logares-communs da lisonja, dar-te-ía uma sombra da satisfação, e direi mesmo da gloria, que tens gosado, quando a multidão se ergueu para applaudir-te? Receias tu que vão d'ali aquelles sinceros e apaixonados apreciadores desmentir com um sorriso de velhaca piedade a sua demonstração de bem-querença? Podem elles acaso segredar ao amigo que tu lhes pedistes a graça das suas palmas?

Eu não conheço, em juizo de litteratura dramatica, senão um voto espontaneo, desassombrado, e unico: é o do povo.

Dizem, porém, que o povo não sabe quando o drama se veste de farrapagem vasconça ou pompeia galas de locução portugueza. Aos que me argumentam assim perguntaria eu porque é que o povo applaude ferventemente o *Egas Moniz*, onde a linguagem é riqueza que vinga primasia sobre todos os outros dotes do excellente drama! Querem, por força, privar as platéas de ouvido e de gosto: é uma mutilação barbara, á qual eu me não conformava, quando me diziam que, se queria agradar, espalmasse a linguagem dos meus bosquejos dramaticos, assim mesmo ouvidos e nem sempre menos presados.

Os teus dramas realçam no merito da contextura. Ninguem te esquiva este louvor: é voz dos criticos unanimes. Todos, á uma, te concedem o raro engenho de tecer com poucos fios uma bonita travação de lances e peripecias, á feição do paladar commum. Assinto no acertado parecer de todos: é mais que tudo custoso o architectar uma acção complicada e dentro das estreitezas da scena, sem molestar a verosimilhança. Vai n'isto muito mais habilidade que em gisar romances de fantasia ou de historia. Se é dom natural, muito devemos admiral-o pela raridade; se resulta de estudo e ensaios, mais que admiral-o, cumpre louval-o com todo o encarecimento.

Acho eu que os teus dramas carecem de linguagem calorosa e apaixonada. Parece que acintemente moderas o ardor das paixões, ou as revelas em termos por demasia tepidos. Isto, a meu vêr, é dependencia do teu caracter, se não é antes proposito, que póde ser explicado por attenções com o

gosto do publico. Tenho observado que o teu temperamento não desdiz da stirpe allemã d'onde procedes. A farpa abraseada de umas paixões, que escaldam a phantasia, quer-me parecer que nunca te feriu. Acho-te concentrado e taciturno como lá nos teus dramas se me figuram os teus personagens. D'ahi procede a incisão do teu dialogo, a curtesa, aliás judiciosa, dos soliloquios, e o curto fôlego dos arrebatamentos e explosões, quer de odio, quer de amor. Aqui não ha de que arguir-te: é a tua indole litteraria. Se a quizeres falsear, darás comtigo no desatino, necessario resultado dos esforços negativos.

Eis-aqui o copioso cathalogo dos teus escriptos para theatro:

Raphael, drama em tres actos
Um quadro da vida, em cinco actos
A Redempção, em tres actos
Duas épocas na vida, em dois actos
Os homens sérios, em quatro actos
A caridade na sombra, em tres actos
Os moços velhos, em cinco actos, e seis quadros
Um homem de consciencia, em dois actos
Nobreza d'alma, em dois actos
Primavera eterna, em tres actos
Um drama no mar, em quatro actos
Abnegação, em quatro actos
O jogo, approvado para premio no concurso dramatico de 1862.

Com Luiz Augusto Rebello da Silva collaboraste na *Mocidade de D. João V;* e comigo na *Vingança.*

Omitto as traducções e imitações que, á seme-

lhança da *Cora*, deram épocas de grande concorrencia ao theatro normal, e a ti a gloria de desenfastiares o paladar empapado das multidões com o perrexil de estupendos successos, tão diversos do teu geito de escrever e contar, com todo o respeito á verdade do coração.

Mais ou menos, todos os teus dramas tem sido applaudidos e conservados na scena, fundando todos em factos correntes. É, pois, preciso que o engenho suppra a falta do maravilhoso, de phantasmagoria, e absurdidades que enleiam e enlevam as turvas destragadas pela renascença dos tablados da Mouraria. Tens vencido, á custa de uma lenta reformação dos espiritos, crear affeição á singelesa dos quadros da vida, como ella é em suas sinceras dores e sinceras alegrias. Seguiste o encalço de Mendes Leal, que tão conscienciosamente e brilhantemente emendou com o drama moderno a escola, que implantára, desde os *Renegados* até ao *Pagem de Aljubarrota*. Assim que o primeiro dramaturgo em Portugal — que em toda a parte seria um dos primeiros — inaugurou o drama, chamado realista, devendo ser antes chamado o drama espiritual — os teus passos necessariamente deviam ser seguros, e o publico veria em ti o discipulo do grande mestre. Viu, e viu exaggeradamente. Ouvi eu dizer que Mendes Leal te pautava e esquadriava a fórma de teus dramas. Nunca elogio tamanho te podiam fazer amigos! Se inimigos eram, que outra maior vingança poderias querer da calumnia, senão a consciencia de ser teu o trabalho, trabalho que os cata-cegos attribuiam a Mendes Leal? É onde

póde chegar a mal-querença lorpa! Tambem o grande Garrett tinha um tio bispo d'Angra que escrvera *D. Branca*, e o *Camões* tirou-o elle da gaveta de um francez, e o *Fr. Luiz de Sousa* caiu-lhe assim amanhado da lua, e tambem o auctor dos primeiros dramas de Mendes Leal era um tio monge. É preciso que o escriptor invejavel não tenha tios nem amigos intelligentes, para lhe ser concedido por de sua lavra o escripto. Quando o snr. Martins Rua publicou uma epopea chamada a *Pedreida*, disse toda a gente que era d'elle o poema. Da auctoridade dos livros do snr. Carreira de Mello tambem não me consta que duvide alguem. Um homem, que quer ser o legitimo senhor dos seus escriptos, pelos modos, ha de escrever parvoiçadas. Isto é duro de tragar!

Não me chega tempo nem espaço para amiudar analyse a cada um dos teus valiosos dramas. De todos me recordo como modêlos para estudar os segredos da scena — o machinismo que é o essencial d'estas composições. Se os primeiros são levemente esmerados no estylo, os ultimos denotam mais reflexivo tracto com as locuções portuguezas. Estás em mui sensivel progresso n'esta importante feição dos teus trabalhos. Quando vieres a concertar o engenho inventivo com a lapidação da palavra, terás adiantado muito na perfectibilidade do difficillimo passo de que has sahido com victoria, e esperanças para mais. O theatro portuguez deve-te muito, e tu deves ao publico, que te applaude, o mais que é razão esperar do teu talento e vontade.

JULIO CEZAR MACHADO E MANOEL ROUSSADO

4.ª

O Julio Cezar desempenhou-se engenhosamente da sua promessa de um livro de viagem a Paris e a Londres. Engenhosamente digo, porque é muitissima habilidade compor um volume curioso e recreativo com a noticia das impressões individuaes de quem o escreve, impressões todas recebidas do que primeiro se vê. Se o auctor fosse menos copioso e numeroso, menos engraçado no seu modo de contar, e na galanteria com que observa os homens, as mulheres e as coisas, em minha boa verdade te digo que o infortunio entrára com elle no *Ville de Brest*, embarcou de novo com elle no vapor das *Messageries Impériales* em Bordeus, e perseguiu-o ainda desde o cáes das Columnas até á esquina em que Julio Cezar viu affixada a noticia dos espectaculos do *Tigre marinho* no Calhariz.

O desditoso embarca ali no Tejo, e despresa a occasião de discorrer ao longo de dezaseis paginas ácerca do Tejo, onde veio Ulysses fundar Lisboa, por ter gostado muito dos ares de Chelas, onde Achylles se escondeu entre as vestaes para não ir á guerra de Troia, o covarde maricas! Julio Cezar com uns retalhos de Plinio, o moço, de Ravisius Textor, de Dionisio de Halicarnasso e de Strabão podia ter alinhavado uma entrada no livro á saida da patria, coisa lardeada de succados condimentos, com os quaes a gente ficasse a impar de sapiencia!

Sáe Julio Cezar por essa barra fóra, e a monção é desgraçadamente de servir. O céo está sereno, o mar manso, os odres de Éolo estão tapados. O navegante chega a Saint-Nazaire sem naufragar, sem um incendio a bórdo! Não vê mesmo uma tromba marinha, nem sequer uma baleia! A essa assim estupida navegação acrescenta o enjôo, e ahi tens a suprema injuria que póde fazer a natureza a um sujeito, que sáe da sua terra para contar successos de estranhos climas. De mais d'isso, este Julio, teimoso descultivador das musas, faz mal em as não acariciar de vez em quando. Haviam de valer-lhe muito nas aborridas horas que passou no mar, se é que o nosso amigo, para acume da desgraça, nem sequer viu um bando de gaivotas. A vel-as, accudir-lhes-iam logo á memoria os versos de Almeida Garrett:

Longe, por esse azul dos vastos mares,
Na soidão melancholica das aguas,

Ouvi gemer a lamentosa alcyone,
E com ella gemeu minha saudade.
Etc.

E depois, se o Julio fosse um poeta local e occasional, mal de nós e d'elle, se o seu livro não vinha com uma ode, ao menos uma ode datada no mar alto, e escripta alli na calçada do Salitre, com o transparente bem corrido, e os pés agasalhados no ceirão, e uma atmosphera bem tepida e perfumada, tudo isto para melhor interpretar o lamentoso gemer das gaivotas.

Desembarca Julio Cezar em Saint-Nazaire, vai a Nantes, e observa a physiologia do cabelleireiro. O seu infortunio deixa-o passar trinta horas sem uma aventura. Não ha uma costureira, ou marqueza que o veja, que o ame, que se mate; não se suicida ninguem no hotel onde elle janta. As pessoas, que vê no hotel, são tudo pessoas que comem á mesa redonda, e nenhuma sequer estoira de indigestão! Chama-se isto o ideal da infelicidade!

Chega o auctor de madrugada a Paris. A fatalidade sempre com elle!

Os acontecimentos horriveis tinham sido açabarcados todos pelos romancistas do anno anterior. Julio passou a barreira de Lutecia sem ter visto cinco duelos! Os maridos ciosos estavam a dormir com as suas Lucrecias. Os Tarquinios estavam-se a deitar, ageitando ás orelhas o barrete de dormir para reatarem o primeiro somno, interrompido pelo alarido matinal das carretas dos vendilhões. O pasmado viajante devia olhar para os quintos andares a vêr se

alguma menina se precipitava, de modo que elle ainda podesse ser o ultimo confidente das suas palavras. Nem isso, n'uma terra onde cada dia se matam dez pessoas pelo menos! A estatistica dos suicidios em Paris fez uma estranha paragem, em quanto Julio lá esteve. Esta, aliás estimavel irregularidade, deve-se á estrella do nosso amigo. Não póde ser outra coisa!

Se tivesse mais vinte annos, o nosso presado escriptor, chegando a Pariz, em sasão tão pecca de successos dignos do prelo, voltava-se para as artes visitando os museus; iria aos velhos templos medir a circumferencia dos pedestaes; iria ás bibliothecas compulsar as edições de Schoeffer. O seu livro assim escripto, considerado purgatorio da paciencia, seria um encaminhador na estrada da bem-aventurança.

Julio, porém, é um rapaz fervente de actualidade, se isto exprime claramente o que eu quero dizer. Melhor o diz elle:

...«Não está no meu genio nem na minha pachorra ir dando tempo a coisas ou pessoas seccantes de tornarem a sua feição agradavel; va-se direito a Inglaterra quem gostar da opulencia que esmaga e seduz. Eu sou dos que hão de morrer moços, e não posso gastar a vida a habituar-me ao que virei a estimar.»

Como moço, muito no verdor dos annos, em que não é mister pedir desculpa á sociedade de não ser velho, o jovial escriptor, quasi por intuição, abarca de um relance todas as futilidades parisienses, e faz d'ellas um livro como quem as está contando a amigos de seu genio, posto que nem todas se prestem a

ser contadas a damas de certa seriedade, seriedade á portugueza, quero dizer. Que fariam nossas tias, senhoras graves que associam o prazer da pitada ao da narrativa, se ouvissem dizer ao Julio o que vem contado, e assim tão floridamente contado: «Requestem muito embora as matronas vestidas de velludo com um rio de diamantes no pescoço: a mim basta-me a galanteria da elegante que usa um vestido de caça bemfeitinho; e em quanto aos diamantes, ainda gosto mais de beijar o sitio que elles poderiam cobrir, que de cegar-me no seu brilho.» As nossas tias faziam o signal da cruz; e, se alguma vez elle se faz com razão, é n'estes casos, em que Lucifer tenta com o estylo, a mais damninha serpente de quantas se geraram na peçonha do peccado.

Não cuidem, porém, que o moço se affasta acintemente dos raros adornos serios da garrida Athenas. Lá vai, pouco se detem a contemplal-os: mas proveitosos instantes são esses que protestam contra a profissão que elle faz de ser frivolo. São bellas e affectuosas estas phrases que a egreja de Nossa Senhora de Paris lhe suggeriu: «Eu comprehendo que aquella egreja em que o primeiro poeta do nosso seculo passou tantos dias de estudo e trabalho, seja o melhor asylo de meditação para certas situações e certas horas da existencia. Quem é que nunca experimentou, quando a imaginação, e as faculdades exhaustas por trabalhos de espirito, ou por alguma ferida moral incuravel, se recusam a obedecer-nos n'umas certas occasiões de desalento, em que nos passa pela idêa um diabolico desejo de refrescar a

cabeça com uma bala de pistola, por que a nossa alma duvida de si mesma, e blasphemaria Deus se podesse n'essa hora acreditar n'elle—quem é que nunca experimentou por essas crises entrar n'uma egreja, velha, escura, silenciosa, e inclinar a fronte diante do altar? É um alivio esse. Parece que depõe uma pessoa o fardo da sua vida, e fica tão leve como o apostolo que caminhava sobre as agoas.» E prosegue, pedindo que as egrejas em Portugal estejam francas de noite aos que precisam orar.

Mas elle ahi vai a fugir das egrejas para os theatros. Aqui é mais caudal a veia das boas expressões, esta-lhe mais senhora sua a borboleta do espirito, que se fez para aquellas varzeas floridas, n'ellas se creou, e fóra d'aquelles, emquanto a mim, homicidas aromas, não vive a vida inteira. D'essas facecias agudas, e como que de sainete francez, não trancrevo nenhuma, meu caro Biester, por que as avalio em menos do que verdadeiramente valem. Não estão no meu genio. Esta minha soledade, este permanente carcere do meu espirito entre os ferros glaciaes do tedio de tudo, este fugir das alegrias que são os quatro pontos cardeaes da vida do nosso Julio, fazem de mim um injusto juiz das graças que melhor enfeite são do seu livro.

Sem embargo, ha muitas, n'estas duzentas e trinta e seis paginas, em que o mais avesso leitor de coisas volantes se póde deter, já gostando a verdade da substancia, já a bellesa da fórma. O que li a proposito de Versailles é bem pensado, e dignamente escripto; e não menos sobresahe no livro a rapida

descripção do cemiterio de *Père-Lachaise*, e as graves considerações que aformoseam o esboço.

No tocante a Londres, Julio Cezar, por força da sua indole, havia de ser conciso até ao peccado. «Não se encontram ali cafés esplendidos, nem *restaurants* allumiados brilhantemente como em Paris» diz o nosso Julio. Este primeiro repellão á sua curiosidade devia pôl-o em desconfiança logo. Seguem-se graciosas observações sobre o espirito, se é espirito o que os inglezes tem no corpo, espirito activo com faculdades imponderaveis. Eu creio que tudo n'elles pesa como a fibra do boi, que é a molecula integrante e constituinte d'aquelle povo: boi, sómente boi, acidulado por cerveja ou vinho. Da Exposição diz o que basta para nos recordar que estamos ha uns poucos de annos esmagados sob a pressão de relatorios, livros, livrinhos, libretos, artigos, folhetins, in folios, tudo ácerca das Exposições. Fez bem. Tudo que se ha escripto, e dito, e feito, por parte dos portuguezes, em materia de exposições, quando não é um desaire para Portugal, é um lavor inutil que melhor fôra ter-se conservado em discreta ociosidade. O Julio viu que lá se admiravam os nossos trigos. São os mesmos trigos do tempo de El-Rei D. Diniz. Que provam os nossos trigos aos apreciadores dos cereaes expostos? Que temos bom torrão para dar trigo. Presumo que a Europa não suppõe que nós, á falta de pintores, esculptores, e gravadores, temos a summa habilidade de fazer cereaes.

Este livro de Julio Machado, assim como é espirituoso, se fosse por egual louvavel pela puresa da

linguagem, seria um milagre. Um livro de Paris necessariamente havia de vir perfumado d'aquella atmosphera, onde eu creio que o proprio Antonio Rodrigues Sampaio, com toda a sua vernaculidade, alguma hora se sentiu gafado de gallicismos quando por lá andou; e onde o snr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, com quanto amigo fiel da simplicidade portugueza, alguma vez veio apregoando que as locuções novas eram necessarias, quer as désse o Lacio quer a França. Não me parece estarmos em apertos de ir pedil-as aos velhos nem aos novos: podemos ser prodigos, e ficar ainda ricos.

Julio Cezar Machado, com aquella sua opulenta phantasia, se um dia se levantar com o proposito de conhecer os auctores de cunho portuguez, e de se enfastiar dez vezes antes de saboreal-os; se elle conseguir iriar as azas da phantasia com os matizes da brilhante, fluentissima, e doce locução dos mestres dos optimos stylistas contemporaneos, então os livros do escriptor, já querido de muitos, serão queridos de todos. Estou que elle me aborrece já por este incessante matinar em classicos. Não importa. Escrevo, a espaços, o que lhe digo todos os dias.

Outro livro. Acabei de lêr o de Manoel Roussado: «Roberto, ou a dominação dos agiotas» O supremo elogio d'este genero é rir-se a gente. O poema heroi-comico de Manoel Roussado tem sal bastante, e algumas vezes sobeja pimenta. Muitos paladares haverá que se queimem; e mais engenhoso seria condimentar o acepipe ao sabor de todas as boccas. Mas quem pede contas assim austeras á satyra? Sou

eu, meu amigo, que tão parco fui de ceremonias com as victimas, quando cuidava que cada escrevinhador tinha do alto uma missão reformadora, e, como sacerdote da civilisação, se obriga a immolar ao progresso em cada folhetim um bode estropeado de velhice ou uma ovelha tinhosa. O mundo e a boa razão estão vingados de mim. Começo a achar nedeas as ovelhas, e cordeirinhos saltitantes os bodes. Estou com elles e com ellas no mesmo curral, á espera que Manoel Roussado e os da sua geração nos immolem.

Os mais sabidos relanços da epopêa de Thomaz Ribeiro estão chistosamente e com muita facilidade parodiados. As *flores de algibeira* tem infinita graça, no canto intitulado: *incendios do coração*. Este é um dos quadros mais a primor d'esta galeria de caricaturas. Em todos os outros ha muita e portugueza graça.

A esta hora o poema é já muito lido em Portugal: não espanta que se hajam vendido tantos exemplares; mas é raro egual exito em livro de auctor, que publica o primeiro.

Manoel Roussado deu boa conta da sua vocação n'uma *Revista de anno*, que corre impressa, e foi muito applaudida no Gymnasio. Tem apenas vinte e nove annos aquelle rapaz que ali vês com um aspeito grave e umas barbas que parodiam o antigo capitão-mór! Quem o vê, e o não conhece, atarefado em discortinar mysterios politicos, presume que está ali um homem capaz de resolver a questão sanitaria dos arrozaes! O auctor do *Roberto*, como tu sabes, é um alegre observador, que só póde estar serio, quando

se disfarça para surprehender algum *ridiculo* em flagrante.

Tenho-lhe conhecido admiravel engenho para inventar namoros e casamentos nas locaes dos jornaes. O mercieiro é o heroe das suas historietas, sempre um mercieiro que tem uma filha, e esta filha é quasi sempre empolgada pomba de algum milhafre, amanuense de secretaria.

Manoel Roussado está n'um paiz novo que lhe dá muito ar por onde braceje, na certeza de que, a cada pescaria de *ridiculos* que tentar, colhe abundante redada. Precisa-se d'este ramo da sciencia. A parodia é uma sciencia, em quanto a mim, porque ensina os tolos a fugirem de serem postos em irrisão. No *Roberto* figuram tolos incorrigiveis; mas a culpa não é da sciencia.

RAYMUNDO DE BULHÃO PATO

5.ª

Raymundo de Bulhão Pato foi hontem á caça, e vai bater os montados frequentes vezes.

Sabes tu que o prazer cruento de matar as innocentinhas filhas das florestas — as mansissimas aves nascidas com a nossa especie na mesma semana da creação, e aviventadas ao mesmo *fiat* do Senhor = não é que move o poeta a ir saborear-se no selvagem deleite de erguer da terra uma codorniz ensanguentada e arquejante?

Não é, decerto.

Bastar-me-ia a duvida para eu lhe não envejar o seu ruim sentir; e logo protestar, em nome das candidas almas dos sinceros poetas, contra quem os injuriasse, dando ao matador de avesinhas um titulo, que obriga a brandura, dó, sentimentos meigos, amor a tudo, e incapacidade de causar dôr a fôlego vivo.

Bulhão Pato, com certeza, não é caçador por vangloria de radicar sua genealogia em Nemrod.

Caçador de almas é que elle é o doce poeta. Por amor á regeneradora poesia dos campos, das agulhas das montanhas, dos ribeiros que serpeam ás abas das collinas, dos presbyterios, da toada saudosa dos sinos gementes de quebrada em quebrada, por tudo isto, que é o remanso dos animos agitados em vertigens d'esta vida doentia de Lisboa, é que o nosso Bulhão Pato se vai ás serras, de espingarda, polvorinho e rêde, a dar azas á inspiração, e não a quebral-as ás povoadoras do céo, que por lá o ajudam a cadenciar as suas melodias. Se isto assim não é, quero e preciso que seja assim.

Observa tu, Ernesto, que a poesia de Bulhão Pato prima em enfeitar-se com as galas antigas dos amantes da natureza; porém, as boninas, os tomilhos, as verbenas, as madresilvas sabe elle entrançal-as de geito que parecem novas as corôas, e mais encantadores os matizes.

A cada pagina d'este seu affectuoso livro encontras uma e muitas imagens campezinas: nem uma só poesia, que te não rebrilhe aljofrada pelos orvalhos da aurora, ou colorada pelos arreboes do crepusculo. Onde aprendeu o poeta a combinação das côres, que mais aprimoram os breves, mas tão peregrinos paineis d'esta sua galeria? Foi lá, na aldeia, na encosta, na esplainada, nos fragoêdos, onde, em vez de bandos estridentes de perdizes, lhe sáem os serenos e amantissimos genios a offertar-lhe abadas de flores.

Olha tu esta primeira poesia, que é um mimo

de dulcissimo sentimento a *Helena*, por quem e para quem foi feito o livro. Verás que o poeta colheu da arvore bemdita da saudade os grãos do incenso, que vaporam de quantas poesias ahi vês, avocando o coração ás passadas alegrias do campo.

É a recordação de um lance infinitamente mavioso. HELENA e o poeta vão subindo a elevada encosta:

Chegára o fim do outono: a natureza,
Sem ter os mimos da estação festiva,
Nem aquelle esplendor e gentileza
Que tem na quadra estiva
Na languida tristeza,
Na luz branda e serena
D'aquelle ameno dia,
Que immensa poesia,
E que saudade respirava, Helena!

Helena, no dia natalicio dos seus vinte annos, vai levar «os dons do lar paterno» á sua serva entrevada,

Áquella pobre ancian que se agarrava
Aos restos d'esta vida!

A mão alvissima do anjo da caridade entre as mãos crestadas da enferma, produzia

Effeito similhante
Ao que, por entre o mato,
Produziria a rosa de Benguela,
A flôr mais alva, e de mais fino trato!

Choravam ambas, a consoladora, e a velhinha do casalejo da serra. Vê tu esta selecta e breve sublimidade de uma comparação:

Como orvalhos do céo aquelles prantos,
Um brilhava na hera das ruinas,
Outro na flor de festivaes encantos,
Na rosa das campinas.

Este doce cantico, doirado pelo sol que alumiava felizes dias, triste como tudo que não olha a esperanças, mas, assim mesmo, cheio de coração, fecha assim a introducção do livro:

..... D'aquelle dia
E de outros dias de intimas venturas,
De immensa poesia,
Nasceram essas paginas obscuras
Que hoje a teus pés deponho
Como saudoso emblema
Do tempo em que sorria
O nosso bello sonho!
Terias um poema,
Se tão gratas memorias
Podessem ser cantados n'uma lyra
Votada a eternas glorias!
Emfim: se um pensamento,
Se uma singela idéa onde transpire
O perfume de vivo sentimento,
N'estas folhas traçar a minha penna...
A estrofe, o canto que o leitor admire,
Seja o teu nome, Helena!

Bulhão Pato foi entre os poetas, que ainda hoje representam a escola romantica, o que mais cedo floriu, e mais depressa grangeou fama. Como a amendoeira, a mais louçã e mais temporã a vestir-se das galas da primavera, a creança de ha quinze annos, já tão celebrada em seus primeiros versos, dava a recear que os germens precoces não vingassem, como acontece áquella arvore, aberta em flores ao sol tépido de fevereiro.

Nos sertões do norte, onde chega raro som das lyras de Lisboa, repetiam as damas com a graça que lhes ensinava a infantil musa de Bulhão Pato aquelle mimoso conto, que principia assim:

Tu queres que eu conte um sonho que tive
Não sei se acordado, não sei se a dormir?
Foi todo singelo, foi todo innocente:
Tu coras, sorriste, tens medo de ouvir?

Não cores, escuta...

E as circumspectas mães de familia escutavam o sonho do poeta, desejando talvez que suas filhas encontrassem quem as amasse com igual respeito, e as beijasse com quanta innocencia os beijos sonhados presumo eu que tem.

Bulhão Pato estiara algum tanto no fervor com que se dera a conhecer e bem querer do publico. Algumas poesias, leves, mas de lindissimas azas, lhe voavam do coração á pagina do jornal litterario, ou (que indigna paragem!) ao folhetim do libello poli-

tico! Isto, porém, era pouquissimo para o muito que o poeta promettêra.

As melhores primaveras iam passando, silenciosas, tristes, sem regorgeio de aves, sem aquella abundância das primeiras flores, bem que o aroma as relembrasse.

Correu a boa nova de um poema de Bulhão Pato; e logo o snr. Alexandre Herculano prefaciou o primeiro canto com louvores muito de obrigarem o poeta a desvelar as noites de mezes e annos, invocando e esperando a liberal inspiração, que tão donosa e esbelta lhe segredára as primeiras estancias da *Paquita*.

O talentoso moço estava n'uma idade em que os milagres do estudo e do recolhimento só póde operal-os a cubiça de renome.

O temperamento de Bulhão Pato é indocil até ao estimulo da gloria. Carece aquella alma de andar ás soltas folheando o livro da natureza, cujas paginas raro se abrem, nos seus mais formosos capitulos, áquelles que a estudam no gabinete incansavelmente. Assim é, e sublime deve ser o ir-se o espirito por esse azul do céo além, por essa prata fóra das ondas lampejantes, por esses verdes copados das florestas, por tudo em que a alma se está como enleada, scismadora, e celestialmente melancolica. Tudo isto accende engenhos e os desabrocha em poemas; mas, se o remanso da solidão não segue o devanear inquieto do espirito, quer-me parecer que o melhor d'esses embrionarios poemas lá lhe fica enthesourado, incommunicavel e inexprimivel. O que, de pas-

sagem, n'um intervallo quieto de seus enlevos, o poeta nos dá, é escassamente a sombra das imagens de suas delicias ou tristezas.

Dou, como exemplo, se algum ha que valha a prova d'este meu juiso, o que ahi está impresso de Bulhão Pato n'este livro dos seus VERSOS.

Que nos está dizendo esta formosa cadeia de canções amorosas, umas amor, outras caridade, outras lagrimas, todas, porém, coração? Não sei eu vêr e sentir bem estes versos, se aqui não ha a poesia mais espontanea, a mais santa, a mais á flor da alma!

Começou na alvorada da vida aquelle sensitivo engenho a tecer a sua corôa de flores; depois entrançou-lhe murtas, e cyprestes, os emblemas todos das vicissitudes de uma existencia de trinta e tres annos. A grinalda ahi está: é assim que os grandes poetas, desprendidos das mesquinhas affeições, se coroam, uns com maior feixe de flores, outros com uma só de cada especie; mas, lá na ideal craveira do sentimento, os espiritos de Bulhão Pato pairaram na altura onde subiram os mais remontados cantores. A differença está em que Lamartine escrevia uma ode de duzentos versos bafejados pela inspiração de Bulhão Pato: isto procede de que o poeta de Elvira se dava oito horas de recesso no seu gabinete; e Bulhão Pato escrevia a lapis, na sua carteira, em oito minutos, a sua commoção, em quanto a vehemencia o arrobava. Não hei de eu por isso acoimal-o de esteril, de indolente, nem sequer de descultivador do seu muito engenho. Bulhão Pato é assim. Pedissem lá a Anacreonte que estirasse as suas pequenas lyricas,

que elle rejeitaria a immortalidade a preço da gloria de difuso metrificador.

Está em pleito agora uma contenda, que, a meu vêr, não terá solução alguma, que preste um capitulo mais á historia do espirito humano.

Dizem litteratos de grande porte, e dos mais celebrados em França, que a poesia não póde continuar n'esta rota que tem trazido desde que os poetas, mais ou menos adstrictos ao ideal do coração, se sequestram das turbas, empinando-se em uns phantasiosos e altissimos mundos d'onde não podem chover pão e carne sobre a humanidade. Um diz que a «poesia formulada, e medida, a poesia em verso está por pouco» (palavras da sublime refutação de Castilho em desaccordo com Pelletan.)

Outro quer que o poeta se gose do seu ideal; mas ideal elevado, vivente, chamado virtude, religião, moral.

D'aqui surde o prescreverem ao poeta «deveres.»

Ha de o poeta, portanto, discorrer em philosophias, emendar a viciosa conformação social com leis de trabalho, jarretar as garras á fome, alvitrar o melhor modo de vestir os nús, quebrar algemas de escravos, e conglobar, emfim, as miserias da humanidade em um ideal perfectivel, onde todo se funda o seu engenho, quer chorando, quer imprecando, quer fulminando.

Sublime desejo!

O poeta, na sonhada vespera de uma transformação social, seria o Baptista, o precursor do segundo Christo. Renasceria n'elle o espirito dos prophe-

tas que annunciaram aos carnifices do mundo romano a redempção das victimas.

E, para em tudo se honrarem com a igualdade dos destinos e proposito da comparação, quebrariam o braço, como os prophetas, na roda inquieta e indomavel da má fortuna, que arbitra o modo de ser da humanidade!

Deixar lá com os seus esplendentes paradoxos a França.

Cá temos o maximo poeta, o poeta das lagrimas, das flores, dos infelizes, e das creanças, a luz vívida d'estes descoloridos tempos, o thesouro insubmergivel n'este pelago de borrascas revoltas, cá temos o nosso Castilho mostrando a olhos de todos o sacro lume, e aquecendo com elle os animos intanguidos. É elle que diz:

«.... De sobejos annos a esta parte refervemos todos n'uma continuada revolução, ora tempestuosa e á superficie, ora surda e recondita, ora tenebrosa, ora resplandecente. É uma fermentação geral, que não se interrompe; é um revolutear insoffrido de todos e cada um ás portas cerradas do porvir. N'estes momentos de absorpção, de preoccupações, de incerteza, até os bardos se fazem obreiros, pelejadores, intrigantes, covardes, ou scepticos; se algures se conserva a poesia é nas creancinhas e nos passaros...»

Ah! aqui, meu querido mestre, foi V. Ex.ª menos condoído das dôres que ahi vão no seio dos poetas silenciosos, dos poetas, que passaram das alphombras dos jardins ao regêlo das abobadas das secre-

tarias. Eram pobres avesinhas que não acharam no eirado dos fazendeiros um grão esquecido da feracissima colheita, que os taes fazendeiros grangeavam com egoista e muitas vezes infame labutar e suar. Que haviam de fazer elles, os cantores do céo, se não baixarem aos telhados das secretarias, e espreitarem azo de impoleirarem-se no poleiro das pessoas graves, bem jantadas, bem calçadas, bem vestidas, e bem acolhidas nos festins dos proceres, onde, hoje em dia, nem o lacrimoso Tolentino ganharia perna de peru?

Pobres poetas callados! se elles continuassem a cantar, até os tendeiros se fariam formigas para lhes dizerem o desdenhoso palavriado que a faminta cigarra ouviu, córada até ás orelhas, se a amarellidão da fome a deixava córar!

E, depois, estes poetas perderam a fé em si, e no seu apostolado, quando viram o proprio Victor Hugo duvidar de sua missão reformadora, exclamando:

C'est peut-être le soir qu'on prend pour une aurore.
Peut-être ce soleil vers qui l'homme est penché,
Ce soleil qu'on appelle á l'horison qu'il dore,
Ce soleil qu'on espère est un soleil couché.

Fieis á poesia, áquella virgem meiga e triste que se esconde entre moitas de flôres para não vêr nem ser vista, são por certo aquelles que dariam tres partes da vida por terem em cada dia do seu curto praso uma hora como todas as horas de Antonio Feliciano de Castilho.

Aquelles, porém, que, á imitação de Raymundo de Bulhão Pato, empedrenidos no meio d'este acerbo mundo que lhes está giando sempre o desgosto, ainda recebem em cheio peito um raio de luz, e estremecem, e se apaixonam, e se abrem n'uma torrente de ira ou amor, de supplica ou de sarcasmo, estes não são os poetas silenciosos; são os que, de espaço a espaço, conseguem diluir em lagrimas o fél do intransitivo calix do talento.

Lá mesmo em Tibur, não é bem amargo o calix de Castilho?...

.....

Adeus, Ernesto.

Havia de fallar-te hoje d'um livro de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, conforme te prometti; mas tu, de certo, destinas as restantes paginas do teu jornal a assumptos mais de se lerem. Será no seguinte numero.

Os teus leitores são bons e pacientes; mas tambem querem não ser tentados a perderem aquellas excellentes qualidades.

Lisboa — 1863.

JOSÉ GOMES MONTEIRO

6.ª

Eu persegui um anno José Gomes Monteiro, a pedir-lhe o retrato para a tua *Revista*. Á primeira solicitação respondeu com uma formal negativa; ás instancias incessantes de viva voz e por cartas, respondeu com esperanças. Eu já as tinha perdidas, quando tu appareceste no Porto, graças ao vapor, e á tua gloria dramatica. Indagaste a residencia de José Gomes Monteiro, e foste deixar-lhe um bilhete e um comprimento. No dia seguinte, apresentei-te ao nosso esquivo litterato, que tu andavas já requestando. Occasionou-se a opportunidade. Intalamol-o com os mais affectuosos requebros. Gomes Monteiro ratificou as suas promessas, com o amavel sorriso de um estadista, que promette dois despachos a dois influentes eleitoraes. Eu, não obstante, ia jurar que as tuas instancias seriam tão mallogradas como as

minhas, quando José Gomes Monteiro, no proposito de se desapartar de nós, te deu um retrato.

Temos já meia victoria: faltam-nos os apontamontos para a biographia. Quem me ha de contar o que eu não sei da vida de Gomes Monteiro? Se lh'o pergunto a elle, dá-me um sorriso, e encolhe os hombros, como quem diz: «Eu não sei sinceramente o que vossê quer saber de mim! Eu estudei, trabalhei, e vivi obscuramente.»—Mas as phases da sua vida intellectual?—replicaria eu. O douto investigador responderia, como de feito, e substancialmente, me ha respondido: «O que havia de imprimir relêvo na minha vida intellectual não quizeram as minhas doenças que eu podesse tiral-o a limpo. A biographia de um homem de lettras não póde coordenar-se com elementos que não se expozeram ao juiso publico.»

Esta resposta grave e sentenciosa não dá razão a José Gomes Monteiro, nem me demove a mim de lhe entrar na intimidade de sua vida estudiosa por portas travessas. Theophilo Braga, o brilhante poeta da *Visão dos Tempos* está muito ligado de coração com José Gomes Monteiro. Conversam largas horas. O erudito que está ao par de todas as litteraturas, aconselha, encaminha, censura, ou applaude as donosas e arrojadas cencepções do moço. Theophilo Braga é quem nos ha de apontar ardilosamente a biographia do seu amigo.

Aceita o encargo; escreve bellas paginas de apreciação litteraria; mas, no ponto essencial da sua commissão, diz: «Meu amigo, eis o que sei de José Gomes Monteiro: elle não me ha dito mais do que

haver-me mostrado em tempo os seus trabalhos ineditos, e dar-me a honra de ouvir alguns excerptos. Mostrei-lhe este juiso para vêr se me dizia alguma cousa mais: era um modo de pedir apontamentos um tanto mais pudico do que o usual. Só me mandou riscar algumas verdades que feriam a sua modestia...»

Quer dizer que não obteve os apontamentos. Alegra-me isto; é consolador para a minha vaidade de syndico das vidas alheias que Theophilo Braga se achasse logrado, apesar da sua artimanha fóra de uso, como elle diz; e alegra-me tambem, por que o affectuoso e estremado poeta, nas notas que me deu, intercalou relanços de analyse geral ás litteraturas contemporaneas, com os quaes tu aformosearás algumas paginas da tua *Revista*.

Resta-nos para dar fórma a um estudo biographico do eminente escriptor os seus trabalhos conhecidos, e d'estes haturiremos inducções para o que ainda não foi estampado.

Nasceu José Gomes Monteiro, no Porto, em 1807. Aos dezeseis annos foi cursar na Universidade de Coimbra as faculdades de leis e canones. Com o quarto anno de formatura, deixou os estudos e a patria. Não foram certamente os antevistos terrores da perseguição partidaria que lhe anteciparam a expatriação. É, todavia, certo que o academico alguns mezes depois, seria dos primeiros a emigrarem, por que o seu espirito estava decidido pelas ideias que afervoravam o animo da mocidade. Gomes Monteiro, em quanto a mim, sahiu de Coimbra, cheio de tedio,

tedio dos canones, tedio dos bancos escholares, tedio dos doutrinarios em capêllo e borla, tedio das congostas lamacentas, tedio da cabra, tedio de tudo aquillo, que se acha hoje consubstanciado nos Adriões, e Neivas, e Bernardos.

Gomes Monteiro viajou: sobravam-lhes bens de fortuna á mediania de suas ambições; queria enriquecer-se espiritualmente; abeirou-se aos mananciaes d'onde lhe affluia copiosa a sciencia nova, que era ainda heretica na Universidade portugueza. Estanceou dois annos em Inglaterra, e fixou a sua residencia em Hamburgo, associado commercialmente em negocio de grande porte, e de futuros revezes que lhe absorveram o seu valioso patrimonio, tão depressa e inesperadamente que José Gomes Monteiro apenas teve tempo de comprehender que a transição de uma vida abastada para a pobresa relativa é coisa de si tão facil que não merece a pena de historiar-se.

Conheceu no estrangeiro Almeida Garrett, e ligou-se-lhe com a sympathica effusão de dois grandes espiritos, ambos saudosos da patria, e ambos aporfiados em lustral-a como lapidarios de seus brilhantes. O cantor de Camões emparelhava na intensidade de zelo com o restaurador de Gil Vicente. Garrett colhia as flores abertas, e aspirava-lhes o perfume; Gomes Monteiro preparava o terreno para novas flores. Um escutava a inspiração; e outro tenteava a sonda da critica.

Emprehendeu o nosso estudioso mancebo escrever uma historia litteraria de Portugal: audacioso alvitre em paizes estranhos, mingoados de livros por-

tuguezes, ao passo que o plano da obra lhe traçava limites, onde se haviam de encadear as sciencias philosophicas com a theologia, a jurisprudencia com a litteratura, o progresso timido de uma phase com o espantoso retrocesso de outra. Não era isto um trabalho de alphabeto como elle se nos depara nos bosquejos ambiciosos de historia litteraria modelada pela de Costa e Silva. Seria uma historia litteraria de Portugal como a não temos, nem a promettem os contemporaneos de quem a patria espera muitas flores e alguns fructos sorvados.

Cumpria ao primoroso collector dos *subsidios*, nome modesto com que apequenava o seu grande lavor, despir os feios ornatos com que andavam desfigurados os principaes cultivadores e mestres da nossa lingua, e revestil-os com as louçanias proprias e nativa singelesa que lhes era a sua mais formosa feição. Estreou-se José Gomes Monteiro, de collaboração com José Victorino Barreto Feio, na celebrada edição de Gil Vicente. Pertence a Gomes Monteiro a introducção, escripta com admiravel minudencia, e noticiosa de hypotheses tão engenhosamente firmadas sobre probabilidades, que força nos é admittil-as como traços veracissimos da vida conjectural do Plauto portuguez. Os illustrados editores da *Bibliotheca portugueza*, reproduzindo Gil Vicente, dizem no prefacio de sua edição com referencia á de Hamburgo: «...Finalmente illustraram a edição com um interessante *Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente*, e com uma *Taboa glossaria*, mostrando a significação conjectural de alguns termos antiquados e rus-

ticos portuguezes e castelhanos que se não encontram nos melhores diccionarios das duas linguas.»

E terminam: «convencidos de que a respeito da vida e obras do nosso poeta não poderiamos dizer mais nem melhor do que os illustres editores da terceira edição, resolvemos extrahir d'ella o já citado *Ensaio*...» A edição dos Lusiadas é um trabalho do mesmo cunho, para o qual José Gomes Monteiro subsidiou com as suas pacientes investigações, tendentes a restaurar os viciamentos e mutilações do texto. Só os engenhos fadados para estas canceiras de pouco luzimento, em ordem á muita fadiga que custam, com justeza lhe avaliam as difficuldades, os desalentos e as aborridas horas em que o mais robusto animo, desajudado no estrangeiro de cooperação de livros, que nem sequer possuimos na patria, se deve sentir descorçoado para emprezas d'estas, sem gloria nem lucro correspondentes..

Entranhou-se em José Gomes Monteiro ardente affecto a Luiz de Camões, pelo muito que lidou com elle, e das muitas amarguras que lhe adivinhou pela dupla intuição da intelligencia e do coração. D'esse affecto, muito de alma cheio de amor patrio, nasceu aquella mimosa e doutissima carta ao fallecido Thomaz Norton, outro enthusiasta illustrado de Camões, sobre a situação da Ilha de Venus. Accudiu o eminente escriptor pela veracidade com que o seu dilecto poeta cantava não uma phanthastica ilha dos Amores, mas sim a formosa Zanzibar, á luz inspiradora do canto da Odyssea em que Ulysses é acolhido aos olorosos jardins de Antinôo.

O livrinho que versa n'este assumpto magnificamente tem bellas paginas, e irrespondiveis deducções. Vê-se que é um trabalho de amor pelas pompas da linguagem, e de consciencia pelo rigor da demonstração.

Verteu do allemão o snr. José Gomes Monteiro uma collecção de poesias que denominou *Eccos da lyra Teutonica*. Sabes tu, meu amigo, que estou desauctorisado para aquilatar versões do allemão. Entre-lembro-me de me não ter sido grandemente deleitosa a leitura d'estas poesias, quando sahiram do prélo, ha bastantes annos. Recordo-me que a metrificação se desviava da irreprehensivel melopeia em que os poetas moços nos traziam encantados os ouvidos. Póde ser que, se hoje as relêsse, me soasse harmoniosamente á rasão o que n'aquelle tempo me destoava. Seja como fôr, devemos, conhecida a indole austera do traductor, jurar na fidelidade da copia. Emquanto á harmonia, crês tu que os allemães possam ter harmonia? Uns homens que fallam com espinhas de dois saveis atravessadas nos gorgomilos poderão rhymar melodicamente? Eu creio que a Allemanha faz muita somma de philosophia bronca por não poder fazer versos suaves.

Até aqui os escriptos publicados de Gomes Monteiro, afóra artigos litterarios e archeologicos, em diversos jornaes, fragmentos soltos de locubrações attinentes a profundar alguma materia pouco alumiada da critica. O espirito laborioso e tenaz do douto investigador como que se amesquinha no tracto de assumptos faceis. A sua pujança e energia redobra de vigor quando se lhe faz mister quebrar os sêllos do

mysterio, sotoposto ás camadas dos seculos que a mais e mais o obscureceram.

Direi agora dos livros escriptos, e reservados para verem a luz, quando José Gomes Monteiro poder conciliar o trabalho com as quebras intermittentes da sua melindrosa saude.

O romance de cavallaria, attribuido a Vasco de Lobeira, com o titulo *Amadis de Gaula*, foi longo tempo o afan, tão saboroso quanto fatigante de Gomes Monteiro. Dois importantes factos extrahiu o indagador das suas detençosas confrontações: um, é mostrar que historias verdadeiras symbolisa a ficção do Amadis de Gaula; a outra, é provar exuberantemente que Vasco do Lobeira não escreveu tal livro. Conjecturemos que prodigios de paciencia custaria isto! Avaliemol-o nós, ou, mais precisamente, seja eu o avaliador de semelhantes pesquizas, eu que me sinto morrer de consumpção nervosa, quando tenho de confrontar um facto relatado por dois auctores diversamente! Theophilo Braga, ouviu lêr alguns lanços d'este manuscripto. Verás e trasladarás o conceito que elles lhe merecem.

Na pasta de Gomes Monteiro está já para entrar no prélo uma edição da *Menina e Moça*. Lá veremos a perspicacia com que se salvam da obscuridade os poucos traços verídicos da vida de Bernardim Ribeiro. A edição será depurada de coisas que correm á conta do poeta, e lhe não pertencem. Verás que Bernardim Ribeiro nunca foi commendador da ordem de Christo, nem governador de S. Jorge da Mina. Verás, emfim, a sem razão com que Almeida

Garrett, dando como certo não ter o choroso poeta morrido de paixão, exclama: «Aprendei aqui, ó Beatrizes d'este mundo!»

Tem ainda Gomes Monteiro em curso de publicação um estudo ácerca de Sá de Miranda, como prefacio á restauração do texto. Esperei vêr impresso este livro, quando o notavel escriptor, desconfiado de sua actividade para a ultima demão no manuscripto, convidou uma intelligencia esclarecida a coadjuval-o na tarefa das confrontações. Chegou a annunciar-se a proxima publicação; porém, has de notar que José Gomes Monteiro, sem negarmos o devido desconto á sua debil saude, deixou-se vencer de um languor inerte, que simelha muito a perguiçosa indifferença dos provados talentos.

Das notas de Theophilo Braga extrahirás o que diz respeito a outros mais escriptos delineados do distincto litterato.

Sabes tu o que eu queria roubar á gaveta de José Gomes Monteiro? As cartas de Almeida Garrett, as confidencias d'aquelle immenso genio, que se expandiam na alma e intelligencia de José Gomes Monteiro. Estas seriam as paginas de ouro da biographia de ambos. Uma sei eu que existe em que Almeida Garrett, em perigo de vida, ou previsão de morte proxima, encarrega o seu amigo de defender-lhe a honra e a fama, assim que a pedra sepulchral lhe vedar o direito da defeza. Que sublime legado! que legitima e jubilosa vaidade para o coração honrado e generoso de José Gomes Monteiro!

Adeus, meu amigo. Cá me chega ao *Bom Jesus do Monte* o rumor das ovações que te fazem no Porto. Sê feliz pelo trabalho, que te dá as poucas e duradouras alegrías d'este mundo.

Teu amigo.

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

LAGRIMAS E TRABALHOS

Nas *Duas palavras* que o eminente escriptor dirige ao leitor, referindo-se ao romance, que fórma o assumpto d'esta breve e desambiciosa analyse, lê-se: «Se os capitulos, que hoje sahem á luz, não forem reputados de todo falsos, incoherentes, ou descorados, o author, animado pelo favor publico, talvez se atreva á temeridade de proseguir na jornada começada.»

Esta modestia sobredoura o merecimento de um dos mais insignes juizes em materia de arte, e dos mais cabaes avaliadores da opportuna e melhor linguagem em todo o genero de bem fallar e bem escrever. O author do *Odio velho*, da *Mocidade de D. João V*, e de outros romances menos conhecidos por não passarem de esboço ou dos primeiros capitulos, quaesquer que fossem as alternativas, em que, na

ordem litteraria, o seu multiplo talento se exercesse, nunca poderia desmerecer no térso e limpido da vernaculidade e mimo, a ponto de entrar atemorisado em nova empreza do genero d'aquellas que lhe deram e abrilhantaram em verdes annos o renome. A intelligencia do snr. Rebello da Silva está inscripta na pleyade d'aquellas que assignalaram a regeneração das bellas-letras na nossa terra; e entre estas havemos de encarecel-a como uma das que mais cedo vingaram e fructificaram em obras de exemplo e eschola.

É admiravel uma duzia de paginas que Rebello da Silva, ao alvorecer-lhe a sua magnifica aurora de escriptor, gravou no prefacio do *Frei Luiz de Sousa*, tragedia que n'aquelle tempo surgiu do cáhos do nosso theatro como lampadario inextinguivel do altar da arte. D'essas paginas se infere quanto preparado estava o espirito do moço para abranger as vastas concepções da reforma n'um ramo de litteratura, que entre nós parecia condemnado a gemer longo tempo nas dores dos aleijões herdados do seculo passado, ou—peior condemnação!—a desmedrar na seiva parasita de máos moldes estrangeiros, que não tinham que vêr com a nossa indole e costumes. Não sabemos ainda bem que motivo teve o auctor para cancellar das ulteriores edições de *Frei Luiz de Sousa* aquellas explendidas paginas, que, a meu parecer, eram o portico sublime do vasto palacio em que o selecto escriptor se está saboreando nas riquezas do seu espirito.

É mais admiravel ainda aos que de perto se-

guiram a vida publica de Rebello da Silva a flexibilidade com que o seu espirito se adapta e friza a toda a ordem de estudos, ao mais variado genero de exposição, desde o austero doutrinamento do estadista até á galhofeira scena da comedia, desde a grave prelecção de philosophia da historia até ao capitulo do romance, desde o demosthenico discursar em parlamentos até á embrincada palestra em mancebo na meza de um botequim.

A nós nos quer parecer que o segredo d'esta intelligencia omnimoda está no habito contemplativo em que o insigne escriptor costuma feriar-se no doce refugio da sua quinta do *Valle*, ás temporadas, a sós com os livros, com a natureza, e com aquella suave e balsamica inspiração, que remoça o animo, reflorece a primavera do talento, e depura o coração da seiva contagiosa dos estrondosos negocios da cidade em que vão de envolta as grandissimas e portanto peiores paixões.

Provavelmente foi nas formosas tardes de agosto, do recendente agosto do valle de Santarem, que o snr. Rebello da Silva leu a correspondencia de William Beckford, e concebeu o entrecho do romance *Lagrimas e Thesouros*. Todavia, de conceber a architectar obra d'este cunho vai grande estadio. A mais opulenta imaginativa, sem grande estudo dos tempos, dos homens e das cousas, não lograria vestir as paginas d'este livro de tantos enfeites copiados do bello da esthetica e da plastica; que descrever o coração com a intuitiva faculdade do genio é condão do genio; mas preparar o theatro, crear a scena, reviver

o passado para sustentar a concordancia entre as pessoas e os tempos, este é o mirifico condão do estudo.

Magnificos vultos se nos deparam no trajecto d'este livro, que a espaços se nos figura mais chronica do que romance, mais um inventario do bom, do triste, do mau e do ridiculo que o seculo passado nos legou, do que uma travação de peripecias umas por outras, espelhadas da lucida phantasia do poeta.

Como que nos sentimos viver entre os bemaventurados de Alcobaça, santos de fibra rija, que faziam de sua inercia o latego com que maceravam o espirito, e davam ao corpo licença para poder avolumar-se quanto lh'o permittiam os numerosos cevados da ordem. Ahi nos encontramos com os joviaes fidalgos d'aquelles bons tempos, que pareciam ter descido do céo para elles e para os monges. Ahi, uma hora, se nos erriçam os cabellos de terror, outra hora se nos expande o peito aos risos, já ouvindo as imprecações do familiar dos Tavoras, já recebendo na alma os alambicados conceitos do noviço imberbe que aperta ao peito os ternos penhores do seu Pedro querido, espostejados na scena!

A graça, a presteza, e mesmo a logica com que o previsto auctor prepara e executa as transições de umas a outras scenas, sem attenuar nem sequer desluzir o effeito de cada uma, é dom peculiar dos talentos obrigados é vocação legitima. No espirito do snr. Rebello da Silva tomam fórma, espirito, palavra, acção e movimento os personagens do seu romance, entre si diversissimos em indole: e logo da

interior tela os vemos trasladados ao quadro do livro, do livro os recebemos vivos e activos na alma, de modo que cuidamos retroceder a um seculo do qual já não restam vestigios para nós senão os que nos emprestam as faculdades reproductivas dos grandos escriptores, dos pacientes exhumadores das gerações mortas, como Herculano, Rebello, Gomes Monteiro, Tulio, Mendes Leal, e outros de aproximada valia.

Póde ser que os apreciadores dos romances do snr. Rebello da Silva anteponham ás *Lagrimas e Thesouros* a *Mocidade de D. João V.* Costuma o maximo numero de leitores folhear o livro de recreio no intuito de espairecer de pensamentos sérios—*sérios* dizem elles, que em quanto a mim não ha nada mais frivolo, da maneira como vai o mundo, que pensar sériamente; e não ha nada menos frivolo que o romance, da maneira que o snr. Rebello da Silva o escreve. Na *Mocidade de D. João V* offerece-se-nos cuidar que as côres historicas são assombradas pelos traços do pincel garrido com que o snr. Rebello da Silva avivou em demazia o quadro das paixões subtis. Temos em pouco a idealidade dos amores do filho de Pedro II; e não acreditamos piamente que o pai dos meninos da Palha-van entrasse no florido labyrintho das suas proezas amorosas por um perystillo juncado de boninas tão singelas e abobadado de murtas que relembram os innocentes affectos dos pastores da Arcadia.

No entanto, o que é grandioso, sublime e esculptural em todos os escriptos do snr. Rebello lá

está na *Mocidade de D. João V* e nas *Lagrimas e Thesouros*: é a linguagem, é esta maxima sciencia da propriedade do termo, é o estreme lusitanismo da phrase, é a locução irreprehensivel, e ao mesmo tempo moldada com o sentir que os escriptores classicos mal poderiam exprimir sem atediarem pela redundancia ou frouxeza da palavra.

Parece que aos trinta annos, e mais ainda aos quarenta, o espirito do mais pujante escriptor deve de estar como exhaurido de forças e captivo de azas para alar-se e avoejar por umas alturas em que o sentir d'alma e o fallar de amores murmureja como meandro de fontinha ou ciciar de folhagem remechida por branda lufada de viração. Pois haveis de encontrar n'alguns capitulos d'este mavioso livro de Rebello da Silva relanços de um dizer tão meigo, de um suspirar tão da alma, de um lyrismo tão levantado que se vos affigura ouvir as estrophes da lyra de poeta juvenil, que abre os olhos diante da primeira mulher dos seus affectos, e a sauda, arrobado, como, no dizer de Cuvier, succedeu ao primeiro homem, quando viu a primitiva natureza, ao primeiro raio de sol creado com elle e para elle.

O bemfadado pulso que assim escreve nunca deve arreceiar-se de que o peregrino pincel com que traslada a natureza lhe falseie os toques. Será sempre mimoso, será sempre o bemquisto das graças quem póde como Rebello da Silva desenhar os explendores da natureza de Cintra com aquella fineza e frescura da expressão que a um tempo descreve e cala no animo do leitor a sensação, o silencio, o mur-

murio, a luz tepida, a fragrancia, o polmo dourado a reluzir no ambiente de encantador idylio que a pintura mal poderia reproduzir com tanta poesia do céo, de flores, de alveolas, de rouxinoes e crebros murmurios de regatos.

Ora, estes e semelhantes thesouros de que Rebello da Silva tira e derrama a frouxo as suas joias, só a natureza os locupleta, pendendo-os da ramagem dos arvoredos, da copa da ridente silindra, haurindo-os da urna da avelludada anemola, enlaçando-os na haste da urze por onde entre-floreja a madre-silva: em summa, no valle de Santarem é que Rebello da Silva, dialogando mão por mão com aquella ridentissima natureza que cada anno o espera lá, é ahi que o mimoso escriptor, como diziamos, concebe e esculpe estes donosos quadros que acabamos de lêr no livro *Lagrimas e Thesouros* fechado com saudades.

O leitor recorda-se de haver lido no *Commercio do Porto* o excellente romance. Por certo que o seu juizo estava formado com illustrada independencia do nosso. Assim mesmo, ousamos aventurar-lhe um pedido com a promessa de lhe não ser desagradavel a condescendencia, se a quizer ter comnosco. O pedido é que leiam segunda vez *Lagrimas e Thesouros*. Se da leitura lhes resultar o beneficio tres vezes adoravel e tres vezes santo das *lagrimas*, sublime será a recompensa de quem leu. E para aquelles que não chorarem—os mais infelizes de quantos ha—restam ainda os *thesouros* de linguagem, de altos pensamentos e de profunda moralisação.

*

THEOPHILO BRAGA

A critica sua regeita igualmente satyra e adulação.
D. FRANCISCO A. LOBO.
(do P. Antonio Vieira.)

I

O SNR. Theophilo Braga tem vinte e dous annos. Já publicou tres volumes, e tem outro no prélo, afóra artigos de variado assumpto e poemetos em diversas publicações periodicas.

Antes de conhecer os livros, li escriptos do snr. Theophilo Braga, ácerca da Mystica de fr. Thomé de Jesus e do fundador da Arrabida, fr. Antonio das Chagas. Como o periodico em que li isto era de Coimbra, e de rapazes, admirei a especie abstruza que o academico escolhera para estreia. Um rapaz da peninsula a escrever como allemão velho, afigurou-se-me phenomeno agoureiro d'algum caturra litterario. Maior se fez o espanto, quando vi a pennugem do bigode a despontar, e o semblante do snr. Braga a revêr candura feminil.

D'algumas praticas agradaveis que tivemos tirei a limpo de toda a duvida que o snr. Theophilo Braga não era bem d'este paiz, nem d'este tempo. Vastissima capacidade fertilisada com a sementeira dos espiritualistas illuminados das regiões septentrionaes, o moço academico, ainda assim, quando se entregou de toda a alma aos estudos nevoentos e um tanto glaciaes do norte, resalvou para si e para os seus poemas o ardor, a vehemencia, o enthusiasmo que individualisam os engenhos, n'este recanto do occidente, onde o céo é azul, e o sol aquece, e as noites estrelladas tiram pela alma a enlevos e doces desvarios.

Desde já o digo: a indole litteraria do snr. Theophilo Braga não alcanço idoneamente especifical-a, porque é novidade entre nós. A nossa eschola de poetas tem sido uniforme: os bem-sorteados das musas, das fadas, dos amores inspirativos, da natureza dadivosa, os poetas, em fim, por graça de Deus ou por graça do estudo da metrificação e dos bons modêlos, parece que todos sahiram do mesmo cenaculo, cantando de si e das mulheres que amaram, colhendo rosas dos seus jardins orientaes, e juncando de pétalas a passagem dos caminheiros. Alegres ou tristes, repartiam o tempo entre a lyra de Anacreonte, e a harpa do rei penitente, revezando-se entre o peccado e o arrependimento, facto que, a meu vêr, nos habilita a piamente conjecturar que os nossos poetas fallecidos se salvaram pela contricção, e os poetas vivos, com raras excepções, podem contar com a bemaventurança. O infortunio, condão do talento,

quem o indemnisará, senão fôr Deus, o senhor d'esses milhões de estrellas? As estrellas de que servem, ou que podem ser, senão são eternas habitações de poetas, *cottages* de luz electrica dispersos no infinito dos ares? Quantas vezes eu imagino que os raios são projectís que arremessam sobre os poetas sandios d'este mundo os predestinados que já lá moram nas regiões beatas, e n'este globo escuro se chamaram Ovidio, Camões, Dante, Milton, Shakespeare, e Corneille? A indemnisação aos poetas infelizes é condição provavel da justiça divina, e infelizes denomino eu aquelles que desbarataram tempo, alma, chimeras amparadoras, e esperanças reanimadoras, tudo, em continuado anceio d'uma vaga felicidade.

O snr. Theophilo Braga fugiu d'esta pleiade de visionarios, e fugiu na idade em que todo o poeta se despenha, vestido e calçado, no orco das paixões. Aos quinze annos esteve elle debruçado no cairel do abysmo commum. O amor deu-lhe um osculo de fogo na fronte, accendeu-lhe o coração, e o poeta gemeu precocemente as suas dôres n'um livro de lyricas intitulado «Folhas verdes.» O novel cantor abre o seu livro com uma apostrophe ao anjo da poesia, ao qual pede as alegrias do coração:

Transpondo abysmos, lá por horas mortas,
Á voz d'esta alma que no mundo anceia;
Traz-me p'ra vida, mysterioso anjo,
A flor tão meiga com que o amor se enleia.

A flor desabotoou cedo, e murchou-se logo.

Poucos annos depois o snr. Theophilo Braga já não deixa entrever a minima individualidade nos seus poemas. O amor, no seu espirito pueril, havia sido um parcissimo tributo á natureza. Penou uma primavera; viu amarellecerem as suas grinaldas d'aquelle anno; chorou-as; e levantou-se do seu abatimento, quando o anjo da poesia lhe apontou mais remontados plainos onde librar-se com elle.

Eu não admiro levemente as poesias do livro chamado *Folhas Verdes*. É causa d'isto a idade do auctor então, e a minha idade agora. Avalio-as como sentimento, e acho-as falsas: é isto, nem póde deixar de ser, defeito meu, perda da segunda vista com que estas coisas são dignamente e acertadamente examinadas e definidas. Avalio-as como linguagem, e acho-as desprimorosas. Examino-as como objecto de medida, e acho-as em divorcio com as pautas legisladas pelos mestres, aos quaes ninguem desobedece, sem ferir o ouvido do leitor. Estou com os revolucionarios da poesia moderna, em quanto elles gritam contra a dictadura de Aristoteles e Despreaux; mas, em mechanismo de metrificação, é necessario respeitar o proprio Candido Lusitano, de indigesta memoria. A melhor das poesias das *Folhas Verdes* não póde desdenhar estes reparos.

Acintemente sobrestive n'esta passagem para fazer mais sensivel o prodigioso progresso do snr. Theophilo Braga; que, a não ser isto, fôra grande desserviço lembrar as primicias do engenho do poeta; e elle mesmo olhou pouco menos de nada ao lustre de sua gloria consentindo que se vendessem e divul-

gassem, agora, os restantes volumes das *Folhas Verdes*.

Porém, que profundo e complicado lavor se operou no espirito do snr. Braga, ao correr de cinco annos?

Qúe horisontes se lhe desdobraram! De que pontos culminantes da região ideal os olhos da aguia, esvoaçada do baixo terreno do lyrismo vulgar, aprofundou do alto a vista penetrante aos grandes cyclos da intelligencia humana, ás litteraturas esculpturaes, aos poetas heroicos, aos factos titanicos da vida espiritual da humanidade! É para assombro esta rapida adolescencia, esta validez e contenção de espirito, que veste de roupagens tangiveis todas as abstracções, incorpora todo o vago espiritual, ata com subtil engenho as correlações das cousas immateriaes, e tenta com sublime desvairamento abrir em marmore o que apenas se concebia ou mal se deixava apprehender nas concepções puramente intellectivas!

Quem anteviu nas *Folhas Verdes* o poeta da *Visão dos Tempos*, e das *Tempestades Sonoras?*

Os dous livros, que nomeei agora, tem já sido competentemenle avaliados. Convergem ao mesmo juizo os pareceres, que merecem nota, e são premio e incitamento ao snr. Theophilo Braga. O agrado publico manifestou-se na extraordinaria voga de livros de auctor, escassamente conhecido, em terra onde o tyrocinio dos não somenos orça por annos laboriosos. O Brazil correspondeu e ultrapassou a minha esperança. Já por duas vezes lá se imprimiu a *Visão dos Tempos*, consumidos os volumes que foram de Portu-

gal. A desleixada e descuriosa Lisboa, avisada pelo seu brilhante folhetinista Pinheiro Chagas, leu o maior numero da edição da viuva Moré. Este facto irmanado a outro que signalou o relevante merecimento do *D. Jaime* testificam, ainda bem, a pressa que se dá o espirito litterario de portuguezes em apremiar os escriptores benemeritos. Desprendido ainda dos louvores da critica, o exito dos livros do snr. Braga é a maxima caução de sua valia.

Em cousas de letras, na nossa terra,—com licença dos praguentos—não ha compadrios nem sympathias. O livro, que se lê, a edição que se repete, mas que não haja gananciado a bem-querença dos criticos, tem inquestionavelmente excellencia: julgou-a o senso publico.

Mas eu, da consciencia o digo, não estava predisposto a conceituar tão altamente o senso publico. Como quer que eu acabasse de lêr a *Idéa do livro*, anteposta aos poemas da *Visão dos Tempos*, persuadi-me que a poesia não seria lida por amor, ou direi melhor, por desamor da prosa. O snr. Braga historia as modalidades da poesia, desde as suas primeiras balbuciações, e remata o prefacio, determinando as fórmas da poesia futura, conjecturadas das intenções da arte moderna. O que é descriptivo n'este estudo é o elenco, algum tanto desatado, do que se lê extensamente em Vico, em Hegel, em Michelet, em multiplicados authores que o snr. Braga modestamente cita como auxiliares do seu thema; mas nem tudo se deve attribuir a influxo estranho. As engenhosas e logicas inferencias, que se destramam

da linguagem, a relanços, enredada, são prova de grandissima connexão de idêas, de muito estudo, de intelligente applicação das generalidades da poesia ao intento explicativo da indole da *Visão dos Tempos*.

Bem: é magnifico e desusado este trabalho em prosa; mas quem me dá tres leitores, que o levem a cabo, em cada cento? Isto perguntava eu, e a resposta sahiu consoladora para o poeta e para mim. Foram geralmente lidas e apreciadas as paginas duvidosas da bellissima estreia do snr. Theophilo Braga.

De fóra parte a idêa do prefacio que me pareceu sublime, eu aventuro-me a observar ao esclarecido escriptor que a sua prosa é menos esmerada e polida do que seria, se elle attentasse mais á fórma, sem com isso deslapidar o pensamento. É certo que ainda se está formando o nosso vocabulario esthetico, sciencia nova em livrarias portuguezas. Os entendidos n'isto cogitam em linguagem estranha, e descuram de aclimar as idêas, dando-lhes ar e geito lusitanos. Se o fizerem, se o snr. Theophilo Braga o quizer fazer, verá que o idioma portuguez se molda e frisa a tudo que está na área do espirito. A lingua portugueza é filha da mais rica e inventiva; e, se regeitou as composturas, aliás nativas, que lhe offereceu Francisco Manoel do Nascimento, é que se dispensava d'ellas, e as depara de sobra a quem as busca nos opulentos celeiros dos Lucenas, e Sousas, e Castilhos. O snr. Braga dá pouco tento á melodia da prosa; articula descuidosamente os membros d'alguns periodos; deixa de remediar o que estava em mudança de vozes, e translações facillimas. Isto ar-

gue que as idêas o divertem e desattentam da parte não menos nobre do seu escripto. É descuido. Os lavores engenhosos do engaste de prata em que se embutem e enfloram os brilhantes, bem que a prata valha comparadamente pouquissimo, dão realce e luzimento ás pedras de extremado quilate.

Entremos na poesia.

II

A *Bacchante* é a feição explendida da poesia hellenica. O snr. Braga havia dito no prefacio: « A voluptusidade na poesia antiga é a verdade; é o retrato da natureza virgem a mostrar-se nua em sua candura. A arte, para assim dizer, criança, balbuciando apenas, não sabia abstrahir. Conta o que vê e admira, o palpavel, o real... Na Grecia a belleza do corpo é o caracter principal do heroe... A sensualidade caracterisa a poesia grega; o ideal é o visivel...»

A demonstração é *A Bacchante*. Corre emburilhada a urdidura do poema; no entanto, os versos rescendem perfumes; requebram-se, apaixonam-se, e suspiram em amorosa vertigem. Os personagens parecem desenhados das phantasmagorias orphicas, e dos heroes do cego de Smyrna, quando os cinge a magestosa aureola dos patriarchas. Conversam de guerras e naufragios no tom clamoroso e retumbante dos rapsodas. Os doudos do amor e da volupia sorriem graças e deleites das mais lubricas lyras de Co-

rynthio. Os epithetos repetem-se como nos poemas gregos. Não obstante, a placida maviosidade do canto é permeiada de borrascas pavorosas. Ha pouco, o nauta Ctésio, arpejando na onda azulada com os remos, suspirava assim:

Já lancei ferro em Corintho;
Terra assim de gregas bellas
Nunca vi!
Por matronas e donzellas
D'amor por todas, não minto,
Me perdi!

Mas quando arribei a Athenas,
Doudo amor! que dura guerra
Soffri eu!
Oh! que saudades da terra,
Ao lembrar-me das pequenas
Do Pireu!
.....

Docemente se levava nas azas da brisa o marinheiro cantando das pequenas do Pireu, quando,

..... pouco a pouco
Nimbo caliginoso a praia esconde,
Repentino pampeiro estoura, o dia
Foge, e com elle a ultima esperança;
Turbulento stridor nas surdas grutas
Reboa lá por dentro, e nas restingas
Dos occultos parceis rebrama a vaga:

Ecco soturno do trovão medonho
Pelo espaço rimbomba e tudo atrôa;
O torvellino rue. Alta celeuma
Se eleva ás harmonias da procella,
Sossobra quasi a nau. Saltam de chofre
Emmaranhados ventos; rota a véla,
Sem rumo e já partido o leme fragil,
Affrontando a borrasca e o céo escuro,
A que almejado porto a sorte os leva!

O poeta airosamente se transfere das varzeas floridas dos amores aos abysmos convulsivos d'uma tormenta. É d'altos engenhos a passagem do dulcissimo ao asperrimo, sem deslizar do agrado do leitor que não tem no espirito, como quem escreve, imagens unitivas das transições. No poema do snr. Theophilo Braga, os versos ora gemem, ora estrepitam. Encadeam-se as diversas peças, alternadas de musicas suavissimas, e estrondos sobre-excitados pelas paixões algum tanto ferozes, como é de crer que fossem os amores sensitivos d'aquelles animalaços do mundo velho.

O author da *Visão dos Tempos* tem, n'este seu livro, versos que pedem e merecem a sua attentiva revisão, quando forem republicados. * É trabalho de-

* Taes como:

Acceita oh *poeta esta* amphora ganhada.
O satyro que só hirsuto felpo cobre.
Da flauta o triste fez seus ultimos amores.
E sorria, sorria o ancião alegre,
N'uma mão ergue a taça n'outra a lyra.

Os hiatos são espessos nos versos do snr. Braga. Taes como

coroso igualal-os a muitos, que primam em cadencia, acêrto e pompa.

Na contextura da *Bacchante* a critica não tem direito a assignalar inverosimilhanças. Ninguem se dá á ingloria, se não estolida, canceira de malsinar os desconcertos de Macpherson e Hoffmann, nem ainda o maravilhoso das epopeas que mais de perto se acostam á historia e á tradição. O snr. Theophilo Braga inventou; dos usos gregos aproveitou as decorações para a scena: foi a poesia mythologica, sem duvida, que lh'as deu. A Grecia não era assim de certo; mas ao poeta não corria obrigação de ser menos fallacioso que os seus antepassados. N'este genero resurgido de poesia, renovam-se as liberdades antigas; e o talento de escriptores do tomo do snr. Theophilo Braga fará que as liberdades não disparem em licenças. Quer Deus que as almas se andem empenhadas em alargar os horisontes de sua espiritualidade: já vai alto o dia do entendimento: será peccado de coração e crime de lesa litteratura avocar trevas e fazer noite, a noite antiga dos espiritos, com afeminadas pinturas, em que a porção muscular resalta como essencia, filtro, e deleite de olhos. O auctor da *Visão dos Tempos*, n'alguns trechos do seu poema, sacrificou excessivamente á supposta fidelidade da época das bacchantes. A sua gloria, os gabos que lhe advieram d'aquelle livro, não estribam de certo n'isso.

Cançava o vêl-o; da flauta o triste; o nauta triste; occulta em timida; etc.

Denomina-se *Stella Matutina* o segundo poema d'esta primeira serie da *Visão dos Tempos*. Altea-se das bacchanaes o pensamento do poeta á creação do mundo, á primeira mulher, ao primeiro lapso, á primeira lagrima. É uma donosa e encantadora phantasia. A lagrima falla com Jehovah em termos tão ameigadores que, por isso, fica, radiante estrella, engastada no empyreo. Quem, tendo céos á sua disposição, os não daria a uma lagrima que fallava assim:

Eu sou como o aljofre,
Vim d'um profundo mar;
A angustia de quem soffre
Ao céo me fez voar.

Eu sou a gotta d'agua
Do cálice da flor;
Cahi; para tal magua
Venho pedir amor.

Eu sou a nivea opala
Que o sol já derreteu;
Venho servir de falla
Á dor que emmudeceu.

Eu sou a estrella errante,
Perdida na amplidão!
Subi, vim tão distante,
Senhor, pedir perdão.

Eu sou a filha de Eva
Gerada em outro amor!
Cahindo a dor me eleva...
Senhor, Senhor, Senhor!

O fragmento é brilhante: não carecia de decorar-se com o epitheto, algum tanto phantastico, de *poesia biblica*, para estremar-se entre as mais lustrosas paginas do livro. Sem desaire do alto quilate da *Stella Matutina*, pede reparo o caso ingente da creação, depois da *Bacchante*. Na ordem dos tempos, a visão do poeta é nimiamente retrógrada. Interpoem-se milhares de annos, milhares de successos. A intenção do titulo, que parece emparelhar com o das *Legendas dos seculos* de Victor Hugo, quebranta-se virtualmente, e desluz-se no animo do leitor methodico; isto, porém, de leitores methodicos, a meu juizo, não apontam a sua superciliosa censura a poemas; o que fazem é saborear-lhes a bella desordem, os caprichos seductores, a gallanice das fórmas. Ora, o snr. Braga entraja gentilmente as suas visualidades; loura os cabellos ás cabeças encanecidas das gerações olvidadas; desenruga os vincos do tempo; aliza as epidermes encorreadas, e remoça quantas velharias nos enfadam offerecidas por poetas gregos e romanos. O que o insigne poeta não vingou foi dar-nos a creação do mundo, e a primeira mulher, e a primeira culpa, e a primeira lagrima com mais unção e dôr que Moysés.

Ave stella é outro poemeto, denominado apocalyptico. A mesma pompa de peregrinas fórmas, ver-

sos admiraveis, raptos explendidos. Mas que historia do Evangelista S. João nos conta o imaginoso moço? Á hora em que o discipulo amado louvava o seu mestre e Deus, pelo fervente amor e fé com que os seus eleitos se deixavam crucificar,—e quando a sua doutrinação divina medrava no mundo regada com aquelle sangue co-redemptor—o poeta figura-nos o filho adoptivo de Maria guiado por um anjo que o admoesta por este theor:

Porque na dôr mortal te precipitas?
Porque foges da vida e a insultas?
Porque apagas a luz que tanto fitas?

Porque é que no festim do mundo, a occultas,
Foste tocar só do veneno a taça,
E a tua consciencia não consultas?

Este anjo é que insultava immerecidamente o velho desterrado em Pathmos. Nas visões do evangelista, em que relanço transluziu ao snr. Braga o desalento impio, o horror e insulto á vida, o empeçonhar-se o santo ancião nos venenos dos festins mundanaes, e o afogar elle em si os dictames da consciencia!

Quer-nos parecer que a poesia ultrapassa propriamente as raias, que lhe demarcou o lyrico pagão, quando desfaz a historia em legendas, e refaz em mythos de não admiravel engenho os traços sagrados dos annaes piedosos de uma religião.

S. João responde ao anjo cousas incriveis, e reversivas de tudo que os actos apostolicos nos transmittiram.

Disse elle: Foragido o justo passa
Por entre a sociedade agonisante!
O rir confunde os gritos da desgraça!

D'hypocritas o riso impio, insultante,
É como d'um cadaver o sudario
Que esconde ulcera feia repugnante!

Ás gentes fui fallar-lhe do Calvario
Palavras d'esse Verbo universal,
Em cada irmão achei feroz sicario.

O evangelisador dos Parthos não podia assim enganar o anjo. Na velhice do discipulo de Jesus Christo, resoava a estrondosa conquista das almas para a religião da cruz. Fremente de santos jubilos e confiança na regeneração das nações, devia expiar o justo, aos noventa e quatro annos de sua idade, não em Pathmos, como o poeta nos conta, mas em Épheso, onde a condescendencia de Nerva o deixou finar-se serenamente no seio da sua christandade, cujo bispo era.

Em quantó o snr. Theophilo Braga, com o talisman do seu prodigioso engenho, demuda, a sabor e alvedrio seu, os mythos velhos n'outros mais graciosos, dê-se-lhe d'esse innocente feito os emboras; quando, porém, o *ecce Deus!* o impellir a recamar de lentejoulas, ou ainda de diamantes, as roupas sagradas dos heroes do christianismo, o poeta leve a bem que a critica lhe faça sentir que nem todas são de servir as suas flores. Estas refundições no ca-

dinho da poesia, com quanto formosissimas na fórma, denotam verdura de annos, e desvanecimento futil em ir ao par com os prosadores d'algumas escholas. Acontece, todavia, que estes fructos de Pentapolis, se acertam de abrir-se, e volitar-se em cinzas, não pequena parte da gloria do escriptor indiscreto vapora-se com elles.

A apotheose de Sovonarola que significa? É um acervo de vistosa folhagem onde a mesma vibora se esconde. O poeta denomina *Apostolo* o prior de S. Marcos. Dedilha, no alaude das victimas illustres da corrupção, plangitivas estrophes. O Apostolo cahe nos abysmos que quizera fechar; morre ás mãos dos florentinos, exclamando:

«..... Oh! que fazes tu, Florença!

E *vestiu-se o céo de lucto*, acrescenta o poeta...

Nos côros da beatifica morada
Hade pura, alva clamyde vestil-o!

O leitor, que tiver coração sensivel, e sciencia menos de sensivel, commove-se das penetrativas estancias do snr. Theophilo Braga, e do infausto destino do fradinho que ficou esmagado sob o carro triumphal da devassidão, que intentou reter.

Saibamos de relance, as virtudes de frei Girolamo Sovonarola. Prégou, como frade, contra frades e leigos, conhecia os viciosos, e delatou-os á ira publica do alto do pulpito. Captivou a vontade do povo.

Acorrentou a si o leão, e arrancou a corôa á cabeça do filho do seu protector Lourenço de Medicis. Acaudilhou a revolução, venceu e assumiu a dictadura theocratica. Denominou-se ministro de Jesus Christo, cujo reinado começava com elle. No proposito de regenerar a sociedade desde os cimentos, fez, na praça publica, uma pyramide de obras primas de litteratura, quadros, espelhos, ornatos, utensilios de recreios, e perfumarias; depois, fez d'aquillo uma fogueira, e aos florentinos, em troca dos seus livros, e ornatos, e quadros, deu-lhes procissões, muitas procissões em cada dia. Deliberou convocar concilio ecumenico para corrigir o papa e sacro collegio. Alexandre VI, como é de vêr, excommungou-o. O regenerador enfuriou-se contra os raios do Vaticano, e declarou-se Filho de Deus. Proseguindo imperturbavel em extirpar o cancro da desmoralisação, ordenou que se golpeassem as linguas aos blasphemadores de sua divindade, e entendeu, com inaudito fervor, na vida intima dos casados, pautando-lhes, sob penas rigorosas, os prasos em que deviam sacrificar ao espirito e á oração os enlaces maritaes. A inquisição nunca se lembrou de rotorcer tanto a corda na estrangulação dos isrealitas! Assim que a virtude do frade descambou em alvitres estupidos e fanatismo sanguinario, surgiram-lhe em volta os inimigos. Aggridem-no, e o monge resvala apupado do throno dos Medicis. Accode em honra d'elle um frei Domingos de Peschia, offerecendo-se a atravessar illeso uma fogueira, em honra das doutrinas do Filho de Deus, que, pelas contas, vinha a ser o frade. Tirava o outro a partido que outro frade o imi-

tasse na prova do fogo, testemunhando, ante o juizo do Senhor, as falsas doutrinas de Sovonarola. Sahe um franciscano ao desafio. Conchavam-se os contendores. Carreava-se a lenha para a fogueira, quando frei Domingos declarou, em artigo addicional, que havia de entrar n'ella com uma hostia entre os dedos. O povo urrou: «sacrilegio e abominação!» Correram as turbas ao mosteiro, e apresaram Sovonarola e os discipulos. Instaurado processo contra o impostor blasphemo, queimaram-no.

Foi mal queimado o pobre homem; valeu-lhe, porém, o incommodo da assadura, descontado pelas bellas grinaldas que o snr. Theophilo Braga lhe entretece na urna das cinzas! Que amoraveis queixumes lhe tirou d'alma o inimigo de Roma, o incendiario dos primores d'arte da Italia, o cabecilha d'um governo de padres, o reformador que apagou os fachos da civilisação e accendeu os cirios das procissões! Mal empregadas flores!... Se o talentoso moço assim continuasse, dava-nos jardins: o peor é que nos escondia entre festões os livros de historia.

Em pró do snr. Theophilo Braga, direi que o estudioso mancebo provavelmente conhece Sovonarola das apologias de Luthero, e de Meier, e de Stuttgard. Os protestantes e racionalistas pegaram do frade, e deram com elle na cara de Alexandre VI.

III

Em seguida á *Visão dos Tempos*, foi editada a continuação dos poemetos do snr. Braga, com o ti-

tulo de *Tempestades Sonoras*, como segunda serie d'aquelle livro, que intentei avaliar, desprendendo-me de falsas considerações, nocivas á liberdade da critica sincera, senão prestadia.

O titulo euphonico de *Tempestades Sonoras* esconde intenção, que não transluz dos poemas. Quer o auctor dar a sentir que as sublevações do mundo moral, as pugnazes conjurações dos animos apontados á conquista d'um progresso, são as «tempestades»; e que o serem ellas sonorosamente rythmadas no plectro, que as relembra, lhes justifica o epitheto de «sonoras»? Ou passou no espirito do poeta o pensamento de se estarem ainda vibrando no espaço os sons amortecidos das estrondosas luctas que, ha muitos seculos, as gerações travaram arca por arca, a idêa contra a materia, o espirito de liberdade contra as algemas da escravidão? Não sei, nem me dispendo em hypotheses que podem ennublar ainda mais a denominação do livro. Seja o que fôr. O leitor e eu, se nos levassem ao frontal d'um templo de Buddha, não deixariamos de ir dentro admirar as maravilhas, por não entendermos os caracteres chinezes esculpidos no frontal da porta.

Abre o livro com um discurso, ou «parte esthetica» *sobre a evolução da poesia determinada pelas relações entre o sentimento e a fórma.* Em nota com que o poeta esclarece um periodo da pagina IX, vê-se que o seu proposito é esboçar a poesia romana, que é reflexo da poesia grega, e caracterisal-a, determinando por ella a feição da arte classica. Este aviso

deve ser o fio conductor de quem quizer emboscar-se n'este formoso labyrintho.

Eu reli com muita reflexão esta prosa do snr. Braga, e desgostei-me da minha pouquissima agudeza. Não me fatigo de admirar a copia de symptomas de muita leitura do estudioso moço; o que me cança é atar os pensamentos, concatenar as illações, achar fórma demonstrativa, vêr de frente os raciocinios que o poeta me offerece de perfil. Ha aqui torrentes de idêas, cachoeiras ruidosas, que a minha reflexão não consegue aquietar em remançoso lago, para examinal-as em toda a sua limpidez. Grande parte da culpa está por conta da minha inhabilidade para estas cousas de nevoenta especulativa; e uma diminuta parte heide pôl-a á conta do poeta que, em verdade, é prosador pouco menos de abstruso. Eu já li —Deus m'o encontre com os meus peccados! — as cartas de Schiller, sobre esthetica; tambem quiz saber o porque de não entenderem os francezes a metaphysica de Kant; pedi á minha paciencia extraordinaria que me apresentasse a alguns meditativos discipulos de Lessing; pois, apesar do meu entendimento bôto em subtilezas germanicas, adivinhei a *vis insita* d'alguns dizeres d'aquelles sabios; e agora acontece que me vejo de todo em todo atagantado com a esthetica do snr. Theophilo Braga!

Quer-me, porém, parecer que o elevado escriptor reduz a poesia romana a imitação fiel da grega: assérto por demais absoluto. Nenhum povo, nenhuma litteratura de nação ou epoca, offerece caracteristicas exclusívas suas. Os mesmos homens, as mesmas

paixões, boas e más, torpes e generosas, o mesmo theor de manifestal-as. Eu de mim descreio de Saint-Sorlin, quando me diz que Deus collaborou no poema de *Clovis*. Inspirações divinas, apesar de Platão, vou jurar que nem Milton se gozou d'ellas, em obra tanto do agrado do vencedor do inferno. O que eu vejo nas litteraturas antigas, e modernamente na poesia de cada nação legataria de monumentos escriptos, é a circumvolução logica, as quatro phases symbolisadas na ode, na epopea, no drama, e na elegia: a poesia em Deus, a poesia do heroismo, a poesia da humanidade, a poesia concentrada no individuo. Afóra isto, a erotomania, os Anacreontes, os Catullos, os Pirons, os Elmanos, são de todas as nações e tempos, e não caracterisam nem sigilam feição alguma classica, symbolica ou romantica.

Outro ponto para maiores estranhezas e reparos. O snr. Theophilo Braga em materia de historia ultrapassa o idealista Hegel. Os factos não criam as idêas; são as idêas que geram os factos. D'aqui a reversão da historia, uma barrella geral nas farraparias guardadas no sujo armazem da memoria do homem. Aquelle Tarquinio, tão nosso conhecido por medeação de Livio, é uma legenda, personificação dos tyrannos gregos. A batalha de Regillo é copia de outra da Iliada. Lucrecia não é aquella sentida matrona que se mata: é outra legenda que representa «a poesia religiosa, a immobilidade do direito divino, o direito pessoal sacrificado ao direito civil.» Quem diria que era isto Lucrecia! Aquella senhora dos meus maiores respeitos, por cuja virtude eu tremia

sempre, quando o scelerado do Tarquinio, lhe dizia, sobranceando-lhe o punhal ao peito arquejante: *Tace! ferrum in manu est; si emiseris vocem, morieris!* «Cala-te! que o punhal está aqui! se dás á lingua morres!» A final de contas, e averiguado o negocio, a violada do real devasso era... *a immobilidade do direito divino!* Virginia—estimo saber isto!—é uma legenda tambem. Eu tinha odio ao pai d'ella que a matou, tanto odio ou mais que a Apio Claudio que parecia amal-a. Diz-nos agora o poeta, autorisado pelo senso historico profundo de Michelet, que Virginia é um ideal, uma creação do artista grego. De maneira que o snr. Theophilo Braga desvalisa os romanos de poesia sua e de historia sua. Nem quando inventaram Lucrecia e Virginia foram, se quer, originaes!

«Poesia puramente romana,—diz o insigne poeta —é a poesia do direito.» Aqui está o titulo de um livro que o snr. Theophilo Braga tem no prélo. O auctor nos diz que, n'esta obra, se acham desenvolvidas as theorias que apparecem embryonarias n'esta sua introducção ás *Tempestades Sonoras*. O promettido desenvolvimento é muito de desejar-se, que eu de mim confesso que nunca farejei poesia no direito: as leis trescalaram-me sempre a prosa ignobil.

Com perdão do snr. Theophilo Braga, e de Vico, e de Michelet, e respeitando quantos visionarios fazem do entendimento humano uma corda bamba, ainda agora me não desço da minha teima em considerar o direito a mais solida base social, mas sem mais poesia que o Digesto, e o Pegas ás Ordena-

ções. O direito, examinado em suas origens, urde-se de symbolos, e já em França corre impressa a *symbolica do Direito*, porém, entre o symbolo e a poesia não sei onde está o atilho. Esperemos o livro elucidador, o livro, que, ainda no caso verosimil de não esclarecer estes arcanos de formidanda esthetica, forçosamente ha-de ser lavor de muitos creditos para o snr. Theophilo Braga.

Deixemos nas boas horas a prosa do meditativo escriptor, e entremos de melhor vontade na poesia.

Aqui temos o brilhante poema das *Céas de Nero*. No reinado de Nero, ergue-se o leão velador do evangelho, de sobre a sepultura de uma testemunha de Christo, e vai a Roma, enviado do Evangelista.

«Vai, sabe o que se passa pelo mundo.»

O leão observou, e voltou ao sepulchro da testemunha da Escriptura, a contar-lhe em resumo os seus encontros.

Eil-os aqui peregrinamente referidos pelo poeta. O leitor conhece-os; todavia, sem receio de impertinencia, comprazo-me em relembrar com o leitor os realces d'estas memoraveis paginas.

A impudica Celia ama Licinio, o gentil e bravo batalhador que, apagada a sua estrella da victoria, nas escarpas dos Herminios, volta a Roma com o animo alvoroçado de visões celestiaes. Coração sonhador de idealidades, não póde amar a lasciva romana. Tem sêde de uma alma pura. Os seus amores é Eurydea, a virgem christã, que se votou ao holocausto de Jesus Christo.

A rejeitada Celia conhece a rival, e premedita vingar-se. Escolhe o braço vingador de Nero, que, ao vêl-a estremece em sezão de brutal amor. O mordomo dos prazeres do imperador, Petronio, indul-a facilmente a seguil-o ás saturnaes do real amante. Nero, embriagado d'amor, vinho e sangue, para dar um vistoso espectaculo a Celia, incendeía Roma, converte em archotes embriados de resinas os christãos, manda abrir o circo, e desacorrentar as feras. Entre as victimas, é conduzida Eurydea, a amada de Licinio. O leão, que o evangelista enviara a Roma, golpha bulhões de sangue do seio da virgem. Licinio salta ao amphitheatro, e expede a vida sobre o cadaver d'ella. Celia, a libertina, vingou-se.

Esta é a acção principal. Os episodios da corrupção bracejam magnificos d'este enredo simples. O morrer do sybarita Petronio, á ordem de Nero, cioso de Celia, é bellamente expressivo do desprezo d'uma vida repleta de gozos. A descripção do ágape, presidido pelo bispo Fidus, é magestosa de religiosa uncção. O terror do circo incutem-o versos de pungente energia.

Resaboriemos algumas das mirificas passagens d'este poema.

Licinio, condoido da baixeza moral da romana que o requesta com lascivos requebros, diz-lhe estas bellas e melancholicas estrophes:

Tens no peito com letras d'atro fogo
Do desespero e dôr o sello escripto!
Bella, tão morta já!

Libertina, alevanta a Deus teu rogo!
Emmudeces? pois Deus teu debil grito,
Como pai, ouve lá!

Manchou-te impuro beijo a face linda,
Não foi o teu algoz punhado d'ouro,
Ah! descuidado amor!
Levaram-te, mulher, todo o thesouro,
Mas deixaram-te as lagrimas ainda,
Expressão d'essa dôr!

É memoravel esta engenhosa comparação de Celia com a corrompida Roma de Nero:

Como a Roma potente que ha prostrado
Ante si o orbe todo, e ebria, ás gentes
Prostituida hoje os seios abre,
E deixa gangrenar-se de seus vicios,
Tu pareces-me a patria! Eu abraçar-te,
Fôra abraçar a ruina do Imperio.
Odeio-te, mulher!

A entrada de Celia, á presença de Nero, no festim de Trimalcião:

O frémito da aragem fugitiva
Que passa, ao fim da tarde, perfumada
Do aroma enebriante da campina
Em vão imita o afan de seu cansaço;
O arquejar do peito, na fadiga,
Era a vaga indolente que o sol doura,

Era uma haste flexivel que balouça,
Vergada por dous pomos que a aura agita.
A alvura dos contornos a harmonia
E nitidez dos traços de seu vulto,
Dão-lhe a graça, a altivez d'uma rainha
Vindo trazer-lhe as páreas do Oriente!

Petronio, já com o braço a gotejar sangue da veia que elle voluntariamente cortou, canta:

A vida é breve instante!
Brinco ao vêl-a afundar-se para o nada,
Como na praia solitaria o infante
Ri, atirando ao mar concha quebrada.
.....
Embala-me da vida o epicedio,
O nada é frio, cantai, cantai, mulheres;
Largas hoje ao delirio! a vida é o tedio,
Quero fugir-lhe na aza dos prazeres.
.....
Porque espero e confio no segredo,
Que este veneno me dirá, não córes!
Assim ao menos findará mais cedo
Este inferno de dores!

Graciosa imagem:

Mudo pranto
Desata-se nas faces de Euridêa,
Como d'um lirio a balouçar na aragem
Cahe o crystal do orvalho matutino.

Aqui vem um relanço, que resabe á doce e singela poesia de Bernardes e Fernão Alvares:

És um anjo esquecido! oh quem podesse
Fazer do peito a urna, ostia querida,
Fazer do peito a urna, e te escondesse.

Erma rola que gemes dolorida,
Que ao pôr do sol procuras a soidade,
Que pela soledade andas perdida.

Que vaga, indefinivel saudade,
Te inspira a migração, como tão cedo
Tua alma pura anhela a immensidade?

D'uma cythara angelica és segredo,
Que ao peito amor purissimo transmitte,
Como a mensagem da aura no arvoredo.

.....

Se assim vou forrageando bellezas no livro, póde sahir-me o dono da seara a pedir contas do artificioso roubo! Muito maior traslado me está a vontade solicitando; mas ahi fica incentivo que farte para quem não leu ainda as *Ceias de Nero*.

Este poema convida a ser examinado por duas faces: uma historica, outra philosophica. Não é intolerancia esta maneira de vêr: é preito ao vulto que já figura nas letras patrias, o snr. Theophilo Braga. Mais ainda: é considerar o insigne pensador na plana circumspecta e grave que lhe assigna a indole de seus estudos e escriptos.

Eu não heide aqui aceitar como inventado ou historiado o facto rigorosamente acontecido ou liberrimamente imaginado pelo poeta. N'este romance rythmico, se Licinio e Celia existiram não se averigua: o importante é averiguar se os costumes d'aquella idade se compadeciam com os sentimentos e factos que tecem o urdimento das *Céas de Nero*. Assim é que, em poemas e romances, distingo os historicos dos ficticios. O *Monge de Cister*, a meu vêr, é mais historico nas magnificas composturas da parte inventiva, que no fragmento da chronica de D. João I, ponto essencial do entrecho. O *Arco de Santa Anna*, tirante o nome d'um bispo no catalogo dos prelados portuenses, é estreme ficção. Aquella florente phantasia de Byron, chamada *Cêrco de Coryntho* é mais historia que a *Ulissea* de Pereira de Castro. Eu dou quasi nada pelo caracteristico historico, ainda que m'o hajam de justificar com o fabulario da historia assignado por fr. Marcos de Lisboa, Raphael de Jesus, ou Marinho d'Azevedo. N'uma palavra, mais me empenho em achar verosimilhanças que factos historicos n'este poema do snr. Theophilo Braga. Presupposto isto, vejamol-o historicamente.

V

Bem que poucas, as linhas physionomicas de Nero são felizmente traçadas. Está o poeta de boas avenças com a historia, salvo quando phantasia o filho de

Agrippina incendiando Roma, a fim de offerecer aos agrados d'uma rapariga de vida airada o espectaculo surprehendente d'uma cidade em chammas.

Não está cabalmente averiguado se Nero poz fogo a Roma; se o fez em odio aos christãos no intuito de os culpar do crime; se o fez para renovar a cidade, cujos bairros desalinhados e sujos o incommodavam. Como quer que fosse, caprichos amorosos para tanto é que nem a historia, nem o romance de Petronio, denominado *Satyricon*, argue ao filho de Domictio Ænobarbo.

Celia é a romana da familia das Lesbias, sem nodoa de inverosimilhança. Está pintada a primor. Finge, quando lhe praz, amores que uma virgem poderia sentir e exprimir sem deshonra. Taes ficções frizam muito de molde com taes mulheres. As mais destragadas, se acertam de apaixonar-se por mancebos de coração e virtudes de Licinio, desforram a deshonra que as humilha, rompendo por alguma estrondosa infamia, se não morrem ethicas por amor.

A virgem Eurydêa, convertida ao culto de Jesus, respira o ascetismo christão e fervor do martyrio commum ás devotadas martyres mais ou menos imitadas da Cymodoce de Chateaubriand. E o poema do snr. Braga esperta muitas lembranças dos *Martyres*, mormente na catastrophe derradeira: semelhança que por nenhum motivo desluz o merecimento da engenhosa urdidura do poema portuguez.

O ecónomo *(arbiter)* dos regalos de Nero, em tão fugitivas linhas, representa as feições que lhe assignala o historiador Tacito. Contam que elle assim

morrera versejando coplas de garrida lascivia; outros querem que os paroxismos da sua musa hajam sido o *Festim de Trimalcião*, satyra em que elle quizera perpetuar a infamia de Nero. *

São já bastantes os relêvos a caracterisarem de historico este poema das *Cêas de Nero*, quanto costumam ser fieis á historia estes escriptos que se querem enfeitados pela imaginação.

O que não é de certo historico é ter entrado em batalhas, nos Herminios, Licinio, que volta a Roma abalado pelas visões da noite immediata á da peleja. Os lusitanos do tempo de Nero já não pensavam em rebellar-se contra o jugo de Roma. Perto de cem annos antes, Julio Cesar déra o derradeiro golpe no braço pertinaz dos aborigenes das nossas serranias.

Tambem não é verosimil que o bispo Fidus, á

* «Era Petronio (diz Tacito) um aulico voluptuoso que se ia dos prazeres aos negocios e dos negocios aos prazeres com a mesma facilidade. De dia dormia; de noite repartiá-se entre encargos, festas e amores. Idolo da corrompida côrte, que se comprazia nas graças d'elle, foi longo tempo o arbitro dos deleites, modêlo da vida lauta, e valido do imperador. A final, abatido por Tigellino, seu émulo, antecipou com voluntaria morte a crueldade de Nero. Fiel, até morrer, a Epicuro, seu mestre, encarava sorrindo a vida que lhe fugia com o sangue da veia cortada. Quando a veia golfava de mais, fechava-a para conversar mais de espaço, não ácerca da immortalidade da alma, mas de versos facetos e eroticos. Longe de imitar as outras victimas do tyranno que, a expirarem, beijavam a mão do algoz, e legavam ao ávido assassino os haveres, Petronio, nas suas horas finaes, occupou-se a descrever em resumo as devassidões de Nero, e descreveu-o ultrajador da natureza e do pudor. Este testamento dirigiu elle a Nero, sellando-o com o annel consular; e depois deixou-se acabar, como quem mui naturalmente se adormece.»

mesa do ágape, contasse a parabola do *Jesus Peregrino*, que principia:

Angelicas harpas entôam trindades,
Ai que hora tão santa, de tantas saudades.

N'aquelle tempo nem os sinos nem as harpas entoavam trindades. Em 1326 foi que o papa João XXII decretou os toques da saudação angelica, pela oração denominada *Angelus*. E, depois, a parabola do *Jesus Peregrino* pertence áquella ordem de lendas da idade média, que vieram com a sua primitiva rudeza até nós, e ainda agora se repetem menos harmoniosas, mas muito mais encantadoras, por sua simplicidade, do que podem refazel-as os poetas do abalisado engenho do snr. Braga.

Tambem não era historico perfumarem os romanos com o helleboro as taças do seu phalerno. O helleboro é irritante e venenoso. Os gregos cuidavam que se curava com elle a demencia; pelo menos constava que o pastor Melampo curára com elle duas nymphas doudas. Foi pena perder-se a receita!

Os romanos tinham tantas drogas aromaticas importadas da Asia com que perfumarem os seus vinhos! Porque aberração de olfacto e paladar iriam elles buscar o helleboro, do qual ha especies que se chamam *fetidas* por excellencia? No entanto, o snr. Braga, no prefacio, falla das «amphoras perfumadas do helleboro»; e, na *Saturnal do Imperio*, ainda nos diz que

o phalerno ardente
Perfumado de helleboro trasborda.

*

Não é historico tambem que Nero fosse calvo, nem tal se cognominasse.

Escreve o snr. Braga:

Thaïs e Lydia, ambas divinas,
E perdição de consules austeros,
Tentam debalde avassallar do Calvo
A fria indifferença.

O imperador Domiciano é que foi calvo; e Juvenal, para o emparelhar a Nero na protervia, denominou-o *Nero calvo.* * É de crêr que Juvenal, lido de relance, induzisse o snr. Braga á inadvertencia.

No canto intitulado *Flos Martyrum* diz o poeta:

Era junto do altar da santa virgem,
Á luz erma da alampada suspensa.

Infere-se que nas catacumbas havia altares, retabulos e imagens. Não podiam existir. Só depois de Constantino é que a piedade erigiu altares nas catacumbas.

Aqui é a ponto d'alguns insignificantes reparos que não entram como analyse historica nem philosophica. É analyse de contextura.

* *Cum jam semianimum laceraret Flavius orbem*
Ultimus, et calvo serviret Roma Neroni
SAT. IV.

Suetonio falla dos cabellos louros de Nero, que os penteava com esmero mulherii.

Disséra-nos o poeta que Celia era

... a dama romana mais lasciva.

E no brinde que lhe faz Nero, ouvimos estas palavras do real devasso:

«Rôla engraçada e timida,
Vem ser *puro* holocausto!
Deixa teu peito exhausto
Pender no altar do amor!
Entremos! noite esplendida!
Oh, vem d'olhos enxutos,
Trocar por doces fructos
A pudibunda flôr!»

Nero estava ébrio! Onde elle viu *flôr pudibunda* e *holocausto puro!*

Pouco antes nos havia dito o snr. Braga que o imperador,

..... ao vêl-a sentira-se poeta
De inspiração selvagem sanguinaria.

A gente espera desgrenhadas impudicicias, e Nero rompe n'este maviosissimo lirismo:

«Celia! na vida o thálamo,
Na vida—atro deserto,
É paraizo aberto
Seio feliz de mãe!»

Nero, a fallar em *seio de mãe*, devia de fazer rir os convivas.

Ha uma imagem bellissima nos livros do snr. Theophilo Braga que desmerece pela muita frequencia com que nol'a mostra. É o que succede ás mais bellas flôres, aos mais primorosos quadros, e ás mais formosas mulheres.

Na Bacchante, pag. 67, disse:

Como um fio
De perolas se rompe e solta a frouxo
A corrente das bagas luminosas,
Assim nas lindas faces do mancebo
Lagrimas silenciosas desfiaram.

Nas *Ceias de Nero*, pag. 10, escreve:

Lagrimas espontaneas lhe rebentam
Dos roxos olhos, como em seio virgem,
Bagas de aljofres, se um collar se quebra.

No *Flos Martyrum*, pag. 79.

Depois muda ficaste,
O pranto de quem soffre
Brilhava, mais que a perola no engaste
Do que um collar de aljofre.

Esta quadra não resiste a uma severa dissecção grammatical.

Ainda temos outro collar a pag. 127:

Ás virgens de Israel, collar de perolas
Que mão impia quebrou,
São como os lirios, que no fundo valle,
A rajada tombou.

E, finalmente, a pag. 149:

Inquietas na haste flexivel
A brisa as vem confundir
E a dôr as lagrimas soltas
N'um collar as sabe unir.

Estas manchas, quasi imperceptiveis nos versos do snr. Braga, apontam-se-lhe para que o numeroso poeta, de vez em quando, procure joias n'outros escaninhos dos seus thesouros de phantasia.

VI

Examinado em sua intenção philosophica, o poema das *Ceias de Nero* usa liberdades que seriam perigosas se não fossem pueris, e de mais a mais poeticas. Aquelle leão, que levanta a garra de sobre o evangelho de S. Marcos, e vai ao circo espedaçar christãos, e volta ao tumulo do evangelista a dizer-lhe ironias, e depois se posta novamente de sentinella ao livro sagrado, é um leão incongruente, contradictorio, e digno de que a gente de juizo não faça caso d'elle.

Por que é que o santo, de dentro da sua cova, lhe pergunta:

..... «Acaso
Dormes quieto o somno do jazigo?»

Pois quem dormia o somno do jazigo, era o santo ou a fera?

Fosse quem fosse, o leão foi, e viu a raça de Ænobarbo escondendo

«...a vergonha atroz da queda,
Nos retalhos da purpura, pedaços
Arrancados da tunica do Christo.»

Eu não me entendo com esta queda da raça imperatoria, nem com os retalhos da purpura arrancacados da tunica do Salvador. Que ha de commum entre a degradação de Nero e os preceitos de Jesus?

As ultimas linhas do poema fecham o pensamento desconcertado do illustre escriptor. O leão narra os improperios que ouviu, e as ulceras que viu, assim com uns geitos de severo moralista! O scelerado, que tirou as entranhas a Eurydêa e Licinio, a fingir-se depois espantado das infamias que presenciou! Leão que podia apostar em manha com as rapozas de La Fontaine!

Ora, S. Marcos não se espantou do que ouviu; mas não pôde deixar de ranger com os ossos,

«Ao pensar, que esse Verbo que elle adora,
Moloch, um dia, os filhos seus devora!»

Este dislate final—para lhe darmos um nome suave—tira ao poema todo o vislumbre de seriedade philosophica. Senão, seria necessario á razão e á piedade impugnal-o. Eu de mim abstenho-me de esgaravatar n'isto. Achei preciosissimas joias: o lixo, que

envolve e afeia algumas, que tenho eu com elle? N'isto de critica litteraria convém imaginar-se a gente aguia para se não andar de rastos á caça de moscas. D'aqui a poucos annos, o snr. Braga hade recontar-nos a historia de festim de Trimalcião, sem introduzir no drama a fera nem o santo. Se o não fizer, peor para elle, que permanecerá longo tempo nas verduras do seu admiravel talento.

CONCLUSÃO

Entre os restantes poemas das *Tempestades Sonoras* ha um que me parece o mais avantajado, e digno de camaradagem por igual illustre. É a *Velhice de Homero*. Figura-se-me que estou lendo um dos mais insinuantes e magestosos episodios das *Legendas dos Seculos*. Um livro assim composto de peças d'este acume e primor, seria dignissimo do titulo de *Visão dos Tempos*. As outras que não se compadecem com aquella rigorosa nomenclatura, nem caracterisam as épochas assignaladas nos prefacios do auctor, ficam sendo formosas visualidades, phantasias de mui alto engenho, que devaneia por céos estrellados, com o ouvido attento ao suspirar d'uma noite de agosto.

Concluindo, é de crêr que o snr. Theophilo Braga me queira honrar com o debate que me já offereceu com a sua carta publicada. Eu aprecio infinitamente o glorioso torneio de que eu, ainda mesmo ferido, espero sahir glorioso de tal contendor, e por ventura despersuadido d'estes juizos, que dessoam á razão do brilhante poeta.

JOSEPH GREGORIO LOPES DA CAMARA SINVAL

Camara Silval teria cêrca de cincoenta annos, quando subiu ao pulpito.

O templo estava cheio de mocidade, attrahida pela nomeada do eloquente professor. A curiosidade estimulára a gente de annos avançados, farta e descrida do engenho do clero novo. As damas, em grande numero, sobredouravam e lustravam o auditorio.

Appareceu o minorista Silval á anciedade de todos na tribuna religiosa.

Magnifico momento aquelle! Silencioso, era-lhe já applauso a nobreza, a solemnidade da figura. Brilhavam-lhe ainda os olhos, de cuja luz se lhe esclarecia a escampada fronte. Pela postura, altiva sem immodestia, denunciava-se para logo um discipulo da oratoria monastica aos que ainda alcançaram os raros, que dignamente a exercitaram. Antevia-se

qual devia ser a locução de Sinval em conformidade com o porte magestoso: estylo de imagens epicas, phrases cadenciosas e rythmadas, vehemencia e transportes.

Eis a primeira impressão.

Sinval declamava sonoramente: feria cada syllaba da palavra com musical accentuação; correcto, sem demasiar-se no toque das desinencias—excesso que orça pelo defeito—exprimia a palavra com graciosa e portugueza limpidez. Era já prazer ouvil-o, ainda antes de lhe entender bem no amago a profundeza, por vezes ennublada, do pensamento.

Por que vem este homem encanecido ao pulpito? —perguntaria algum ouvinte mais desprendido do panegyrico de S. Philippe Neri, que o professor da eschola medico-cirurgica prégava.

Desejo de gloria, conquistada no mais ingreme da montanha, onde a vaidade a persegue? Vaidade de alliar á nomeada obtida no magisterio das sciencias positivas o renome de abalizado theologo?

Conversão no declinar da vida para os declives escuros que levam aos penetraes da eternidade?

Ascetismo? exaltação religiosa? ardor de missionario? intento de ganhar almas com o extraordinario arrojo de entrar na ganancia d'ellas, pela mais angustiada sahida dos gozos mundanos?

A estas perguntas, envenenadas talvez com o sorriso da incredulidade, respondeu Sinval assim do pulpito:

«Aos quatorze annos de minha idade, e no dia em que a santa igreja celebra a Conceição da Vir-

gem Mãe; acabando de me ser lançadas as vestes do sagrado instituto neriense; ao vêr-me proclamado e reconhecido filho vosso [1] (ambição de todos os meus dias, desde o uso da razão), senti-me tão feliz (e o era!), cheio de tantos e tão grandes beneficios n'este só beneficio, que, para desafogo dos sentimentos de gratidão, que me não cabiam no peito, e occorrendo-me aquillo do Exodo: «consagra-me o teu primogenito» prometti ser o vosso panegyrico o primeiro sermão que prégasse. Imperiosas razões de familia, segundo as leis do sangue, me violentaram a deixar a vossa casa.

«Vós bem sabeis, que eu não falto á verdade quando affirmo que de bom grado preferiria que me arrancassem as entranhas, a ser arrancado dos braços de meus superiores, de meus mestres, que tão dignamente vos representavam! Outra carreira, outro destino mui diverso me aguardava [2].....»

O orador, interrogado pelo silencio dos almotacés do fôro intimo, respondêra com aquella simplicidade affectuosa e compungida. Era a verdade, a verdade estreme, que eu lhe tinha ouvido em conversações intimas, em communicativas expansões de duas almas, que haviam provado o travor de muitas das maiores angustias d'este desterro.

Sinval fallava-me com saudade do seu convento, dos seus padres, dos seus mestres, da sua infancia, dourada de piedade e esperanças. Como a saudade

[1] O orador apostrophava o patriarcha S. Philippe Neri.
[2] Sermão de *S. Philipe Neri*: o primeiro d'esta collecção.

era pura e digna de consolação, o céo dava-lhe lagrimas para allivio; e, chorando, aquelle gentil e gracioso velho espelhava nos olhos um coração novo, que ainda, cheio de vida, e resgatado das prisões em que desfallecêra, se offerecia a Deus.

Matriculou-se, um dia, Camara Sinval nas aulas theologicas de moral e dogma. Isto foi materia de riso para um publico especialmente... risonho. Os professores d'aquellas cadeiras temeram-se de algum disfarçado philosopho, que ia acintemente desauthorar os compendios e os mestres. Em honra do proposito do alumno, sahiu a desfazer as suspeitas, o bispo D. Jeronymo Rebello, particular amigo de Sinval. [1] Passados mezes, o lente da eschola medico-cirurgica do Porto obteve licença de prégar, e do pulpito explicou, assim como eu a trasladei do seu sermão, a causa piedosa da sua investidura.

Eu abstenho-me, por duas graves razões, de firmar a minha opinião sobre o merecimento das orações posthumas—exceptuada uma—que se deram á estampa, com o benaplacito dos leaes amigos de Sinval, e mórmente do snr. doutor Velloso da Cruz, depositario dos manuscriptos do seu collega, e amigo muito do coração. Uma das graves razões é a incompetencia; porque requer muito saber o direitamente aquilatar obra, que não se pauta pelo molde d'uns escriptos, nos quaes a fórma é o essencial, e a idêa

[1] Era intento do illustre professor dedicar as suas orações, quando ellas fossem estampadas, ao prelado portuense. A estreita amizade, que os ligou, foi honra para ambos.

um accidente desnecessario ás decisões da critica. A outra razão é que estas orações, se fossem estampadas em vida do seu author, necessariamente haviam de ser com muito esmero ajoeiradas de superfluidades, imperceptiveis na declamação, e sensiveis na leitura. O snr. Camara Sinval nunca me manifestou o minimo desejo de imprimir os seus sermões; e, se eu, por vezes o incitava a publical-os, recusava-se dizendo que lhe seria menos custoso fazel-os que refazel-os. Era modestia a razão da recusa; mas isto importa para bem avaliarmos a muita lima, que elle daria aos seus escriptos, antes de imprimil-os.

No entanto, a opinião corrente dos entendidos em materia de eloquencia sagrada foi sempre favoravel ao snr. Sinval, se bem que os theologos o tivessem em conta de menos abastado que o desejavel em citações dos santos padres. Estes theologos, sedentos de latim, ignoravam que o snr. Sinval sábia mais latim, e mais trechos dos santos padres que uma Sorbonna. Em controversias religiosas, era um manancial de textos, com que a minha pobre philosophia se ia vencida de evasiva em evasiva pelas veredas da razão, em quanto elle, furtando-me as voltas, me sahia com os santos padres, e com o latim de todos elles.

Em oratoria sacra, o meu amigo sacrificára ao tempo alguns preceitos e exemplos de seus mestres, e famigerados oradores da sua mocidade. Não sacrificára os atavios excessivos da linguagem, porque não podia: nenhum homem do maior e mais flexivel engenho póde roubar-se de todo em todo ás formu-

las em que lhe vasaram o espirito nos annos da educação litteraria. Sinval compunha lentamente, declamava cada periodo, repetia e corrigia a phrase destoante, gostava da oração larga e sonora, sahia-se mal e acanhado na dicção concisa, derramava-se em lyrismos como a pesada lyra dos árcades os exprimia: era em fim o que ha cincoenta annos foram os talentos de primeira plana.

Se, todavia, isto era um *se-não*, que ardentes transportes, que enthusiasmos a sua, um tanto diffusa linguagem, lhe enfeitava!

A onomatopeia, na palavra e no simile, era a sua rethorica predilecta. Póde ser que a sobejidão dos termos comparativos destoasse na audição d'um publico extranho ás fórmas explendidas; porém, quantas translações lhe ouvi eu com dissabor, que me parecem agora formosissimas na estampa! O poeta revê n'estas prosas, não sempre o poeta biblico; mas, assim mesmo, não ha ahi termo, que deva acoimar-se de profanidade intrusa e desajustado ao quadro religioso.

Alguma vez me pareceram nublosas e abstractas por de mais as orações do meu amigo. Uma ahi está proferida no templo de S. Francisco, do Porto, em 15 de Dezembro de 1851. O assumpto era a immaculada Conceição. N'um periodico religioso d'aquelle tempo, escrevi uma breve analyse ao magnifico sermão, e lembrei ao orador, assim erudito que despresumpçoso, a obrigação que lhe corria de se descer até ao povo inculto, attendendo menos á minoria das intelligencias. Lembrei-lh'o com as palavras de

Luiz Muratori, o author do precioso livrinho intitulado *Eloquencia popular*.*

Para ajuizar-se de uma das excellencias de Camara Sinval—a modestia, não enroupada nas transparentes humildades do orgulho—vem a ponto aqui trasladar um periodo da carta que, alludindo á minha analyse, o eminente orador me escreveu:

« . . . . . .

«Tem V. muita e muita razão. Clareza é a primeira virtude de todo o discurso oratorio. Mas que quer o meu amigo? Ser claro, para todas as intelligencias, em um sermão de Mysterio, de proposição, senão nova entre os theologos, de certo menos commum nos auditorios, e isto no improrogavel praso (como insinuações de toda a parte me recommendavam) de meia hora... oh! difficuldade é esta inteiramente superior ás minhas fracas forças. Tal a reputei desde o esboço do papel a que me refiro, e por isso nem sequer me propuz luctar por vencel-a...»**

* Cito as palavras do singelo e profundo escriptor: são conselhos que vão sempre bem deparados: « Dous generos ha de eloquencia: um, a sublime: outro, a popular. Com a *sublime*, formam-se discursos ricos de idéas grandiosos, engenhosos argumentos, brilhantes expressões, e arredondados periodos. Com a *popular*, expõe-se chãmente as verdades eternas, e ensinam-se ao povo cousas do alcance d'elle, em estylo simples e familiar, de modo que o ouvinte possa comprehender o que lhe foi enunciado. Não é sómente a sabios que fallaes da cadeira da verdade: fallaes tambem a ignorantes, os quaes, pelo ordinario, são a maior parte do vosso auditorio. Assim é que muito importa fallar sempre de modo chão e popular... Tão caras são a Deus as almas dos doutos como as dos indoutos, e o orador tem de obrigação ser prestativo a todos, sem estremal-os, conforme o dizer do apostolo: *Sapientibus et insapientibus debitor sum.*

** *O Christianismo*, n.º 2, de 10 de Janeiro de 1852.

D'este incidente, que mais nos aproximou, colhi eu a satisfação de ser honrado com a leitura dos sermões do meu amigo, consoante elle os ia compondo. Á leitura seguiam-se muitas, mas fugitivas horas de seductora palestra litteraria. Náo eram já assumptos religiosos: eram bellos relanços da idade de ouro latina: Horacio e Virgilio que elle recitava como o abecedario; Seneca e Terencio; Tacito e Cicero; os poetas portuguezes de D. João III; os proloquios rythmados de Sá de Miranda; os chistes peregrinos de Gil Vicente; o Camões, nos mil casos em que vem a talho as maximas que lhe douram o bronze da sua perpetuidade, *a honra incorruptivel de Portugal*, como Sinval denominava os Lusiadas.

E de permeio, n'estas incansaveis tiradas de variadissima erudição, com que engenho e opportunidade o dizerto professor matizava os discursos de facecias delicadas, nobres, sem laivos de plebeismo nem intenção amphibologica de má toada em ouvidos discretos! A proposito de qualquer mágoa que vos annuviava o semblante de tristeza, referia-vos elle anedoctas analogas á vossa situação, umas para vos dar alma com exemplos de infortunios maiores; outras para vos obrigar a rir dos proprios infortunios, com tanto que tivesseis a felicidade de saber a latinidade dos chronistas da vida anecdotica de Roma ou Grecia — que Sinval estudava os homens e as paixões nas sociedades antigas. Os homens d'este seculo dizia elle que eram formigas para se estudarem com o microscopio; ao passo que o vasto coração da humanidade velha pulsava em peitos de ele-

phantes, e os éstos d'aquelles enormes vultos abalavam o mundo, quando o peito lhes arquejava.

Um homem assim, como predistinado a fallar permanentemente em congregação de sabios, devia de parecer semsabor e inutil em um salão, onde a bagatella, e a futilidade reinam e conquistam ouvidos e olhos quando o coração não vai tambem desnorteado por esse magnetismo fatalmente absurdo.

Pois não vi ainda homem que prendesse com tão fidalgas maneiras, e narrativas graciosas, as pessoas que se temem dos sabios, como de importunos, que entram nos salões com sombria catadura, e o mau ar de quem vai chamar a juizo a ignorancia publica! Se Camara Sinval encontrava, ao par de uma senhora de meão entendimento, um caturra, explicando a Ursa menor, salvava a dama da fereza d'aquelle urso maior, contando uma historieta ridentissima a proposito da astronomia. Se uma creancinha se achegava d'elle, tomava-a nos joelhos, e fallava á creancinha a sua linguagem.

Era o homem querido de toda a gente, menos d'alguns discipulos com quem o severo lente andou sempre mal avindo.

Camara Sinval não podia conformar-se com a insciencia litteraria dos seus alumnos. Não os punia por ignorarem a materia da aula; reprovava-os por terem chegado ao fim da carreira medico-cirurgica sem saberem traduzir correntemente um aphorismo de Hippocrates, vertido em latim de missal.

A imprensa, uma ou outra vez, foi o respiradouro do estudante ferido nos seus creditos littera-

rios. Sinval não respondia, nem se acautelava dos avisos e ameaças. Ás minhas reflexões, que elle indulgentemente escutava, respondia : «Era obrigação minha reprovar um ignorante. Se este me matar, não hei de ser eu a unica victima, assim que lhe derem cartas de medico.»

Sinval tinha horas de cerrada tristeza. Empallidecia como se a aza da morte lhe congelasse o sangue d'aquelle rosto ainda ha pouco aberto e alegre. Então era o dorido recordar-se dos seus amigos extinctos, dos seus mestres queridos, das alegrias da sua mocidade mortas com elles. Nunca lhe esqueceu, n'essas horas, Lima Leitão, o traductor de Virgilio, e Milton, e Lucrecio, o lente da escóla medica de Lisboa, que morrêra desamparado após mui longos paroxismos de fome. Chorava, e vociferava contra a ingratidão da patria, que deixava perecer entre mãos de ignobeis inimigos o mais culto, e laborioso, e desajudado escriptor. Póde ser que a muita amizade de Sinval ao seu mestre lhe falseasse as côres do prisma por onde Lima Leitão devia ser examinado. Como quer que fosse, Camara Sinval desvariava imprecando, e fazia-se respeitar, chorando sobre o infausto fim do sabio, que o leitor, a esta hora, esqueceu já.

« . . . . . *Meus tristes olhos!*
« *Por invencivel suffusão tapados!*

Exclamava, uma vez, o meu amigo, com doloroso enlevo, após o recolhimento d'alguns minutos.

— Que é? — perguntei.

— É um verso de Milton, no cantico *Ao sol*, traduzido pelo meu chorado mestre Lima Leitão. Ouça!

E repetiu tres vezes o hemistichio, e o verso, com a face lavada em lagrimas. Que bello coração! que seio tão de ouro para guardar a memoria santa dos amigos infelizes!

Os mais occupados e jubilosos dias dos seus ultimos seis annos foram certamente os que empregou na composição dos seus sermões. Trabalhava com amor, compulsava os livros das suas incessantes saudades, imaginava-se entre os seus congregados de S. Philippe Neri, remoçava, repovoava o seu mundo dos dezoito annos, sentia-se reviver no ambiente puro dos parcimoniosos gozos de quem suspirava pelo cubiculo conventual, com uma estante fradesca, e a paz e o desprendimento do mundo, e o silencio dos dormitorios, e a fonte da claustra, e a pratica illustradora dos anciãos, que o haviam bem-fadado para as glorias da cadeira evangelica. No ultimo andar do hotel-inglez da rua do Calvario, risidencia de Camara Sinval, presenciei eu muitas d'essas horas jubilosas, e muitas tambem das tristes. Alli foi que elle compoz os seus sermões, e na sonora sala, que lhe servia de ante-camara, os declamava, intermeando a recitação de memorias jocosas ou instructivas que lhe confluiam a proposito da palavra impropria, da figura desconveniente, da obscuridade metaphysica. Era prazer e lição, de fóra parte a honra que o versado orador me dava, admittindo-me ao concurso das raras

pessoas a quem elle, com infantil docilidade, submettia os seus discursos.

Observei qne Sinval, proferido o sermão, e recolhido do pulpito á sacristia, sentia uma especie de sobreexcitação de jubilo. Apertava estremecidamente ao peito os seus amigos, ria-se-lhe o semblante, a dicacidade em torrentes de magnificas imagens não o extenuava por largo espaço. Via-se luz n'aquella brunida fronte, e á roda d'elle uma atmosphera iriada como a sentem e respiram as pessoas felizes da felicidade da intelligencia, sem mistura dos sobresaltos que seguem a felicidade transitoria. Fazia-me então mais pena; porque para homens assim os áditos dos conventos nunca deveram fechar-se; que a boa fortuna de espiritos d'aquella tempera ficou esmagada no limiar do frontal do templo. A vocação d'alma, o pendor, a inclinação de Camara Sinval era o pulpito. O magisterio das sciencias medicas fôra a necessidade, a violencia. Se nem ahi os creditos e a gloria lhe foram esquivos, é porque o seu talento era para tudo; em todas as emprezas havia de sahir-se com honra; porém, de coração e vontade ia tão sómente para os estudos saudosos de sua mocidade: nutrira então esperanças que já não podia consummir com a realidade de outras.

Aqui vinha de molde a biographia de Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval. Não sei senão os relêvos principaes de sua vida. Ouvi dizer que da casa de S. Philippe Neri passára para bordo de uma nau, onde encetára a carreira da Marinha como aspirante, e d'aqui, reagindo á violencia que lhe fa-

ziam, optára pela carreira de cirurgia na escóla antiga de Lisboa. Com a reforma das escólas, foi despachado Sinval para a do Porto, e desde logo se equiparou, como lente, aos mais distinctos, e, como lettrado, avantajou-se aos principaes. Adquiriu certa importancia politica nas agitações eleitoraes da primeira década da restauração da liberdade. Foi coronel do batalhão academico. Os irmãos Passos respeitavam-no, e ponderavam os seus conselhos, tanto mais de receber quanto o desinteresse e desapêgo de vantagens em melhorias de vida lhe authorisavam a rectidão do juizo.

Desde 1846, Camara Sinval alheou-se inteiramente da politica, e reconcentrou-se n'aquella triste introversão de homem enganado e desenganado pelos homens. Foi então, por ventura, que renasceram já tardiamente as aspirações oratorias dos seus annos verdes.

No penultimo anno de sua vida, Camara Sinval disse-me que ia a Lisboa a despedir-se das suas antigas amizades, se alguma existisse ainda com vida ou com memoria. Não sei que toque de morte lhe amarellecia o aspeito n'aquelle dia! Como que haviam rodado quinze annos pesados de dôres sobre o pescoço alquebrado do homem, que se inclinava á sepultura! Perguntei-lhe de que soffria: disse-me que era o coração o receptaculo do veneno que o havia de matar.

Voltou de Lisboa, após breve ausencia. Perguntei-lhe se encontrára os amigos da mocidade.

— Uns mortos, outros velhos de inspirarem

maior compaixão que os mortos, outros desgraçados para fazerem maior dôr que os mortos e que os velhos. Não me pude vêr em Lisboa. Aquellas ruinas é que me abriram os olhos. Eu nunca devia ter lá ido!... Morreria cedo se não fugisse.

E, com os olhos marejados de lagrimas, fallou-me de homens, de mulheres, de gente que elle deixára vinte annos antes, nos jardins olorosos da vida, e encontrára, vinte annos depois, sentada no portico glacial da eternidade, a tiritar de frio e medo com os olhos cravados na escuridade d'além-tumulo.

Quando o animo se entra de semelhantes melancolias, a ave negra dos agouros da morte avoejou por sobre os tectos do homem que soffre. A vida está no fim. Os amigos, que n'ol-a douraram, já tem passado. As imagens memorativas da nossa infancia são corpos acurvados, olhos sem luz, labios sem risos, linguas sem calor do coração, cabeças desmemoriadas, velhos que balanceam á espera da ultima nortada que os tombe. Em redor d'estes simulacros, que nos apontam muda e acerbamente o passado, ondêa um ar acre e nauseativo de cadaveres. Ai d'aquelles que a essa hora ainda tem coração para se lembrarem do moço jovial que viveu n'aquelle velho que está chorando! Ai d'aquelles que não se esqueceram, porque os supremos desgraçados são esses!

E Camara Sinval, desde a sua volta de Lisboa, transfigurou-se. As intercadencias de contentamento nunca mais volveram. O amor ás glorias do pulpito já lhe não achou coração para o alvoroço. As musicas sagradas, e convidativas das almas enthusiastas,

conpungiam-no. Revelou o perigo de sua doença, e o presagio do breve termo com o mutismo extraordinario. Apertava a mão do amigo, e dizia: «Isto vai acabar.» A mim me disse poucos dias antes de sua morte: «Já mal sinto o bater do coração.»

Camara Sinval viu amigos fieis em volta do seu leito de agonia. Morreu pobre: se morresse rico, seria ociosidade dizer eu que os amigos lhe receberam o ultimo alento. Todas as demonstrações de sincero christão solemnisaram as suas derradeiras horas. Fez disposições de quem póde apenas dispor do que é immortal, e fica sempre memorando aos legatarios o coração do amigo. Deixou alguns manuscriptos, e muitos rasgaria ao avisinhar-se a morte. Esses seriam, a meu vêr, os mais preciosos para a sua historia, que a tivera complicada de dissabores, os quaes não podem ser relembrados n'esta pagina, nem já agora o serão jámais. Fechou-se com a memoria d'elles no seu vallo de terra sem nome, sem data, sem cobertura que lhe tolha coar-se á mortalha humida um raio do calor d'este mundo.

Dorme o teu somno infinito, urna quebrada, d'onde se vaporou o aroma, que querias, toda a vida, consagrar ao Senhor. Debaixo dos olhos do Summo Bem, deves ter encontrado as almas queridas que te bafejaram o coração na infancia, os mestres que amavas tanto, e que para as alegrias santas do serviço de Deus te ganharam o grande alento! Passaste, homem de bem, alma esclarecida, coração ardente do divino amor. Nem todos os teus vestigios se apagaram. Aqui deixaste um livro, que te será testemu-

nho da benção com que a liberalidade do Omnipotente multiplicou os teus talentos.

Porto, Outubro de 1864.

IGNACIO PIZARRO DE MORAES SARMENTO

O snr. Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento madrugou nas incruentas lides litterarias, terçou armas até ao meio-dia da sua gloria, e á hora de sesta já tinha abandonado o campo, onde hombreára com os mais destros lidadores.

Caso estranho!

Se os guarda-supras da alfandega de Minerva, a ralé das letras em Portugal, resistem á irrisão, teimam, porfiam, embirram em escrever até se fazerem despachar escrivães da mesa-grande, poetas epicos, historiographos, e republicos de polpa; se estes escalrachos, digo, não deixam a brecha, até os apanhar a morte, vingadora do senso-commum — pergunto eu: como póde ser que um escriptor de laureado renome, querido dos doutos, e acariciado dos meramente curiosos de litteratura amena, se re-

colha com metade de seus louros a uma quasi obscuridade, e deixe fenecer a outra metade, em mãos dos admiradores, que esperam iguaes ou melhores obras do auspicioso engenho?

A resposta é obvia. O snr. Ignacio Pizarro, a meu juizo, foi-se, nas boas horas, do vestibulo do templo para se não andar acotovellando com os flibusteiros de francezias, gentio gafado de toda a peste de estrangeirismo, praga que choveu ha trinta annos em Portugal, e que ainda agora, ás vezes, rebenta dos pantanos dos prelos, onde a novella franceza é espremida até exsudar todos os miasmas.

Ignacio Pizarro estreou-se escriptor, quando já tinha encelleirado farta colheita de noticias e linguagem, ceifadas no fertilissimo torrão dos escriptores patrios.

A vocação do poeta e romancista inclinava-o a poetar e romantisar a historia. Bem que a sua primeira educação litteraria corresse em Lisboa, no collegio dos Nobres, Pizarro, retirado á sua casa de Bobeda nos primeiros annos da mocidade, ahi foi que, por ventura, se refez de resignação, e logo de gosto, para esmiuçar chronicas, e explorar aquelles ricos veios não sómente de historia, mas tambem de muita philosophia, que se não tira a limpo sem lapidar com o esmeril da paciencia a bruteza primitiva de joias de muita estima.

Cuido que os primeiros escriptos do snr. Pizarro appareceram no *Panorama* em 1838, e na *Revista litteraria* do Porto do mesmo anno. «Mestre Gil» é o titulo do romance publicado n'aquelle pri-

meiro periodico, e reproduzido no Rio de Janeiro. O artigo da Revista do Porto, intitula-se «Memorias do dia 28 de Dezembro de 1838.» Não consegui haver á mão este escripto.

«Mestre Gil» é um bom modêlo de romances historicos. Comprehende os factos essenciaes do reinado de D. João II, sujeito que o snr. Pizarro detesta cordialmente, e eu tambem. Alli se descrevem verdadeiros e magnificos de terror os homicidios dos duques de Vizeu e Bragança. O illustre escriptor, vezado a esgaravatar na historia, suppriu no desenho do caracter moral do filho de Affonso V as lacunas que o villão temor dos chronistas nunca ousou encher. Os historiadores de Luiz XI, coevo de João II, deram fiel conta do despota francez. Os do Luiz XI de Portugal denominaram-n'o, á maneira de Garcia de Rezende: «mystico em todas as cousas... e de alto e mui ardido coração.»

Se estes estimados escriptos não foram os primeiros do extenso catalogo do snr. Ignacio Pizarro, certo avultaram para lhe revelar o nome e a consideração dos litteratos encartados.

Seguiram-se os dramas que tiveram grande voga, e suggeriram debates mais ou menos facciosos na imprensa de Lisboa, nomeadamente o «Lopo de Figueiredo.» Foi notavel a altercação de dous jornaes de 1839, o «Correio» e o «Director.» Francisco Adolpho de Varnhagem, moço de vinte annos, e sedento de gloria, com armas debeis para conquistal-a, aggrediu, mais apaixonado que douto, o drama de Ignacio Pizarro, exposto ás provas publicas,

e galardoado de applausos. Sahiu o auctor em defeza do seu escripto, e tão accesa a final correu a refrega, que já não houve o terminar-se, sem entrarem armas n'este certame litterario. O certo é que Francisco Adolpho de Varnhagem, algum tanto desairado no fecho da pendencia, fez-se de vela para o Rio de Janeiro, sua patria, e lá, mais enriquecido de saber e mais discretamente aconselhado no exercicio de sua sciencia, vingou altear-se a posição de creditos litterarios, que já agora podem emparelhar com os mais prestadios de Portugal. Se a consciencia de Ignacio Pizarro houvesse de molestar-se da catastrophe litteraria, que occasionou ao seu contendor da mocidade, o successo d'aquella aventura deve hoje redundar-lhe em muito contentamento.

Os dramas do snr. Ignacio Pizarro denominam-se:

Lopo de Figueiredo, ou a côrte de D. João II;

Diogo Tinoco; e

Henriqueta ou o Proscripto.

Os dous primeiros são historicos, e fielmente acostados ás chronicas. A linguagem é correcta, vigorosa, meã entre o classicismo dos historiographos e as locuções audaciosas ou romanticas d'aquelle tempo. Fallam os personagens uma linguagem, a um tempo, nobre e ajustada á intelligencia popular. Louvemos o selecto escriptor por se não haver desmandado em demasias de archaismos com que os dramaturgos contemporaneos, sob capa de restauradores da lingua, torciam e retorciam o pensamento á cata d'umas certas palavras com que as platêas se ficavam pasmadas e os lexicógraphos confusos.

O drama *Henriqueta ou o Proscripto* tem duas preciosas condições, então raras, e hoje inteiramente esquecidas: uma é ser em verso hendecasyllabo; a outra é guardar em rigor as tres unidades, preceito contra o qual já Garrett se havia levantado com grandes louvores d'aquella phalange de iconoclastas dos idolos de Racine e Corneille.

A meu vêr, o meu presado amigo Ignacio Pizarro não quiz, com o seu drama, lavrar protesto contra os reformadores, nem dar amparo ás pobres unidades foragidas ás vaias das turbas. O que s. exc.ª quiz e vingou foi escrever um drama consoante a arte antiga, e demonstrar que, sem desvenerar os mestres velhos, conseguia arrancar applausos á gente nova. E, de feito, a *Henriqueta* obteve no Porto repetidos teiumphos.

Em 1841 sahiu dos prelos do *Panorama* o *Romanceiro portuguez, ou collecção de Romances da historia portugueza.*

Este foi e devia ser o livro dilecto do snr. Ignacio Pizarro tanto quanto o foi do publico. Nenhum livro, em lingua patria e de cousas nossas, foi ainda lido com tanto amor. A dama da côrte e de côrte, a dama descuriosa de côrtes e obscura no seu solar provinciano, a filha do portuguez calça-de-couro á qual toda leitura de verso e prosa romanesca era defendida, todas leram, todas decoraram, e todas choraram pelas heroinas infelizes das mimosissimas e pungitivas trovas do seu poeta querido. E creio até que muitas o amaram por amor dos versos e por

amor d'aquelle gentil retrato do auctor que vem á frente do primeiro volume.

Por causa do sentido romance denominado *Duarte d'Almeida* andei eu por entre aquellas penedias do castello d'Aguiar; e, com os olhos postos na imaginaria ponte levadiça, era então o marejarem-se-me de lagrimas, recordando o alferes da bandeira decepado na batalha do Toro, quando, esquecido de que havia perdido as mãos na defesa da sua bandeira, queria tocar a sineta do castello, e chorava, e dizia ao pagem:

Fernão Telles, nem sequer
Posso tocar este sino!
Nada já posso fazer!
Ai de mim! cruel destino!

Eu chorava, e já tinha quinze annos n'aquelle tempo! Parece-me que tive coração com lagrimas até muito tarde.

N'este volume, convidam a reparo as trovas intituladas *Fr. Luiz de Sousa.* O que em mim suscita o reparo é ter o *Fr. Luiz de Sousa* d'Almeida Garrett apparecido tres annos depois. Quem houvesse lido as oitavas do snr. Pizarro, enfloradas com as peregrinas phrases do chronista de S. Domingos, na relação dos tragicos amores de Manoel de Sousa e Magdalena de Vilhena, sentiria para logo a sublimidade dramatica do successo: e, se o leitor tivesse em si o *ecce Deus* de Garrett, faria resaltar do poemeto do snr. Pizarro a formosa tragedia para a qual nunca se hãode esgotar elogios nem lagrimas.

A parte segunda do *Romanceiro* veio a lume quatro annos depois, e manteve os creditos da primeira. Esta longa interpolação dará a entender que o snr. Pizarro é tardio e moroso na composição. Errada conjectura. O auctor do romanceiro, se conseguia vencer os habitos da inercia, ou outros incentivos que o levavam para longe do seu gabinete, tantos annos saudoso d'elle, escrevia com admiravel facilidade e presteza, sem dar mais lima ao verso de que o faria á prosa. Seja-me testemunha o *Martim Affonso de Lucena,* romance final do 2.º volume. Tem sessenta paginas. A proposito d'este poema, diz o escriptor: «Estava acabada de imprimir a segunda parte do Romanceiro, e era minguado em tudo esse trabalho que havia feito. O meu estimavel amigo, que se havia encarregado d'essa penosa tarefa, escreveu-me dizendo-me que era necessario um romance mais, que enchesse algumas folhas de impressão, marcando-me oito dias uteis para o fazer! Forçado pela necessidade de satisfazer seu justo desejo, compuz o Martim Affonso de Lucena, sem ter, ao menos, tempo de corrigil-o! Ahi vai tal-qual o coração o inspirou.» E muito de coração gemem as trovas d'este magnifico poema, que, em quanto a mim, cede a primazia sómente ao *Pagem de D. Diniz.*

São dous peregrinos livros, que tem vida para dilatados annos. Muito ha que se não encontram nas livrarias, e não sei a que attribuir tamanha delonga na re-impressão de obra tão popular.

Em 1846, sahiram da estampa dous voluminhos de um romance denominado *O Engeitado.* Re-

cordo-me de ser trazida á imprensa a questão da prioridade do titulo em competencia com outro romance de Eugenio Sue tambem chamado *Martin, o Engeitado*. O snr. Pizarro demonstrou exuberantemente que não tinha para que fazer seu o titulo do romance francez, que ainda então não viera inquietar os animos captivos da litteratura mercantil do auctor do *Judeu Errante*.

É o romance do snr. Pizarro um escripto repassado de tristes verdades, e digamol-o assim, acidulado das lagrimas que tiram da alma dorida os infelizes sahidos das entranhas maternas para a desdita do desamparo, para o regaço de espinhos e viboras que a sociedade offerece ao engeitado, se lá no intimo do réprobo sem culpa chora a dôr do abandono. Este romance teve a ephemera vida de todos os romances; todavia, se a pureza da dicção fosse merito a conservar-se, o livro do snr. Pizarro devêra ainda agora ser posto em exemplo diante dos cerzidores de farraparias que escrevem e urdem costumes tão portuguezes como a linguagem com que os tecem.

O *Cantaro d'agua* é outro lindissimo romance, enredado com dexteridade, captivando a curiosidade ao passo que se desenvolve. Penso que não foi concluido este bello trabalho entre historico e phantastico. Alguns capitulos vi no *Pirata*, periodico litterario do Porto, e não me recordo de ter visto os ultimos, se foram impressos.

No mesmo jornal foi agradavelmente lida uma comedia do fertil escriptor, chamada *A Filha do Sapateiro*. Não me occorre pontualmente a intenção

d'aquelle escripto. Entre-lembro-me da graça portugueza com que se travavam os dialogos e peripecias.

Escreveu um opusculo politico o snr. Ignacio Pizarro, concernente aos successos da insurreição popular de 1846. Intitula-se *Memorandum de Chaves*. É uma honrosa e incontestada manifestação da influencia circumspecta que s. exc.ª exerceu n'aquella parte da provincia, e um desaggravo cavalheiroso de insinuações malevolas que sob capa se lhe fizeram na junta governativa de Traz-os-Montes. O *Memorandum* é livro que deve emparelhar-se com a sessão parlamentar em que o snr. Ignacio Pizarro, deputado em 1837-1838, impugnou e evitou a emissão do papel-moeda com que João de Oliveira, depois conde do Tojal, quizera brindar o paiz. Feito honrosissimo, e não imitado, praticou n'aquelle tempo o snr. Ignacio Pizarro, então moço de trinta annos, demittindo-se do parlamento, e depondo no estrado do throno a procuração dos povos, ao vêr que era só e inefficaz para pôr peito aos desvarios do governo. E nunca mais aceitou mandato ao parlamento.

Declinando já a mais litterario assumpto, visto que me propuz meramente bosquejar bibliographicamente o snr. Ignacio Pizarro, é tempo de lembrar que o eminente escriptor póde, sem temor de ser contradictado, irrogar-se a primazia do folhetim *humoristico*, segundo a phrase aforada, em Portugal. Foi para muita gente cousa ignorada quem fosse o author d'uns graciosos folhetins impressos na *Revolução de Setembro* de 1841, intitulados: «*Scenas da historia contemporanea.*» Ignacio Pizarro fez seu o

segredo, que irritava a curiosidade, e valia gabos e renome ao mysterioso folhetinista. Os folhetins de Cunha Souto Maior, modelados por aquelles, appareceram sete annos depois, e desde então é que, mais ou menos, nos démos todos ao *humor*, e tanto fizemos que tornamos as leitoras e leitores de mau humor comnosco.

Eis aqui, em resumo e de fugida, conforme a estreiteza do periodico m'a impõe, a noticia d'um optimo talento, o qual, para tudo possuir louvavel, anda comsigo mesmo em competencia de modestia. Muito imcompleto seria este esboço, se eu não indicasse os livros do snr. Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento. Eu disse pouquissimo, porque elles dizem tudo.

Releve-se-me não ter declarado que o snr. Ignacio Pizarro é fidalgo cavalleiro da casa de S. M. F., commendador de Santa Marinha de Lisboa, de Christo, de Isabel a Catholica, penso eu, morgado de Bobeda, sobrinho do general visconde d'aquelle titulo, e descendente do celebrado Pizarro, conquistador do Perú. Omitti estes apparatos estimaveis, porque tinha dito que o snr. Ignacio Pizarro era o AUCTOR DO ROMANCEIRO PORTUGUEZ. A arvore da fidalga estirpe por pouco se ia escondendo entre os nobilissimos e nobilitantes livros de s. exc.ª

INDEX

	Pag.
Duas palavras	5
D. João d'Azevedo.	7
José Barbosa e Silva	39
Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento	51
Ramos Coelho	57
Joaquim Pinto Ribeiro Junior	65
Coelho Louzada e Soares de Passos	111
Faustino Xavier de Novaes	129
Marqueza d'Alorna	141
Joaquim Pinto Ribeiro	153
Julio Cesar Machado	169
Ernesto Biester	179
Julio Cesar Machado e Manoel Roussado	189
Raymundo de Bulhão Pato	199
José Gomes Monteiro	211
Luiz Augusto Rebello da Silva	221
Theophilo Braga	229
Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval	267
Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento	283

LIVRARIA DE VIUVA MORÉ, EDITORA

BIBLIOTHECA MORÉ

CAMILLO CASTELLO BRANCO

AGULHA EM PALHEIRO, 2.ª edição—1 vol. 500
AMOR DE PERDIÇÃO, 2.ª edição revista pelo auctor — 1 vol. 500
AMOR DE SALVAÇÃO—1 vol. 500
DOZE CASAMENTOS FELIZES, collecção de pequenos romances; 2.ª edição revista pelo auctor—1 vol. 500
ESTRELLAS FUNESTAS—1 vol. 500
ESTRELLAS PROPICIAS—1 vol. 400
MEMORIAS DO CARCERE, 2.ª edição revista pelo auctor—2 v. 800
AS TRES IRMANS—1 vol. 500
ROMANCE D'UM HOMEM RICO; 2.ª ed. com um prefacio—1 v. 500
NO BOM JESUS DO MONTE—1 vol. 500
ESBOÇOS DE APRECIAÇÕES LITTERARIAS 500
UM LIVRO, 3.ª edição (no prelo).

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

A MOCIDADE DE D. JOÃO V, romance historico; 2.ª edição revista pelo auctor—3 vol. . . . . 1$500

JOÃO DE ANDRADE CORVO

UM ANNO NA CORTE, romance; nova edição revista pelo auctor —3 vol. . . . . 1$500

THEOPHILO BRAGA

VISÃO DOS TEMPOS—1 vol. (com o retrato do auctor) . . 500
TEMPESTADES SONORAS—1 vol. 500
POESIA DO DIREITO—1 vol. (no prelo)

ADRIÃO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO

O BUSSACO E A SERRA DA LOUZAN—1 vol. 500

FR. FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO (O FLAVIENSE)

DICCIONARIO GEOGRAPHICO DE PORTUGAL E SUAS POSSESSÕES ULTRAMARINAS—Nova edição consideravelmente augmentada e reduzida á moderna divisão territorial por *Manoel Bernardes Branco*—1 vol. em 8.º 800

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ANNOS DE PROSA, romance—1 vol. 8.º 500
DIVINDADE DE JESUS—1 vol. 8.º. 600

JOSEPH GREGORIO LOPES DA CAMARA SINVAL

SERMÕES, com uma introducção por C. Castello Branco—1 vol. 1$000

FRANCISCO SOARES FRANCO JUNIOR

O PRÉGADOR CATHOLICO, collecção de vinte e quatro sermões novos—1 vol. 8.º (no prelo).

A. GRATRY

MEZ DE MARIA, vertido em linguagem 240